



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

MÁRCIA HELENA FRANCO SANTOS GODOY

INTERDITO EM FAMÍLIA: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS (SEM-) SENTIDOS DO DISCURSO SOBRE O INCESTO CONSENTIDO

Campo Grande / MS
2013

MÁRCIA HELENA FRANCO SANTOS GODOY

Interdito em família: uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do discurso sobre o incesto consentido

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de Texto Oral e Escrito -
Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Campo Grande / MS
2013

G534i Godoy, Márcia Helena Franco Santos.

Interdito em família: uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do discurso sobre o incesto consentido / Márcia Helena Franco Santos Godoy. Campo Grande, MS: UEMS, 2013.

117 f.; 30cm.

Orientador: Prof. Doutor Marlon Leal Rodrigues.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2013.

1.Discurso. 2.Sentido. 3.Incesto consentido. I.Título.

CDD 20.ed. 808.53

MÁRCIA HELENA FRANCO SANTOS GODOY

Interdito em família: uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do discurso sobre o incesto consentido

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Produção de Texto Oral e Escrito - Análise do Discurso

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Paulo Cesar Tafarello
Universidade Estadual de Mato Grosso

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Edineia Albino Nunes Cerchiari - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Maria Leda Pinto - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Campo Grande / MS, 18 de dezembro de 2013.

Simples: a mim.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela oportunidade que tive de conhecer o universo discursivo e suas veredas.

Ao meu orientador, Professor Doutor Marlon Leal Rodrigues, por me presentear com o tema deste trabalho e me acompanhar na jornada.

À Professora Doutora Adriana Chaves e aos demais docentes do Mestrado, por terem me instigado à busca dos sentidos de meus propósitos.

À querida Marlene e aos demais funcionários da UEMS, por me mostrarem como um sorriso pode aliviar as andanças que nos levam aos sonhos.

À Marta, ao Magno e demais mestrandos da Turma 2012-2013 da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela generosidade do (com)partilhar.

Às mestrandas Melly, Soraia e Tania, orientandas do meu orientador, que, na caminhada acadêmica, se tornaram companheiras de ansiedade e de esperança.

Ao “Seu” Miranda e ao Anderson, que sempre me mostram a importância de parcerias, para que as trilhas sejam menos árduas.

Ao Professor-amigo Arnaldo, que me ajudou no “tracejar do mapa” dos percursos do incesto.

Às queridas amigas Ana, Edna, Helena, Tania e Vilma, por, na vida, seguirem sempre próximas de minhas angústias e realizações.

À Cláudia, ao Gérson e à Tainah, que amorosamente me acolheram, durante o trajeto dos estudos.

À minha mãe, aos meus sobrinhos, às minhas irmãs, às minhas tias-mães e aos meus sogros, pelo júbilo por meus avanços e pelo conforto em minhas paradas.

À saudade que sinto de minha avó e de meu pai, que me obriga a continuar a andar.

Aos meus cachorrinhos, por aquecerem meus pés nas madrugadas desbravadoras.

Aos meus filhos, por viajarem nos meus sonhos.

Ao meu companheiro, por deixar que, aonde vá, eu seja seu par.

A Deus, por, novamente, não me deixar desistir do caminho e por não desistir de mim.

Não tente entender pela inteligência, pela razão,
mas pelos sentidos, pela emoção, pela sensualidade
e, principalmente, pela ludicidade, quer dizer,
pelos jogos e pela brincadeira, como se fôssemos
crianças... não é possível nunca entender um amor,
sobretudo um amor incestuoso!

(Roberto Freire, *Liv e Tatziu: uma história de
amor incestuoso*)

GODOY, M. H. F. S. *Interdito em família: uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do discurso sobre o incesto consentido*. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande / MS, 2013.

RESUMO

A presente pesquisa trata de uma análise do discurso sobre o incesto consensual presente em narrativas da *internet*, sopesando os (sem-) sentidos da manifestação linguística do tabu proibitivo de ocorrência de relações sexuais entre familiares consanguíneos ou afins. Considerado o primeiro regramento humano, o discurso tabuísta do incesto é tratado como o elemento divisório entre o estado natural e o nível cultural do ser humano, embora essa norma discursiva nem sempre seja obedecida. Com o objetivo de analisar o discurso incestuoso de sujeitos dotados de plena capacidade física, intelectual e jurídica, além de apresar os significados históricos e as possíveis ressignificações do incesto, elegeram-se, como material, recortes de contos eróticos disponibilizados em sítios digitais adultos de Língua Portuguesa. Escolhidas no contexto virtual, as narrativas fornecedoras dos enunciados abordam experiências sexuais intrafamiliares anuídas, de diferentes graus, que, mesmo se fictícias, são construídas pelo interesse incestuoso discursivo. Partiu-se da hipótese de que, assim como todas as práticas sociais, a manifestação discursiva sobre o incesto está apta à reformulação e ao exaurimento de seus sentidos. Para a apresentação de possibilidades analíticas ao discurso da proibição à prática do incesto, considerou-se relevante propor reflexões sobre o mecanismo ideológico de assujeitamento dos indivíduos em seus processos históricos, que faz com que determinadas regras tabuístas sejam cumpridas mesmo que suas origens normativas não sejam presumíveis. O quadro teórico adotado abrange contribuições da Análise do Discurso de linha pecheutiana/orlandiana e de outras áreas, como Biologia e Direito. Quanto à metodologia, o estudo é analítico-qualitativo, considerando a proposta de se examinar um *corpus* delimitado qualitativamente no universo discursivo. Os resultados da pesquisa mostram que o discurso sobre o incesto consentido não nega o discurso tabuísta de proibição à prática sexual entre parentes, nem lhe imprime novos sentidos, pois, para significar, ele, factualmente, reafirma a condição impeditiva do interdito.

Palavras-chave: Discurso. Sentido. Tabu. Incesto consentido.

GODOY, M. H. F. S. *Interdict family: an introduction to the study of (non-) senses the discourse on incest consented*. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande / MS, 2013.

ABSTRACT

This study is an analysis of speech in this consensual incest narratives of the internet, eighing the (non-) sense of the linguistic manifestation of the taboo forbidding the occurrence of sexual relations between relatives by blood or marriage. Considered the first rule human, the discourse of the incest taboo is treated as the dividing element between the natural state and the cultural level of the human being, although this rule is not always obeyed discursive. With the objective of analyzing the speech incestuous subjects endowed with full physical, intellectual and legal, addition to seize the historical meanings and possible reinterpretation of incest, were chosen as material, clippings erotic stories available on digital sites of Portuguese Language adults. Chosen in the virtual context, narratives supplier of statements addressing intrafamily consensual sexual experiences, to varying degrees, that even if fictitious, are constructed by discursive incestuous interest. We started from the hypothesis that the discursive manifestation of incest is able to recast and the depletion of their senses, like all social practices. For the presentation of the analytical possibilities speech ban the practice of incest, considered relevant to propose reflections on the mechanism of ideological subjection of individuals in their historical processes, that makes certain taboos are met even though its origins are not presumed normative. The theoretical framework adopted encompasses contributions Discourse Analysis line Pêcheux / Orlandi and other areas such as Biology and Law. Regarding the methodology, the study is analytical and qualitative, considering the proposal to examine a corpus qualitatively defined in the universe of discourse. The survey results show that the speech of consent does not negate the incest taboo speech ban the practice of sex between family members, or gives it a new meaning, therefore, to mean it, factually, reaffirms the condition precluding the interdict.

Keywords: Discourse. Sense. Taboo. Consensual incest.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1:** Mostra o grau de parentesco dos sujeitos envolvidos na prática incestuosa relatada nos enunciados escolhidos 67
- Quadro 2:** Mostra a nominalização dos autores-sujeitos, classificação etária, descrição física e outras descrições coletadas nos enunciados..... 68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	17
A ANÁLISE DO DISCURSO E OS TABUS: IDEOLOGIA E ASSUJEITAMENTO	17
1.1 Análise do Discurso, Ideologia e Assujeitamento.....	18
1.2 Totem e Tabu.....	23
1.3 Tabu da Sexualidade: Discurso e Desejo	26
CAPÍTULO II.....	32
INCESTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM INTERDITO EM FAMÍLIA	32
2.1 O Incesto: Definições e Especificidades Culturais.....	32
2.2 O Incesto na Bíblia e na Literatura.....	35
2.3 O Incesto: Tentativa de Classificação	38
2.4 Antes da Lei: O Discurso sobre o Incesto na Antropologia, na Biologia e na Psicanálise	40
2.5 O Discurso sobre o Incesto no Discurso do Direito	46
CAPÍTULO III	51
SENTIDO, SEM-SENTIDO E O DISCURSO SOBRE O INCESTO CONSENTIDO	51
3.1 A Análise do Discurso e a Produção de Significados	51
3.2 Formação Discursiva e Formação Ideológica: o Discurso em Ação.....	53
3.3 O Discurso sobre o Incesto Consentido: Efeitos de (Sem-) Sentido, Silêncio e Memória	56
CAPÍTULO IV.....	61
UMA METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O INCESTO CONSENTIDO	61
4.1 O Método para a Análise do Discurso: Seleção do <i>Corpus</i> e Análise.....	61
4.2 Recorte do <i>Corpus</i>	64
4.3 Identificação dos autores/personagens-sujeitos.....	66
CAPÍTULO V	70
OS (SEM-) SENTIDOS DO INCESTO CONSENTIDO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA	70

5.1 Os (Sem-) Sentidos da Submissão no Discurso sobre o Incesto Consentido.....	72
5.2 Os (Sem-) Sentidos da Discrição Concupiscente no Discurso sobre o Incesto Consentido.....	74
5.3 Os (Sem-) Sentidos da Fruição no Discurso sobre o Incesto Consentido.....	76
5.4 Os (Sem-) Sentidos da Utilidade no Discurso sobre o Incesto Consentido.....	78
5.5 Os (Sem-) Sentidos da Valoração no Discurso sobre o Incesto Consentido.....	80
5.6 Os (Sem-) Sentidos da Negação, da Loucura e do Pecado no Discurso sobre o Incesto Consentido	83
5.7 Os (Sem-) Sentidos do Amor no Discurso sobre o Incesto Consentido.....	84
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
 REFERÊNCIAS	90
 ANEXO A – OS CONTOS ANALISADOS	96
Conto 1: Meu irmão, meu amante	96
Conto 2: Eu aprontei e fui punida	97
Conto 3: Mamãe gostosa	98
Conto 4: Transei com minha irmã gêmea	99
Conto 5: Amante do cunhado	100
Conto 6: Eu e minha filha caçula	101
Conto 7: Aventura de férias.....	102
Conto 8: Fiquei com pena do meu avozinho.....	104
Conto 9: Mãe e filho – vida a dois	105
Conto 10: Minha sogra, quem diria!	106
Conto 11: Minha tia foi o meu presente de natal.....	107
Conto 12: Doce vingança... Traindo minha mãe.	109
Conto 13: Meu pai é o pai do meu filho	111
Conto 14: Minha prima é minha namorada.....	113
Conto 15: Minha irmã é a mais gostosa irmã do mundo.....	115
 ANEXO B – OS RECORTES.....	116

INTRODUÇÃO

Abordar a questão dos tabus ainda é bastante difícil, mesmo após todo o percurso histórico e científico já transcorrido pelo homem. Essa dificuldade é visível porque a maioria dos tabus parece se fundar além do discurso da racionalidade, originando-se com a própria formação humana. Assim, mesmo sem explicações lógicas ou determinações jurídicas, muitas ordens de ação ou omissão são cumpridas, sem que o impelido sequer perceba os motivos ou os interesses que o levam a tais comportamentos.

Considera-se que a constituição do discurso sobre os tabus corresponda à gênese do interesse humano à ordenação jurídica, pois as previsões tabuístas, originalmente, determinam condutas e prometem sanções à sua transgressão. Sabe-se que o discurso sobre os tabus adentrou as legislações dos países como, efetivamente, delitos puníveis pelo Estado. Citam-se, como exemplos, no Brasil, a proibição ao manuseio de cadáveres (salvo se permitida por excludente de ilicitude) e, na Áustria, o impedimento irrestrito ao incesto.

Avaliado como o mais polêmico dos tabus, o discurso sobre o incesto e as questões que com ele se relacionam ainda são silentes, embora se saiba que os relacionamentos sexuais entre parentes (consanguíneos e afins) são bastante frequentes. O mais comum, quando se aborda a prática discursiva incestuosa, é serem manifestadas experiências e opiniões sobre violência intrafamiliar, rechaçada legalmente e caracterizada por qualquer forma de abuso sexual de crianças e adolescentes e, nos adultos, pelo emprego de coação física ou mental.

Uma pesquisa realizada na França pelo Instituto Ipsos¹ e divulgada em janeiro de 2009 mostra que 3% dos franceses se declaram já terem sido vítimas de incesto e que 25% dos entrevistados conhecem, ao menos, um caso de relacionamento incestuoso. No Brasil, não existem dados específicos acerca do assunto, mas alguns trabalhos relacionados à violência intrafamiliar (AZEVEDO e GUERRA, 1989 e 1993; COHEN, 1993; SAFFIOTI, 1997; ALMEIDA, 1998) mostram que os abusos sexuais são um fenômeno social preocupante.

Como impedimento a qualquer tipo de abuso, parece justificável a manutenção do discurso da proibição do incesto, pois não se pode coadunar com a manifestação de violência, especialmente no espaço familiar. Entendendo-se que a família corresponde ao mais específico “aparelho ideológico do Estado” (ALTHUSSER, 1985), o ordenamento jurídico

¹ Disponível em: <http://www.ipsos.fr/ipsos-public-affairs/sondages/francais-face-1%E2%80%99inceste>. Acesso em: 14 abr. 2013.

nacional não aceita e reprime quaisquer práticas que possam causar danos à condição físico-mental de seus integrantes, precipuamente de crianças, adolescentes e mulheres.

Ocorre que, conforme se constituam juridicamente os “sujeitos” (ALTHUSSER, 1985) envolvidos, a prática sexual entre parentes pode, em muitos países e, especialmente, no Brasil, não constituir um problema legal. A proibição do incesto praticado por pessoas plenamente capazes constitui apenas uma questão discursiva de ordem religioso-moral que, embora tenha obediência arraigada, é passível de ser transgredida e de ter seu “sentido” (PÊCHEUX, 2012; ORLANDI, 2012-d), decomposto, como aconteceu com outros discursos tabuístas.

As reflexões apresentadas neste estudo resultam de questionamentos interessados na procura de assuntos que propiciassem a observação de um discurso “transgressor” que “negasse” a consolidação de uma “única via” de pensamento e/ou de tratativa de uma temática. Assim, optou-se pela abordagem do discurso sobre o incesto, mas por sua modalidade consentida, considerando-se que tal prática não configura manifestação de violência, em virtude da capacidade de anuência das partes envolvidas.

Com interesse nessa problemática, este estudo trata de apresentar uma introdução aos (sem-) sentidos do incesto consensual, propondo considerações acerca da formação dos tabus e sobre sua influência ideológica que, ao promover o assujeitamento dos indivíduos, tenta tornar latente certos anseios. Logo, este trabalho pretende analisar, por meio da Análise do Discurso de linha pecheutiana/orlandiana, a manifestação da “ideologia” (ALTHUSSER, 1985) do discurso sobre o tabu social da proibição do incesto e seus significados.

Explica-se que “Interdito em família: uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do incesto consentido” não se propõe a tratar do discurso sobre os abusos sexuais intrafamiliares, embora se respalde, também, na vasta bibliografia sobre o assunto. O que se pretende é uma análise dos discursos explicitadores de práticas incestuosas consentidas, averiguando como se materializa o sentido ideológico que faz com que sujeitos rompam com milênios de freios comportamentais e se refestelem em escolhas consideradas suas.

Sobre o título escolhido, em função de sua polivalência semântica, explica-se que, segundo Houaiss (2009), etimologicamente, a palavra “interdito” vem do latim *interdictus*, que significa “proibido, vedado”, podendo, então, sinonimizar o termo “tabu”. Para a Análise do Discurso, interdito toca a problemática do “interdiscurso” (PÊCHEUX, 2012; ORLANDI, 2012-a) e se refere, grosso modo, ao conjunto de elementos sócio-históricos e linguísticos que formam a memória discursiva, pois se entende que tudo o que é dito é um já-dito.

Ainda quanto ao nome do trabalho, entende-se que a expressão “uma introdução ao estudo” corrobora a compreensão de que, no ambiente acadêmico, não se pode considerar a

existência de esgotamento de reflexões acerca de qualquer assunto. Os temas polêmicos, precipuamente, exigem pesquisas que exponham visões de mundo diferenciadas, objetivando ao permanente e fundamental desenvolvimento científico, que tem deveres à sociedade e às gerações futuras.

Utilizando-se de um jogo de palavras, o termo “(sem-) sentidos” (ORLANDI, 2012-d) do título funciona tanto para definir o interesse da pesquisa de verificar a questão de significados do discurso sobre o tabu escolhido para análise, quanto para identificar a possibilidade de não existência de significações possíveis. Além disso, também se pode considerar a expressão como uma referência à faculdade de sentir, ou não, identificando tudo o que é passível, ou não, de ser captado pelo sentimento.

O nome do trabalho ainda destaca a palavra “consentido”, a fim de identificar a delimitação do trabalho, pois, como já informado, o que se pretende abordar é o discurso sobre o incesto consensual, ou seja, aquele praticado por parentes que tenham plena capacidade legal para o exercício de suas vontades. Novamente, pelo jogo de palavras criado, constrói-se uma relação de antonímia entre os termos “(sem-) sentidos” e “consentido”, propondo um primeiro convite à percepção da existência de diferenças ideológicas.

O discurso sobre o incesto, por sua característica tabuísta, aparece em espaços restritos, pois abordá-lo é provocar o contato com algo que parece não poder ser dito, apesar de habitualmente realizado (ou pretendido). Nos últimos tempos, no Brasil, especialmente na teledramaturgia, o discurso sobre o incesto tem sido divulgado, embora sempre seja apresentado de maneira romantizada, em contextos nos quais os sujeitos envolvidos são, inicialmente, desconhecedores da relação de parentesco.

O objeto escolhido para análise, nesta pesquisa é, assim, o discurso sobre o incesto consensual, entendido como a manifestação discursiva que relata a prática sexual entre parentes (consanguíneos ou afins) considerados na plenitude de suas capacidades jurídicas (maioridade e livre consentimento). Explica-se que, a fim de abordar o discurso transgressor à proibição do tabu do incesto e verificar seus (sem-) sentidos, o quadro teórico adotado abrange contribuições de várias áreas do saber.

A proposição inicial deste trabalho considera os indivíduos como sujeitos históricos, porque são organizados ideologicamente, em tempos e lugares específicos, que recebem e disseminam significados aos discursos, conforme as determinações históricas lhes impelem. Assim, esse entendimento mostra a relevância da pesquisa, considerando a necessidade de serem averiguados os mecanismos de significação envolvidos no discurso sobre o incesto consensual, que, ao transgredir o interesse tabuísta, firma novos (sem-) sentidos discursivos.

Logo, tem-se, como objetivo precípua desse estudo, analisar o discurso da manifestação do incesto consentido. Como objetivos secundários, busca-se: fundamentar as questões relacionadas a tabus; delimitar as especificidades relacionadas ao discurso da proibição do incesto; e, por meio da teoria da Análise do Discurso, verificar os (sem-) sentidos da prática discursiva que manifesta uma transgressão ao discurso proibitivo do relacionamento sexual entre familiares.

Esses objetivos foram incitados pelos questionamentos: Como se fundamentam os interditos? De que forma o discurso tabuísta corresponde à atividade de assujeitamento? Quem é o outro do discurso tabuísta? É possível atribuir um sentido original ao discurso sobre o tabu do incesto? Esse discurso contempla novos significados? Quais são os (sem-) sentidos atribuídos, discursivamente, à manifestação da prática incestuosa que, por não corresponder a um ato delitivo, pode ser compreendida como consentida?

Elegeu-se, como *corpus* deste trabalho, o discurso manifestante da prática sexual entre parentes (consanguíneos ou afins) de recortes de quinze narrativas eróticas coletadas de três sítios digitais de Língua Portuguesa. Essas narrativas foram selecionadas em julho de 2013 e escolhidas por apresentarem elementos discursivos identificadores da consensualidade, além de fornecerem uma amostra das possibilidades de relacionamentos incestuosos, considerando o tipo de parentesco.

Explica-se que esta produção verteu-se, inicialmente, ao discurso de praticantes do incesto, para que fossem respondidos questionários específicos, que corresponderiam ao *corpus* a ser analisado. Entretanto, constatou-se que, entre vítimas de violência incestuosa, há grande disposição à divulgação do assunto, fato que não acontecesse entre os praticantes de incesto consentido, que se mostraram pouco interessados na divulgação de suas experiências, mesmo com as devidas explicações sobre o sigilo nominal, na pesquisa.

Metodologicamente, após a indispensável fundamentação do estado da arte, elencaram-se e foram analisados, quanto a possíveis atribuições de (sem-) sentidos, fragmentos de narrativas eróticas (coletadas em sítios digitais de idioma pátrio). Considera-se que tal *corpus*, mesmo que não corresponda a experiências reais, materializa, por constituir manifestações linguísticas, o interesse por relações sexuais entre familiares, elaborando novos significados (ou não percebendo seus sentidos originais) à transgressão discursiva do tabu.

Dividida em cinco partes, esta dissertação apresenta, no capítulo 1, intitulado “Análise do Discurso e tabus: do instinto ao assujeitamento”, fundamentações da disciplina linguística materialista e dos interditos sociais, mostrando como a formação e a disseminação dos tabus serviram a específicos interesses. Dessa forma, pretende-se mostrar como determinadas

proibições sociais histórica e discursivamente constituídas foram utilizadas como mecanismo ideológico de contenção a intenções humanas.

Em “Incesto: considerações sobre um interdito em família”, o capítulo 2 desta dissertação, esboça-se uma tentativa de conceituar e classificar esse tabu, utilizando-se, principalmente, de referenciais antropológicos e psicanalíticos. Tal exposição culmina em reflexões sobre o entendimento jurídico (pátrio e estrangeiro) da tratativa discursiva do tabu da proibição do incesto, mostrando que, no Brasil, a prática sexual consentida entre parentes plenamente capazes não constitui delito penal.

A seguir, o capítulo 3, “Sentido, sem-sentido e o discurso sobre o incesto consentido”, aborda a questão dos significados, teorizando sobre a produção, a circulação e a mutação das significações discursivas. Essas considerações desencadeiam a abordagem da simbologia do discurso sobre os tabus, verificando a existência de justificativas à prática consensual do incesto entre familiares plenamente capazes ou que demonstrem o exaurimento dos sentidos históricos que mantiveram o discurso da proibição irrestrita de relações sexuais entre parentes.

“Uma metodologia para a análise discursiva sobre o incesto consentido”, o capítulo 4, traz explicações do método adotado para o estudo discursivo proposto na sequência da dissertação. Nessa parte do estudo, justifica-se a escolha do *corpus* e explica-se seu recorte, preocupando-se com a relevância do espaço digital na captação de material discursivo, precipuamente de assuntos polêmicos, considerando que, nesses ambientes, o anonimato torna, aparentemente, mais fácil e fluida a manifestação de discursos transgressores.

Finalmente, o capítulo 5, intitulado “Os (sem-) sentidos do incesto consentido: uma análise discursiva”, apresenta fragmentos de narrativas eróticas coletadas em sítios digitais de Língua Portuguesa que tematizam o incesto consensual. A análise dos discursos pode permitir a constatação de que, quando cometido com a anuência de pessoas plenamente capazes (maiores de 18 anos e que não sejam coagidas), o incesto parece adquirir sentidos específicos, por mudança de sua significação original ou por exaurimento de seu significado primitivo.

Recorda-se que, no desenvolvimento humano, muitos discursos tabuístas considerados basilares, como a menstruação e a homossexualidade, foram infringidos e legados à época atual como manifestação de respeito à alteridade quanto à abordagem de objetos e situações. Pretende-se mostrar, nesta produção, que o artifício ideológico do discurso sobre os interditos (que, inicialmente, parece ter servido para impedir o descomedimento humano) também está apto a ressignificações na prática das manifestações linguísticas.

CAPÍTULO I

A ANÁLISE DO DISCURSO E OS TABUS: IDEOLOGIA E ASSUJEITAMENTO

Ele [...] é seu parente de sangue. É errado [...]. É errado e pronto. [...] Ele nunca vai poder casar com você. [...] Você não sabe que [...] eles nunca vão deixar você se casar com o irmão do seu pai?
(EMMONS, 2012, p. 196)

Os estudos linguísticos mostram que todas as formas de expressão humana somente são possíveis graças à linguagem. Tem-se, dessa maneira, que, mesmo quando se intenciona proibir uma manifestação verbal, comissiva ou omissiva, por qualquer particularidade, a linguagem é o expediente utilizado como meio a tal tolhimento. Logo, pode-se considerar que foi a apropriação linguística que legou ao ser humano a percepção de seus desejos e que o conduziu ao seu qualificador de sujeito.

A abordagem dos tabus, nesse contexto, deve-se à linguagem, e os estudos de tais interditos tiveram imensurável contribuição a partir das propostas da Psicanálise e do Materialismo. Assim, a evolução científica tornou possível que a condição sagrada e/ou proibida de alguns elementos e fenômenos fosse questionada, considerando-se o indivíduo humano como uma criatura material que, ao racionalizar sobre sua característica biológico-instintiva, percebe-se como um ser histórico, ideologicamente construído.

A Análise do Discurso, por sua condição disciplinar intermeada (interseccionada entre a Linguística, o Materialismo e a Psicanálise) e seu viés social, parece ser afeita às pesquisas sobre formações e rupturas dos tabus, pois expõe a opacidade dos discursos que os justificam ou os rompem. Nesse interesse, a seguir, serão abordados conceitos e perspectivas da Análise do Discurso e dos tabus, interessando-se na constatação de que uma das implicações originais do discurso tabuísta pode ter sido a tentativa de tornar latentes alguns anseios naturais.

Assim, neste primeiro capítulo, discorrer-se-á acerca da teoria da Análise do Discurso e da influência ideológica ao alçamento dos indivíduos a sujeitos, além de serem apresentadas as primeiras considerações sobre o sistema tabuísta humano. Essas fundamentações verterão, na continuidade do texto, aos princípios do interesse de proteção contra o discurso sobre o

incesto, marcado, desde a gênese da formação humana, como uma das mais horrendas práticas sociais.

1.1 Análise do Discurso, Ideologia e Assujeitamento

Ao apresentar uma análise cronológica da preocupação humana quanto à relação entre as palavras e o mundo, Araújo (2004, p. 09) expõe que “sem linguagem, não há acesso à realidade. Sem linguagem, não há pensamento”. Justificando o valor da linguagem, essa pesquisadora esclarece que “é na e pela linguagem que se pode não somente expressar ideias e conceitos, mas significar como um comportamento a ser compreendido, isto é, como comportamento que provoca relações e reações” (ARAÚJO, 2004, p. 09).

Tal entendimento constata a importância da linguagem para o desenvolvimento humano, ancorando a relevância das pesquisas vertidas à Linguística e buscando compreender a forma como o ser humano nomeia, identifica e interpreta seus pares e os demais elementos que o rodeiam. Esse interesse científico exige uma divisão na tratativa dos estudos linguísticos, em obediência a princípios metodológicos específicos e em respeito a interesses condizentes a cada área do saber.

Ao abordar as potencialidades de pesquisas sobre o assunto linguístico, Rocha Neto (2011, p. 39) assevera que “existem várias maneiras de se estudar a linguagem, da gramática à linguística todos fazem um recorte necessário à sua investigação”. Dessa forma, de acordo com o interesse do pesquisador sobre seu objeto de análise, elege-se determinado viés de observação e método, sempre buscando a melhor maneira de tratar o material linguístico a ser investigado e explicado.

Entre essas formas de abordagem, Orlandi (2012-a, p. 15) explica que “estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é a que deu origem à Análise do Discurso” que, “como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática [...]. Ela trata do discurso”. Como este trabalho se interessa pelo discurso que manifesta determinado tabu, ele filia-se teoricamente à Análise do Discurso, tornando fundamental que se discorra acerca das particularidades dessa disciplina linguística.

Sabe-se que, a partir do início das pesquisas, por Michel Pêcheux (1938-1983), da Análise de Discurso, na década de 1960, a linguagem é teorizada de forma distinta das demais áreas linguísticas, sendo entendida como a materialização/manifestação da ideologia. Essa ruptura científica marcada pelo interesse pelas releituras da Linguística, do Marxismo e da

Psicanálise mostra que a linguagem não se reduz à expressão do pensamento, nem é mero instrumento de comunicação.

Pêcheux e Fuchs (2010, p. 160) afirmam que a Análise do Discurso sopesa:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; 3. a teoria do discurso, como teoria das determinações históricas dos processos semânticos. Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica).

Entende-se que, mesmo tendo sido fundamentalmente influenciada pela Linguística, pela Psicanálise e pelo Materialismo, a Análise do Discurso não é uma miscelânea dessas áreas do saber, pois, como mostra Orlandi (2012-a, p. 20):

[...] se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga-se a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona a Materialismo pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Para Maingueneau (1993, p. 11), a Análise do Discurso “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. Assim, a linguagem, ao ser estudada por esse ramo linguístico, corresponde a um expediente de investigação que transmite, aos usuários da língua, um papel importante (pois eles são considerados), porém não central (em razão de que, mesmo que não percebam, esses usuários são “controlados” por mecanismos externos).

As conclusões de Orlandi (2012-a, p. 19) sobre os fundamentos da Análise do Discurso mostram que:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo com elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Assim, a Análise do Discurso credita ao usuário da língua uma importante participação no evento comunicativo, considerando o humano e todo o seu contexto histórico como fundamentais para a investigação linguística. Entende-se, também, que tudo o que é real na existência humana detém um valor simbólico e que os sentidos dos símbolos não são construídos de forma autônoma: não se tem controle sobre a maneira como a língua afeta os que dela se utilizam, pois esses são influenciados inconscientemente pela ideologia.

Para Althusser (1985, p. 81), a palavra ideologia foi criada por Cabanis, Destutt de Tracy, e outros, para denominar uma teoria geral das ideias. Marx (1987, p. 09), ao tratar desse termo, afirmou que ele “não tem história” e corresponde a um princípio de ideias e representações que sobrepuja pessoas ou grupos sociais. Ao refletir sobre esse significado, Althusser (1985, p. 83), porém, entende que, abordada dessa forma, a ideologia é “pura ilusão, puro sonho, ou seja, nada. Toda a sua realidade está fora dela”.

Utilizando-se da concepção freudiana sobre o inconsciente, Althusser (1985, p. 84) apenas considera cabível conceber que a ideologia não tem história somente se entendida como “[...] diretamente relacionada à proposição de Freud de que o inconsciente é eterno”. Althusser (1985, p. 85) defende, assim, que essa eternidade se relaciona à “transcendência a toda história”, significando “omnipresença, transhistória e imutabilidade”, entendendo, como Freud (apud ALTHUSSER, 1985, P. 85), que “[...] a ideologia é eterna como o inconsciente”.

A estrutura e o funcionamento da ideologia, para Althusser, são considerados por meio de duas teses polares que se complementam. Na chamada tese negativa, “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, considerando que as diversas ideologias não são “o sistema das relações reais que governam a existência dos homens, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais sob as quais eles vivem” (ALTHUSSER, 1985, p. 88).

Na tese positiva, Althusser (1985, p. 88) define que “a ideologia tem uma existência material”, alegando que a relação imaginária da tese negativa possui uma existência material, pois o indivíduo, ao adotar um determinado comportamento, concretiza práticas relacionadas a esse comportamento e age assim acreditando que tem autonomia para escolher e decidir. Entende-se, dessa forma, que a existência de crenças é material, porque, como explica Althusser (1985, p. 92):

O sujeito [...] atua enquanto agente do seguinte sistema (enunciado em sua ordem de determinação real): a ideologia existente em um aparelho

ideológico material, que prescreve práticas materiais reguladas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito, que age conscientemente segundo sua crença.

Conforme mostra Pêcheux (2009, p. 146), ideologia é o fenômeno que:

[...] através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc, evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

Constata-se, pelo exposto, que, ao contrário do que acreditam, os sujeitos não são efetivamente livres para escolherem suas crenças e manifestações discursivas, pois eles apenas exercitam relações imaginárias atravessadas por relações reais. Esse entendimento provoca uma ruptura na ideia de que a linguagem é transparente, pois, ao se interessar pela língua em movimento, a Análise do Discurso considera todos os elementos não expostos da contextualização social e histórica do objeto discursivo analisado.

Assim, investiga-se a ideologia materializada na língua, mormente ocultada pela crença dos indivíduos de que propagam suas próprias ideias e não juízos ideologicamente impostos por meio de discursos. Quanto a isso, Pêcheux (2002, p. 56) explica que “discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente) de deslocamento no seu espaço”.

As pesquisas que se filiam à Análise do Discurso se interessam pela historicidade dos discursos e como eles se concretizam nas práticas sociais, impregnadas pelo entendimento de Marx (1989, p. 23) de que é conhecida “apenas uma única ciência, a ciência da história”. A partir disso, percebe-se que todas as realizações humanas, inclusive as manifestações linguísticas, estão intrinsecamente ligadas ao que já foi realizado e a tudo o que anteriormente constituiu os discursos.

Araújo (2004, p. 223) explica que “os discursos não são conjuntos de signos (elementos significantes que reenviam a conteúdos ou representações), pois fazem mais do que designar: são práticas que formam os objetos de que falam”. Apreende-se, então, que palavras não são apenas simplificações de conceitos, pois não representam somente nomes:

elas constituem, factualmente, um caleidoscópio de significações, sendo disseminadas e interpretadas de acordo com o que permite a história do ser que a utiliza.

Orlandi (2012-a, p. 15) mostra que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Ao se considerar o discurso como manifestação inequívoca da materialidade das práticas sociais e se atestar a relevância da história e do contexto nas relações comunicativas, emerge-se a questão do assujeitamento dos indivíduos, por influência da ideologia.

Ao introduzir a noção de sujeito, explica Althusser (1985, p. 93) que, graças à materialidade das práticas: “1. Só há prática através e sob uma ideologia; 2. Só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”. Para esse autor, desde antes do nascimento, um bebê já se mostra constituído como sujeito, pois está definido que assim será, “através de e na configuração ideológica familiar específica na qual ele é ‘esperado’ após ser concebido” (ALTHUSSER, 1985, p. 98).

Althusser (1985, p. 97) defende que a ideologia e a interpelação de indivíduos em sujeitos são “a mesma e única coisa” produtora das evidências de assujeitamento e sentido, que geram, graças à ideologia, a ideia de que os interpelados não se submetem a nenhuma filiação ideológica. Essa evidência cria, como um “efeito ideológico elementar”, na concepção de Althusser (1985, p. 95), “sujeitos concretos, individuais, inconfundíveis e (obviamente) insubstituíveis”, que não acreditam que suas ideias não sejam suas.

A relação entre ideologia e sujeito permitiu que Pêcheux e Fuchs (2010, p. 162), a partir das reflexões de Althusser (retomando a teoria marxista), tratassem a ideologia como possuidora de uma existência material de funcionamento “determinado em ‘última instância’ pela instância econômica”. Isso porque a constituição ideológica é uma das condições não econômicas da “reprodução das relações de produção inerentes a esta base econômica” (PÊCHEUX e FUCHS, 2010, p. 162).

Apreende-se que a ideologia funciona por meio da interpelação, ou seja, na constituição dos indivíduos assujeitados em sujeitos ideológicos, que pensam deterem autonomia em suas escolhas, sem perceberem que, factualmente, são conduzidos. Assim, para Pêcheux e Fuchs (2010), os sujeitos direcionados preenchem seus espaços nas classes sociais que se antagonizam no modo de produção e se perpetuam graças à perenidade dos “aparelhos ideológicos do Estado”.

Esse termo cunhado por Althusser (1985, p. 68) representa os elementos mantenedores da reprodução do antagonismo de classes e designa “um certo número de realidades que

apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”. Considera-se que são essas instituições que determinam as ideias e os comportamentos que devem ser adotados pelos sujeitos, “imprimindo nos atos de sua prática material as suas próprias ideias enquanto sujeito livre” (ALTHUSSER, 1985, p. 90).

Percebe-se, então, que, desde o nascimento, os indivíduos se encontram assujeitados a constituições ideológicas, porque não há envolvimento social que não esteja vinculado a uma realidade previamente determinada. Assim, é por meio da ideologia que os sujeitos e grupos se reconhecem como pertencentes a uma idêntica ou diferenciada organização e é tal construção ideológica que determina a forma das dinâmicas sociais, preferencialmente perpetuando o entendimento de que tudo é como é porque assim sempre foi.

Para a Análise do Discurso, os sujeitos, afetados pela ideologia, disseminam e captam significados, conforme a ideologia da classe à que se filiam, pois não há sujeito que não esteja inserido em um contexto histórico e político, mesmo que não seja consciente dessa situação. Considerando a importância histórica de práticas sociais, na sequência, apresentam-se considerações acerca dos tabus e sua característica de proibir, discursivamente, determinados comportamentos humanas.

1.2 Totem e Tabu

O dicionário Houaiss (2009) define o termo “tabu” como uma “interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou linguagem”. Para Freud (1910, p.121) essa palavra é:

[...] um termo polinésio. É difícil para nós encontrar uma tradução para ele, desde que não possuamos mais o conceito que ele conota. A palavra era ainda corrente entre os antigos romanos, cujo ‘sacer’ era o mesmo que o ‘tabu’ polinésio. Também o ‘ayos’, dos gregos e o ‘kadesh’ dos hebreus devem ter tido o mesmo significado expressado em ‘tabu’ pelos polinésios e, em termos análogos, por muitas outras raças da América, África (Madagascar) e da Ásia Setentrional e Central.

Continua Freud (1910, p.121) a explicar que o termo tabu “diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. O inverso de ‘tabu’ em polinésio é ‘noa’, que significa ‘comum’ ou ‘geralmente acessível’”. Assim, completa Freud (1910, p.121), esse termo

representa “algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa acepção de ‘temor sagrado’ muitas vezes pode coincidir em significado com ‘tabu’”.

Durkheim (2009) trata dos tabus no domínio do totemismo, ou seja, na crença de que existe um parentesco ou uma afinidade mística entre cada grupo humano. Essa crença produz um conjunto de ritos e práticas que se associam através de um totem e criam um sistema de organização social baseado nessa característica comum. Freud (1950, pp. 07-08) explica o que é um totem utilizando-se da exemplificação de determinadas comunidades australianas, para quem, esse termo:

Via de regra, é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras). O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe. De tempos em tempos, celebram-se festivais em que os integrantes do clã representam ou imitam os movimentos e atributos de seu totem em danças cerimoniais.

Freud (1950, p. 08) também esclarece que “o totem pode ser herdado tanto pela linha feminina quanto pela masculina. É possível que originalmente o primeiro método de descendência predominasse em toda parte e só subsequentemente fosse substituído pelo último”. Além disso, o psicanalista (FREUD, 1950, p. 08) também explica que “a relação de um australiano com seu totem é a base de todas as suas obrigações sociais: sobrepõe-se à sua filiação tribal e às suas relações consanguíneas”.

Entende-se, dessa forma, que os totens, ao adquirirem uma condição de elevada importância aos membros de uma comunidade (valor que se sobrepõe aos laços tribais e consanguíneos), são envolvidos por significados e cuidados que os transformam em tabus, pois qualquer violação desses símbolos é entendida como uma gravosa ocorrência. Isso porque, ao ofender um totem, ofende-se a todos os integrantes do grupo que compartilham aquela afinidade totêmica.

Cascudo (2001, pp. 655-656) expõe que o significado de tabu tem duas acepções: uma relacionada ao que se entende por “sagrado ou consagrado” e outra que indica tudo o que é “lúgubre, perigoso, proibido ou impuro”. Ao tratar do tabu como elemento cultural, Cascudo

(2001, p. 656) especifica, nacionalmente, a condição de determinados interditos nordestinos, que acarretou, popularmente, a chamada “cultura do faz-mal”, que compreende uma:

série de atos, proibições que sua maioria não se apoiam em princípios de ética social, para o civilizado, ou da religiosidade ostensiva, nem mesmo em normas do senso comum, mas se mantêm em relação mágica – fonte ampla e primária de todas as proibições primitivas, uma como previsão de gestos simpáticos, que se poderiam tornar instrumento de situações inconscientes em censura.

Augras (1989) e Frazer (1982) entendem que a origem tabuísta não remonta, sempre, a um sentido ambivalente, ou seja, de que era imaginada como privações que poupavam os indivíduos de sujidades ou que impediam o elemento sacro de ser profanado. Assim, enquanto esse teórico trata o tabu como um objeto de temor e proibição percebido em diversas culturas (indicando somente a ideia de mácula, sujeira, poluição), aquela estudiosa sustenta que somente parte dos tabus tem dupla função.

Freud (1910, p. 18), informando utilizar “alguns extratos e resumos de trechos do artigo ‘Tabu’, da *Encyclopaedia Britannica* (1910-11), da autoria de Northcote W. Thomas, o antropólogo”, esclarece que existem várias classes de tabu, podendo ser:

[...] (i) naturais ou diretos, o resultado do mana (poder misterioso) inerente a uma pessoa ou coisa; (ii) comunicados ou indiretos, igualmente resultado do mana, mas (a) adquiridos ou (b) impostos por um sacerdote, chefe ou outras, pessoa; (iii) intermediários, em que ambos os fatores estão presentes, como na apropriação de uma esposa para o marido [...].

Quanto aos seus objetivos, ainda explica Freud (1910, p. 18) que:

[...] (i) os tabus diretos visam (a) à proteção de pessoas importantes - chefes, sacerdotes etc. - e coisas, contra o mal; (b) à salvaguarda dos fracos - mulheres, crianças e pessoas comuns em geral - do poderoso mana (influência mágica) de chefes e sacerdotes; (c) à precaução contra os perigos decorrentes do manuseio ou entrada em contato com cadáveres, ingestão de certos alimentos etc.; (d) à guarda dos principais atos da vida - nascimento, iniciação, casamento e funções sexuais etc. contra interferências; (e) à proteção dos seres humanos contra a cólera ou poder dos deuses e espíritos; (f) à proteção de crianças em gestação e de crianças pequenas que mantêm uma ligação especialmente forte com um ou ambos os pais, das consequências de certas ações e mais especialmente da comunicação de qualidades que se supõem derivar de certos alimentos. (ii) Os tabus são impostos a fim de prevenir contra ladrões a propriedade de um indivíduo, seus campos, ferramentas etc.

Lévi-Strauss (2011) afirma que o tabu representa formas, estratégias e meios criados e expressados pelo homem para se relacionar com a natureza de maneira ampla e/ou específica, apontando um ser social que se estrutura por meio de ética, moral, normas e instituições. Como esclarecem Martins e Monteiro- Plantin (s/d., p. 02), “é este o poder do tabu em nossas vidas: interditar religiosa, cultural e linguisticamente quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou quanto à linguagem”.

Acontece que, assim como todas as construções humanas, a formação, a disseminação e a manutenção do discurso tabuísta também são histórica e ideologicamente construídas. No empenho de se verificar a ideologia tabuísta e quem é o outro de seu discurso privativo, intenciona-se, na sequência, uma análise do poder e da influência do discurso sobre os tabus no processo que tornou latente o interesse pelo incesto, tentando reprimir, socialmente, essa específica forma de comportamento sexual.

1.3 Tabu da Sexualidade: Discurso e Desejo

Sabe-se que o discurso sobre a sexualidade, apesar de ser assunto amplamente difundido em determinados espaços, ainda contempla os tabus humanos mais complexos de serem abordados. Dessa forma, para se tratar qualquer tema relativo a sexo, na atualidade, é importante que sejam consideradas as implicações sociais e históricas da prática sexual, de forma a se compreender o motivo pelo qual os tabuísmos exercem tanta influência sobre as pessoas e de que maneira a sexualidade é retratada discursivamente.

Sobre o poder do discurso sobre os tabuísmos, Augras (1989) esclarece que a representação social dos tabus exerce influência sobre as pessoas em virtude da ambiguidade de seu significado, que oscila entre o sujo e a mácula e a prevenção contra perigos. Assim, questiona a autora se “não será o tabu algo tão universal, tão antigo, tão arraigado em nossos valores e costumes que tanto faz ser polinésio ou europeu, todos se sentem ao mesmo tempo atraídos e amedrontados frente a ele?” (AUGRAS, 1989, pp. 12-13).

Para Freud (1950), a dualidade entre os significados polares do termo tabu é apenas a representação de conflitos sociais, considerando-se a hipótese de que se crê ambivalente tudo o que se preza em demasia. Augras (1989, p. 39), entretanto, ao recordar a figura feminina como cerne de muitos interditos, esclarece que isso ocorre não por ela ser:

[...] particularmente “suja” ou impura nem que ela encarne a projeção dos desejos incestuosos dirigidos à mãe, como julgava Freud. É que a mulher, por ser elemento de ligação entre dois grupos, pertence a ambos e, por conseguinte, situa-se na articulação de dois sistemas mutuamente excludentes.

Ainda para Augras (1989), a duplicidade de sentidos tabuístas é bastante complexa, porque é necessário que se considere a capacidade humana de impor significados ao mundo, por meio da criação de símbolos, de categorias e de grupos de identidade. Devido a essa característica simbólica, a mulher pode ser entendida como um ser poderoso e ambivalente, capaz de transitar entre diversas categorias que representam conjuntos sociais incompatíveis, pois ela expõe, de maneira mais visível que o homem, a condição animal do ser humano.

Conforme continua a explicar Augras (1989), o discurso sobre o corpo humano também é matéria de muitos tabus, pois ele, ao pertencer, ao mesmo tempo, ao plano animal e à condição humana, é ambíguo e marcado pelo poder. Segundo ela, “pelos técnicas corporais, pelas tatuagens, marcas tribais, enfeites, roupas, a cultura transforma esse corpo, dá-lhe significações próprias, valoriza certas partes, desdenha outras, impõe tabus de comportamento e de linguagem” (AUGRAS, 1989, p. 41).

Augras (1989) esclarece que os órgãos sexuais, por exemplo, são as partes dos corpos responsáveis pela ligação entre os opostos e, por apresentarem certa duplicidade, são vistos como objetos interditos e, por isso, são conteúdos de discursos que, dependendo de quem os “manuseia”, adquirem características ambivalentes. Assim, além da figura feminina e da representação do corpo, percebe-se que os tabus remontam a tudo o que, pela ambiguidade, representa algum tipo de manifestação ideológica.

O discurso tabuísta pode ser entendido como um mecanismo de dominação, pois é marcado pela ideologia, ou seja, pelo que Chauí (1984, p. 78) explica como “um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos”. Na manifestação discursiva dos tabus relativos à sexualidade, percebem-se classes que têm interesses contrapostos: o outro do discurso tabuísta é o discurso transgressor, muitas vezes marcado como representação de doença mental ou de perversão.

Nesse sentido, emerge-se a sexualidade como campo profícuo à observação dos tabus, pois ela foi, historicamente, segundo Foucault (1999; 2006; 2007), tratada como forma de dominação. Para Foucault (1999, pp. 100-101):

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da

superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. Pode-se admitir, sem dúvida, que as relações de sexo tenham dado lugar, em toda a sociedade, a um dispositivo de aliança: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens. Este dispositivo de aliança, com os mecanismos de constrição que o garantem, com o saber muitas vezes complexo que requer, perdeu importância à medida que os processos econômicos e as estruturas políticas passaram a não mais encontrar nele um instrumento adequado ou um suporte suficiente.

Entende-se que, como todos os fenômenos históricos, a sexualidade e os assuntos relacionados a esse tabu foram influenciados pelas relações de poder determinadas pelo embate de classes. Assim, os discursos do sexo foram, conforme os interesses políticos e econômicos de cada época, alterados: as manifestações linguísticas acerca das relações sexuais foram substituídas pelas práticas discursivas do dispositivo de aliança e essas por outras tratativas, sempre de acordo com as necessidades do poder.

Na tentativa de comprovar que, a partir do século XVII, o capitalismo não foi um sistema repressor da sexualidade, Foucault (2006) observa que a Grécia antiga é marcada pela ostentação do erotismo e o filósofo utiliza esse período como demarcador da gênese do código moral que impõe regras ao sexo. Ao fazer isso, entretanto, ele refuta o papel central da sexualidade desde épocas primitivas e desconsidera, como afirma o trabalho de Lévy-Strauss (2011), que até os animais tratam a prática sexual conforme determinados regramentos.

Foucault (1999) explica que, após o Renascimento, a ideia de que o capitalismo ocasionou uma repressão ao sexo é apenas aparente, por ter existido uma internalização sexual gerada pelos poderes repressivos da sociedade. Nesse período, a Medicina e a Psicologia passam a exercer poder sobre o corpo, fazendo com que a sexualidade se submeta ao controle social. Para o filósofo, por meio de uma redução ao nível linguístico, o sexo parece ser reprimido e, dessa forma, usado como tentativa de dominação.

Nesse contexto, a sexualidade parece restrita ao plano linguístico pelo impedimento ou limitação da possibilidade de ser mencionada, pois, como esclarece Foucault (1999, p. 21):

Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo (o sexo) pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõem o silêncio.

Ocorre que, ao contrário do que essa ideia de censura propõe, o sexo, nos últimos séculos, não se silenciou, pois, apesar dessa temática se manter ausente em determinados contextos (como nas interações entre pais e filhos, professores e estudantes etc), falar sobre sexualidade tornou-se permitido, nos espaços autorizados pelo poder. Assim, definiram-se onde, como, para quem e quem poderia falar de práticas sexuais, ocasionando que, enquanto alguns ambientes marcam-se pelo silêncio sobre o assunto, outros o disseminam.

Para justificar essa opinião, Foucault (1999, p. 22) esclarece que:

Sobre o sexo, os discursos – discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto – não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII. Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos “ilícitos”, discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contra-efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado.

Como se observa, para o filósofo (FOUCAULT, 1999), a prática discursiva de manifestação da sexualidade produziu, por um lado, o crescimento de insultos a pudores propagados pelas regras de decência, e, por outro, o poder incitou que se falasse e que se ouvisse falar sobre sexo, de forma articulada e detalhada. Para explicar isso, Foucault (1999) referencia, historicamente, o sacramento católico da confissão que, na Idade Média, para que fosse válida, exigia um detalhamento pormenorizado de todo o ato sexual.

No período compreendido entre o Concílio de Trento e a Contra Reforma, a Igreja Católica recomendava a discrição e a reserva quanto aos assuntos da sexualidade, mas, com as medidas adotadas para impedir o crescimento do protestantismo, a confissão dos atos da carne voltaram a ser cobrados. Logo, as pessoas submeteram-se a regras para que pudessem examinar a si mesmas, em busca de qualquer interesse relacionado ao sexo, para que tudo passasse pelo crivo sacerdótico.

A partir desse período, não somente o ato em si deveria ser enunciado, mas também quaisquer manifestações do desejo. Esse processo fez com que a sexualidade ocupasse um espaço de oscilação, pois não podia nem ser silente, nem tratada com naturalidade. Lembra Foucault (1999, pp. 23-24) que “sob a capa de uma linguagem que se tem o cuidado de

depurar de modo a não mencioná-lo diretamente, o sexo é açambarcado e como que encurralado por um discurso que pretende não lhe permitir nem obscuridade nem sossego”.

Foucault (1999) enfatiza que esse interesse sacramental determinou a confissão dos atos contrários à lei católica da sexualidade e instaurou o discurso do desejo, fazendo com que tudo o que estivesse relacionado ao sexo fosse atravessado pela palavra. Para ele, “a interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil” (FOUCAULT, 1999, p. 24).

Essa tentativa de moralidade e de utilidade imposta pelo catolicismo foi extremamente útil aos mecanismos do poder, pois o sexo se relaciona a fenômenos considerados fundamentais às questões político-econômicas, como natalidade, mortandade, expectativa de vida, fecundidade, saúde, alimentação e moradia. Dessa forma, conhecer a sexualidade de determinado grupo é fundamental ao processo de dominação desse grupo. Sobre isso, Foucault (1999, p. 29) denuncia que:

Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais – exortações morais e religiosas, medidas fiscais – tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. Os racismos dos séculos XIX e XX encontrarão nelas alguns de seus pontos de fixação. Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e os usos que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática. Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções o investiram.

Essa abordagem racional do sexo ocupou o lugar da ideia moral da sexualidade, que passou a ser entendida como um problema de gestão administrativa. Assim, o poder público colocou o sexo a seu serviço, por meio do discurso, promovendo, como efeitos dessa prestação: inúmeras condenações judiciais por perversões, alçamento de irregulares sexuais à qualidade de doença mental, normas de desenvolvimento sexual, delimitação de desvios e controle institucionalizado das fantasias por meio de termos de abominação.

Para o filósofo, mais importante do que a constatação da serventia da sexualidade à reprodução das relações sociais é a observação de que, nos últimos séculos, o sexo passou por um período multiplicador. Como explica Foucault (1999, p. 38), “o século XIX e o nosso foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais”.

Essa dispersão é proposta pelos mecanismos de poder, que, ao serem legitimados pela ideologia dominante, difundem as ideias que lhes aprazem. Logo, como explica Garcia (1990, p. 51) ao tratar da difusão ideológica, “os grupos que propagam suas ideias, geralmente procuram evitar que os receptores possam perceber a realidade por outro prisma que não aquele que lhes é proposto”, impondo a falsa percepção de que os sujeitos criam seus próprios pensamentos e comportamentos.

No interesse de investigar o discurso transgressor contraposto ao tabuísmo da proibição do incesto, considerado por muitos como manifestação de doença mental ou de comportamento pervertido, passa-se, na sequência deste estudo, a considerações específicas sobre o tabu da proibição do incesto. Assim, no próximo capítulo, propõe-se uma tentativa de classificação desse fenômeno, mostrando o fundamento de sua proibição e algumas considerações sobre as legislações pátria e estrangeira acerca do tema.

CAPÍTULO II

INCESTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM INTERDITO EM FAMÍLIA

Quando o meu irmão se sentou ao sol e a sombra do seu rosto ficou projectada nas costas da cadeira, beijei a sua sombra. Beijei a sua sombra e esse beijo não o tocou, perdido no ar, fundido na sombra. O amor de um pelo outro é como uma extensa sombra que se beija, sem qualquer esperança de realidade.
(NIN, s/d., p. 34)

Sabe-se que proibição do incesto é praticamente universal e, em algumas sociedades, essa interdição alçou do plano discursivo tabuísta ao discurso legal, sendo esse impedimento uma determinação jurídica. Essa universalidade, entretanto, se mostra relativa quanto ao nível de proibição, pois, enquanto algumas culturas repudiam e repreendem a prática incestuosa, outras a toleram em situações específicas, como se conhecem, historicamente, os casamentos fraternos ocorridos na realeza do Antigo Egito e no Império Inca.

Por ser um assunto demasiado polêmico, a literatura promove a efervescência dessa temática, inspirada na tragédia grega edípiana. Como documento histórico-literário, também a Bíblia mostra relações incestuosas, ora autorizando-as por situações privadas, ora aplicando punições severas a quem não respeitasse a proibição do incesto. Assim, apesar de silente nos espaços sociais, esse assunto atravessa a existência humana, especialmente pela ambiguidade de sentimentos que evoca: medo/curiosidade, repulsa/atração.

Nesse contexto, este capítulo apresenta, na sequência, definições de “incesto” e suas características, mostrando também uma tentativa de classificação do termo e o discurso sobre o incesto como elemento literário. Além disso, discorre-se sobre as implicações religiosas e morais, biológicas, psicossociais e etnológicas do incesto, finalizando esta parte do estudo com considerações sobre os aspectos jurídicos do tema, na legislação nacional e em algumas estrangeiras.

2.1 O Incesto: Definições e Especificidades Culturais

A complexidade da problemática do incesto é tão óbvia que até a pronúncia da palavra

apresenta dupla possibilidade de articulação, quer seja oralizada com [ê], quer sonorize [é]. Segundo Borba (2011, p. 749), a determinação prosódica para a pronúncia exata de “incesto” define que ela seja realizada com [é], assim como faz Bechara (2011, p. 722), que também esclarece que “incesto” deve ser oralizado com a abertura da segunda vogal, erigindo a regra da preferência normativa quanto ao termo.

Biscaro (2003, p. 09) ressalta que “o incesto é um tema fascinante e complexo, pertence à história de cada homem, em particular, e da humanidade, como um todo. Em suas diferentes formas, concreta ou simbólica, provoca as reações mais diversas: medo, angústia, atração, curiosidade...”. Continua a estudiosa a afirmar que “como um fenômeno arquetípico, em seus aspectos criativos ou estagnantes, o incesto inscreve-se na psique de cada um de nós” (BISCARO, 2003, p. 09).

Para Razon (2007, p. 07):

A questão do incesto abala nossas referências, já que ele faz passar do outro lado do interdito, no avesso das palavras. A palavra “incesto” [...] faz parte de um léxico que remete cada um de nós ao registro do inominável e do impensável. Se a própria palavra é tabu, é por conter em seu sentido mais profundo a noção da impureza. Como se pronunciá-la de certo modo significasse realizá-la.

As palavras “incestualidade” e “incestual” foram criadas por Racamier (1983), para abordagem a pacientes esquizofrênicos. Em uma tentativa de definição do termo, Cromberg (2001, p. 28) expõe que:

A palavra “incesto” deriva de *incestum*, que quer dizer estritamente “sacrilégio”. *Incestum* deriva de *incestus* que significa “impuro e sujo”. *Incestus*, por sua vez, é forjada a partir do primitivo *in* e *cestus*, que é uma deformação de *castus*, que significa “casto, puro”. Assim, *incestus* tem também o sentido de “não casto”. Pode-se imaginar aí o cortejo de interditos feitos aos padres e às vestais. Mas com a evolução da língua, *castus* foi confundido com *cassus*, que significa “vazio, isento de”, até suplantá-lo como supino do verbo *careo*, que significa “eu falto”. Incesto, portanto, poderia aí ser traduzido sem exagero por “a quem nada falta” [...].

Biscaro (2003, p. 11) conceitua incesto como a “união sexual ilícita entre parentes consanguíneos afins ou adotivos”. Furlani (2009, p. 103) explica que essa expressão se origina na palavra latina “[...] “*incestus*” = impuro. Numa análise das práticas sexuais, o incesto refere-se às relações sexuais entre parentes consanguíneos (do latim “*consanguitas*” =

parentesco), ou seja, o que descende do mesmo tronco; o que apresenta pelo menos um ancestral em comum”.

Razon (2007, p. 08) esclarece que o incesto é “um ato de transgressão cometido sobre o corpo de uma pessoa com a qual existe uma relação de parentesco jurídico ou psíquico, isto é, um vínculo de sangue e/ou um vínculo simbólico”. Para Lévi-Strauss (2011, p. 63), “a proibição do incesto é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma”, ou seja, esse interdito foi o responsável pela estruturação que propiciou o alçamento da condição animal humana à sua fase de ser psíquico.

Apesar da universalidade do discurso sobre o tabu da proibição do incesto, sabe-se que alguns grupos humanos toleram o casamento incestuoso e, em determinadas situações, até o estimulam. Como explicam Goldenson e Anderson (1989, p. 34), por exemplo, “próximo à costa de Java, na Ilha de Bali, seus habitantes (os balineses), apresentam costumes sexuais que incluem o casamento entre gêmeos adultos, baseado na crença de que eles já foram íntimos dentro do útero materno”.

Boudaille (1974, apud RAZON, 2007, p. 08) informa que “no Ganda e em certas regiões da África, em Madagascar, na Polinésia e no Peru, os casais de irmãos são admitidos em certas castas”, enquanto “na China, o incesto consiste em casar com uma pessoa com o mesmo nome, sem levar em conta o parentesco ou não”. Goldenson e Anderson (1989, p. 34) também mostram que, entre os balineses, “curiosamente, há um tabu contra casamento entre aluno e professor, que, este sim, é considerado uma forma de incesto”.

Furlani (2009, p. 104) explica que:

Há culturas em que a ideia do incesto não se baseia na consanguinidade, mas sim associada a outras ideias consideradas proibidas. Um exemplo é o tipo de tabu de relacionamento incestuoso denominado incesto de leite. É verificado entre os muçulmanos, onde um casamento é proibido entre um homem e uma mulher que foram amamentados pela mesma mulher ou entre um homem e sua ama-de-leite.

Conhece-se que “entre os Kubao, da América do Sul, exige-se que o garoto tenha relação sexual com sua mãe para marcar oficialmente o início de sua vida sexual. Na África, um noivo Watusi deve fazer o mesmo como cura para a impotência em sua noite de núpcias” (GOLDENSON; ANDERSON, 1989, p. 146). Além disso, Goldenson e Anderson (1989, p. 267) informam que o ritual de iniciação indígena da tribo brasileira Tucanos exige que “[...] o menino tenha relações sexuais com sua mãe, na presença do pai [...]”.

Ao abordar a relatividade do discurso permissivo do incesto entre os membros de certas classes sociais, Razon (2007, pp. 08-09) assevera que:

A essência de uma dinastia se caracterizaria pela perpetuação de um sangue não “abastardado” através da união com um indivíduo que não pertencesse à nobreza. A pureza da linhagem passa pela reprodução e pela transmissão de um sangue “idêntico”. Assim, a nobreza europeia multiplicou os casamentos entre famílias de príncipes, todas aparentadas ao Reino da Inglaterra. Numa mesma linhagem, entre primos, alianças deram descendência entre os Habsbourg e os Bourbon. A referência antropológica mais conhecida é a da linhagem dos Ptolomeus no antigo Egito. O ritual das famílias impunha a união incestuosa entre a filha mais velha e seu irmão. Assim, em treze faraós, sete se casaram com a irmã; Cleópatra, vinda de doze gerações de incesto, casou-se sucessivamente com seus dois irmãos caçulas. Os faraós, assim como os incas se proclamavam divinos. A exemplo de seus “primos” gregos, um mesmo prazer os diferenciava dos mortais: o acesso ao gozo incestuoso.

Percebe-se, pelo exposto, que o discurso sobre o incesto marca-se por particularidades culturais e, quanto mais afeitas à estratificação, mais as comunidades legam a permissão da prática sexual entre parentes às camadas socialmente privilegiadas. Essa característica se diferencia nos textos bíblicos e literários, que mostram o discurso de permissão ao incesto em situações específicas, principalmente, nos textos religiosos, naquelas em que a ausência de parceiros sexuais diversos pode inviabilizar a procriação, como se perceberá, a seguir.

2.2 O Incesto na Bíblia e na Literatura

No Antigo Testamento, o livro bíblico mostra vários relacionamentos incestuosos, como o de Sara, que se casou com seu meio-irmão Abraão; o de Jacó, que, autorizado por seu tio, pai de Raquel e Lia, desposou suas duas primas; e o mais intrigante: o caso de Ló e suas duas filhas que, fugindo de Sodoma, embriagaram, seduziram o pai para que pudessem gerar descendentes em uma região desprovida de homens e geraram dois filhos (Moab e Amon) que originaram os povos moabitas e amonitas.

Apesar de a Bíblia divulgar o discurso incestuoso nessas situações específicas, ela condena, em Levítico (XVIII, 6-18), qualquer interesse de prática sexual entre familiares, propagando que:

Nenhum de vós se achegará àquela que lhe é próxima por sangue, para descobrir sua nudez. [...] Não descobrirás a nudez de teu pai, nem a de tua

mãe. Ela é tua mãe: não descobrirás a tua nudez. Não descobrirás a nudez da mulher de teu pai: é a nudez de teu pai. Nem a da tua irmã, filha de teu pai ou de tua mãe, nascida na casa ou fora dela. Não descobrirás a nudez da filha de teu filho ou da filha de tua filha, porque é tua nudez. Nem a da filha da mulher de teu pai, nascida de teu pai: ela é tua irmã. Não descobrirás a nudez da irmã de teu pai: ela é da mesma carne que teu pai. Nem a da irmã de tua mãe; porque ela é da mesma carne que tua mãe. Não descobrirás a nudez do irmão de teu pai, aproximando-te de tua mulher: é tua tia. Não descobrirás a nudez de tua nora: é a mulher de teu filho. Não descobrirás, pois, a sua nudez. Nem a da mulher de teu irmão: é a nudez de teu irmão. Não descobrirás a nudez de uma mulher e de sua filha, e não tomarás a filha de seu filho, nem a filha de sua filha, para descobrir a sua nudez: elas são tuas próximas parentas, e isso seria um crime. Não tomarás a irmã de tua mulher, de modo que lhe seja uma rival, descobrindo a sua nudez com a de tua mulher durante a sua vida.

As penas para as condutas incestuosas são marcadas, na Bíblia, com bastante severidade, intensificando o discurso imperativo ao respeito à regra tabuísta. Levítico (XX, 11-12) ensina que “se um homem dormir com a mulher de seu pai, descobrindo assim a nudez de seu pai, serão ambos punidos de morte; levarão a sua culpa” e “se um homem tomar por mulheres a filha e mãe, cometerá um crime. Serão queimados no fogo, ele e elas, para que não haja tal crime no meio de vós”.

Na literatura grega, *Édipo Rei*, de Sófocles (s/d.), mostra a tragédia da personagem-título que, sem conscientemente saber, mata o pai e se casa com a mãe, tornando-se, além de filho, marido da rainha. Ao tomar conhecimento do fato de que desposou sua genitora, Édipo fura os próprios olhos, punindo-se. Ainda na ficção, Dostoievski (s/d.) mostra, em *Crime e castigo*, que a personagem principal na obra mata uma idosa que simbolizava o incesto, repercutindo, na ficção, o pessoal e declarado fascínio do autor russo por sua mãe.

O conto de Perrault (1990) *Pele de asno* mostra a história de um rei viúvo que, após prometer à rainha que somente se casaria novamente com uma mulher mais virtuosa que ela, se apaixona pela própria filha. Ao se declarar e ser recusado pela princesa, o rei se aconselha com um velho druida que, motivado por interesses pessoais, aconselha o monarca a praticar o incesto, justificando seu desejo com o fato de que, qualquer menina, ao ser questionada, quando pequena, sobre com quem se casará, responderá que será com o próprio pai.

O alemão Thomas Mann, em *O eleito*, conta o relacionamento incestuoso de um casal de gêmeos nobres, que sucumbem à própria beleza ao perceberem a beleza do outro. Assim, Wigilis e Sibylla praticam o incesto e geram Gregorjus, que, posteriormente, se relaciona com a própria mãe. Nesse livro, Mann (2010) conta a história edipiana-cristã de São Gregório, que

se tornou Papa da Igreja Católica, após se redimir do incesto que o originou e do perpetrado por ele e sua genitora.

Em *O som e a fúria*, de William Faulkner, trata-se de dois tabus humanos: os discursos do incesto e do suicídio. Nessa obra da literatura americana, Faulkner (2002, p. 41) apresenta a personagem Quentin, que comete suicídio depois do casamento da irmã Caddy com outro homem, pois vive uma paixão obsessiva por ela:

Como se todos os sinos vibrassem ainda nos longos raios de luz que esmoreciam enquanto Jesus falava com São Francisco sobre a irmã. Se existisse apenas o inferno e nada mais. Se fosse tão simples como isso. Assunto arrumado. Se as coisas se acabassem em si próprias. Mais ninguém presente além de ela e de mim. Se ao menos tivéssemos podido fazer alguma coisa de tão terrível que todos eles tivessem fugido para os infernos, excepto nós. Cometi incesto [...].

Eça de Queirós, em *Os Maias*, mostra o discurso sobre o incesto ao apresentar o relacionamento dos irmãos Maria Eduarda e Carlos Eduardo, que, separados pela mãe, na infância, vivem uma paixão ao se reencontrarem, depois de adultos, em Lisboa. Para Queirós (1888, p. 250), a consumação do incesto animaliza as personagens:

A carruagem parára no Ramalhete. Egasubiu, como costumava, pela escada particular de Carlos. Tudo estava apagado e mudo. Accendeu a sua palmatoria; entreabriu o reposteiro dos aposentos de Carlos; deu alguns passos tímidos no tapete, que pareceram já soar tristemente. Um reflexo d'espelho alvejou ao fundo na sombra da alcova. E a luz cahiu sobre o leito intacto, com a sua longa colcha lisa, entre os cortinados de sêda. Então a idéa que Carlos estava áquella hora na rua de S. Francisco, dormindo com uma mulher que era sua irmã, atravessou-o com uma cruel nitidez, n'uma imagem material, tão viva e real, que elle viu-os claramente, de braços enlaçados, e em camisa... Toda a belleza de Maria, todo o requinte de Carlos desapareciam. Ficavam só dois animaes, nascidos do mesmo ventre, juntando-se a um canto como cães, sob o impulso bruto do cio!

Lavoura arcaica, de Raduan Nassar, também retrata discursivamente a relação incestuosa de André e sua irmã Ana, que termina com a partida de André, depois de ser rejeitado pela irmã-amante. No discurso sobre o incesto (NASSAR, 1989, pp. 95-96), a personagem masculina confessa que:

[...] foi um milagre o que aconteceu entre nós, querida irmã, o mesmo tronco, o mesmo teto, nenhuma traição, nenhuma deslealdade, e a certeza supérflua e tão fundamental de um contar sempre com o outro no instante de alegria e nas horas de adversidade; foi um milagre, querida irmã, descobrirmos que somos tão conformes em nossos corpos, e que vamos com

nossa união continuar a infância comum, sem mágoa para nossos brinquedos, sem corte em nossas memórias, sem trauma para a nossa história; foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família [...].

Nessas inscrições bíblicas e literárias, como se percebe, o discurso sobre o incesto é concebido somente no plano heterossexual. Conforme a explicação de Razon (2007, p. 07), o discurso tabuísta do incesto, muitas vezes, indica somente “[...] que foram consumadas ‘relações sexuais entre um homem e uma mulher, pais e aliados, num grau que acarreta a proibição do casamento’. Definir assim o incesto pressupõe um tipo único de passagem ao ato: entre dois adultos consanguíneos e de sexo oposto”.

Furlani (2009, p. 103) também problematiza a limitação classificatória do incesto, ao salientar que a maneira comumente empregada de conceituar a prática sexual entre consanguíneos e afins é inadequada, pois restringe, equivocadamente, o incesto a “[...] junções carnis entre pai e filha, mãe com filho, irmão com irmã, primo com prima. Note-se que nesta definição as relações são necessariamente heterossexuais”. Entretanto, como se sabe, o discurso sobre o incesto pode corresponder a outras interações, como se verá, a seguir.

2.3 O Incesto: Tentativa de Classificação

Renshaw (1984), ao apresentar uma proposta para o diagnóstico psicossocial do incesto, amplia o entendimento de que a prática incestuosa seja apenas uma atividade heterossexual e propõe que o termo seja classificado discursivamente conforme se apresenta, observando seu devido enquadramento. Assim, para a estudiosa (RENSHAW, 1984, pp. 22-23), os relacionamentos sexuais entre familiares podem se referir a:

- a. Incesto consanguíneo (parente de sangue) ou por afinidade (parente por casamento)
- b. Incesto consensual, coercitivo, ou a força
- c. Incesto coital ou não coital
- d. Incesto heterossexual ou homossexual
- e. Incesto adulto-adulto, criança-criança, adulto-criança, ou grupal
- f. Incesto com estupro
- g. Incesto pedofílico
- h. Incesto exibicionista
- i. Incesto com desvios múltiplos (por exemplo, exploração, prostituição, travestismo, pornografia infantil, sadomasoquismo)
- j. Incesto fantasiado ou sonhado [...].

Como explica Renshaw (1984), essa classificação não é estagne e os casos se enquadram, normalmente, em mais de uma nominalização. Assim, por exemplo, um incesto por afinidade pode ser consensual ou a força, hétero ou homossexual, de acordo com suas particularidades. Azevedo e Guerra (2005) classificam o incesto em “ordinário” e “extraordinário”, referindo-se esse à prática sexual ocorrida raramente (como as relações entre mãe e filho) e aquele à atividade mais comumente conhecida (como entre pai e filha).

Para Cohen (1993), o incesto pode ser consanguíneo, para-incesto ou poliformo. O autor entende que consanguíneo é aquele incesto praticado entre parentes geneticamente vinculados. Por para-incesto, esse estudioso credita a prática sexual ocorrida entre pessoas que, apesar de não serem consanguíneas, convivem próximas (por exemplo, filhos de pais diferentes, mas que convivem juntos). Finalmente, por polimorfo, Cohen (1993) trata do incesto praticado entre pessoas que se subordinam, seja por cargo ou função profissional.

Azevedo (s/d.) também trata discursivamente de uma modalidade sexual específica: o incesto simbólico, ou seja, a atividade sexual que envolve menores de idade e adultos que não são familiares, mas que tenham com eles relação de responsabilidade em virtude de condição profissional. Assim, encontram-se nessa categoria os relacionamentos sexuais que envolvam guias espirituais e seus seguidores, padrinhos e afilhados, professores e alunos, médicos e pacientes, antropólogos e indígenas etc.

Como este trabalho se limita à abordagem do discurso sobre o incesto consensual, busca-se uma definição específica a essa classificação. Segundo o Dicionário Houaiss (2009), a palavra “consensual” relaciona-se a tudo o que é relativo à anuência e consentimento. Para Borba (2002, p. 385), “consentir” indica “[...] anuir [...]; tolerar; [...] permitir-se; propiciar-se [...]; estar de acordo [...]”. Grosso modo, pode-se entender que o discurso sobre o incesto consensual seja a manifestação linguística da prática de sexo consentido entre familiares.

Essa definição, apesar de aparentemente óbvia, exige que sejam verificados os requisitos que, no Brasil, são necessários para o consentimento sexual, pois a capacidade para estar de acordo com a prática do sexo, apesar de sua essência privada, é juridicamente regulada pelo Estado. Antes, porém, que se discorra sobre a questão legal que envolve o incesto, é necessário que se enfoquem as contribuições da biologia, da psicanálise e da antropologia sobre o assunto, para o devido entendimento da teleologia da lei, na sequência.

2.4 Antes da Lei: O Discurso sobre o Incesto na Antropologia, na Biologia e na Psicanálise

Como explica Furlani (2009, p. 103), a proibição discursiva sobre o incesto “[...] esteve e está baseada em preconceito moral, medo de crenças diversas ou de base científica, e, especialmente, condenada pela religião judaico-cristã”. Nesse contexto, emerge a discussão acerca das perspectivas antropológicas, biológicas e psicanalíticas sobre o assunto, de forma à melhor fundamentação desse interdito discursivo que, desde o início dos tempos, evoca uma ambiguidade de simbolizações.

Biologicamente, Karpman (1974, p. 75) explica que:

El mundo animal no conoce el problema del incesto. La prole de muchos animales, tales como perros, gatos, vacas, caballos, etcétera, tiene contactos sexuales sin tomar en consideración la posibilidad de que su pareja ocasional pueda ser su padre o su madre. Muchas gatas tienen hijos de sus hijos y es muy difícil suponer que un gato sea padre de los otros que lo rodean es su madre, su padre, su hermano o su hermana. En la búsqueda de una salida sexual que proporcione alivio a la tensión, el animal sólo se guía por su instinto. Algunos individuos muy pios creen que los animales logran evitar el incesto gracias a la guía de Dios, que los protege y salva, milagrosamente, de una unión pecaminosa, pero ésta es sólo una muestra más de las falacias arraigadas en mucha gente por obra de la nociva influencia del puritanismo.

Como mostra Renshaw (1984, p. 18), a biologia utiliza os termos “cruzamento endogâmico ou acasalamento consanguíneo” para se referir discursivamente às relações incestuosas, tanto humanas quanto animais. Continua a estudiosa a afirmar que:

Em um texto erudito sobre genética populacional [...], há descrições detalhadas e possibilidades matemáticas para os filhos de acasalamentos entre irmãos, pai-filho e entre primos, porém o sistema de cruzamento endogâmico diz respeito a camundongos em laboratório e não a seres humanos. No mundo dos mamíferos não humanos, o acasalamento pai-filha, irmão-irmã é determinado unicamente pela propinquidade e pela dominância; não há outro impedimento. (RENSHAW, 1984, p. 18)

Para Razon (2007, p. 07), as relações incestuosas devem ser discursivamente proibidas porque “implicitamente, essas alianças são consideradas inconcebíveis pois comportam um risco de degenerescência para sua descendência”, como já identificado pelos estudos genéticos. Renshaw (1984, p. 18) expõe que, no estudo da genética, o *pedigree*, ou seja, “um

registro dos ancestrais” é de fundamental aplicação científica, pois, por meio desses registros, fazem-se análises de doenças hereditárias.

Ao abordar o acasalamento consanguíneo observado na agricultura, Renshaw (1984) mostra os resultados da combinação dos cruzamentos endogâmicos e garante que, desse tipo de interação, 90% dos indivíduos gerados são satisfatórios, isto é, não apresentam nenhum tipo de comprometimento genético. Entretanto, os 10% restantes “[...] herdam doenças congênitas, uma vez que gens alterados são geralmente incompatíveis com a sobrevivência” (RENSHAW, 1984, p. 18).

Ainda segundo Renshaw (1984, p. 18):

Está atualmente claramente estabelecida a partir do estudo genético de *pedigrees* humanos que a mutação, ou mudanças do material cromossômico é bastante esporádica e é mais importante em condições não familiares do que entre indivíduos de uma mesma família. Muitas pessoas são portadoras de doenças congênitas, porém não manifestam a doença. Entretanto, se essas pessoas se acasalam com uma pessoa (parente consanguíneo ou ao acaso) que porta um gen recessivo similar, poderão ter alguns dos seus filhos afetados. Há uma alta incidência de Doença de Tay-Sachs entre judeus Ashkenazicos, porém não há história de cruzamento endogâmico.

Sobre a explicação desse fato, expõe Renshaw (1984, p. 18) que é preciso “lembrar que embora cada pessoa seja geneticamente única, há similaridades entre as pessoas. Os filhos se assemelham aos pais; irmãos às irmãs e também outros parentes se assemelham mais entre si do que com pessoas não relacionadas”. Assim, continua a pesquisadora (RENSHAW, 1984, pp. 18-19) a alegar que:

As semelhanças genéticas podem se estender além da família para outras pessoas do mesmo grupo étnico ou geográfico, uma vez que as pessoas não se casam totalmente ao acaso, mas geralmente se casam com alguém que compartilhe da mesma base cultural. Houve um aumento das trocas genéticas em larga escala devido a casamentos ao acaso, consequentes à migração e a viagens. No entanto, a maioria das pessoas busca alguém parecido consigo mesmo: “os semelhantes se atraem”.

Finalmente, Renshaw (1984) avisa que não há consenso a respeito da descendência resultada de incesto, pois, embora o acasalamento consanguíneo possa gerar uma porcentagem de crias com genes doentes, ele também pode produzir espécimes com traços benéficos. Assim, conclui a pesquisadora (RENSHAW, 1984, p. 21) que “a genética dá um ênfase especial ao bem comum, à comunidade como um todo, e com preocupação científica, tem tido uma postura menos condenatória com relação aos cruzamentos incestuosos”.

Renshaw (1984, p. 23) afirma que, “culturalmente, alguns comportamentos incestuosos não somente são aceitos mas são também esperados e podem absolutamente não ser prejudiciais emocionalmente ou trazer problemas de adaptação para o indivíduo ou para a comunidade”. Como explica Engels (2000, p. 37):

[...] se despojarmos as formas de família mais primitivas que conhecemos das concepções de incesto que correspondem (concepções completamente diferentes das nossas e muitas vezes em contradição direta com elas), chegaremos a uma forma de relações carnis que só pode ser chamada de promiscuidade sexual, no sentido de que ainda não existiam as restrições impostas mais tarde pelo costume.

Nesse sentido, a antropologia legou interesse ao estudo do discurso sobre o tabu da proibição do incesto a partir das contribuições de Lévi-Strauss (2011). Para esse antropólogo (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 61), o impedimento discursivo sobre o incesto é a regra que garante aos seres humanos o domínio da cultura sobre a natureza, e o mais importante, nesse contexto, é verificar qual é a causa que promove, em todas as culturas, a interdição discursiva ao relacionamento sexual entre familiares, pois:

O problema da proibição do incesto não consiste tanto em procurar que configurações históricas, diferentes segundo os grupos, explicam as modalidades da instituição em tal ou qual sociedade particular, mas em procurar que causas profundas e onipresentes fazem com que, em todas as sociedades e em todas as épocas, exista uma regulamentação das relações entre os sexos. Querer proceder de outra maneira seria cometer o mesmo erro que o linguista que acreditasse esgotar, pela história do vocabulário, o conjunto das leis fonéticas ou morfológicas que presidem o desenvolvimento da língua.

Lévi-Strauss (2011) defende, em sua teoria estruturalista que revolucionou a antropologia no século XX, que o discurso da proibição do incesto constitui uma conduta imutável, mesmo na diversidade dos grupos humanos. Refutando as tentativas anteriores de explicação desse interdito (que apregoavam ser o impedimento ao incesto uma atividade moral ou de proteção contra problemas à descendência causados pela combinação consanguínea), esse estudioso trata do tema como uma questão positivista social.

O trabalho de Lévi-Strauss (2011) propõe que, ao se submeterem ao discurso da proibição do incesto, os seres humanos promoveram o nascimento da sociedade, passando ao estágio cultural de existência. Dessa maneira, tem-se uma separação inequívoca entre natureza e cultura, delimitada pela imposição discursiva de que os indivíduos não poderiam escolher

livremente seus parceiros sexuais, devendo obediência a algumas regras que serviriam ao bem da coletividade.

Esse teórico (LÉVI-STRAUSS, 2011) considera que o discurso de proibição do incesto é um fenômeno contraditório e delimitador, pois apresenta tanto características naturais (universalidade e a espontaneidade), quanto propriedades culturais (particularidade e relatividade). Assim, o interdito do incesto constitui uma regra, mas é um regramento universal, considerando que todos os grupos sociais conhecidos o distinguem e impõem discursos de bloqueios ou de limitações à sua prática.

Para Lévi-Strauss (2011), a regra discursiva da proibição do incesto repercute na lei de exigência da exogamia que, conforme Houaiss (2009) ensina, é o acasalamento de seres não parentados ou com distância de grau de parentesco. Lévi-Strauss (2011, p. 67) explica que:

Se a raiz da proibição do incesto está na natureza, entretanto é apenas por seu termo, isto é, como regra social, que podemos apreendê-la. De um grupo a outro manifesta extrema diversidade, tanto no que se refere à forma quanto aos graus de parentesco mais afastados em certas tribos norte-americanas. É inútil acrescentar que, neste último caso, atinge menos a consanguinidade real, frequentemente impossível de estabelecer-se, embora não exista, do que o fenômeno puramente social pelo qual dois indivíduos sem verdadeiro parentesco acham-se classificados na classe dos “irmãos” ou das “irmãs”, dos “pais” ou dos “filhos”.

Continua Lévi-Strauss (2011, pp. 67-68) a salientar que a proibição do incesto imiscui-se à “regra da exogamia. [...] A proibição do incesto por conseguinte não se exprime sempre em função das regras de parentesco real, mas têm por objetivo sempre os indivíduos que se dirigem uns aos outros empregando certos termos”. Dessa forma, tem-se que é “a relação social, situada além do vínculo biológico, implicado pelos termos “pai”, “mãe”, “filho”, “filha”, “irmão” e “irmã” que desempenha o papel determinante”, no proibitivo.

Essas considerações acerca dos papéis sociais como fundamento ao discurso da proibição do incesto repercutem na tratativa psicossocial do fenômeno. Cohen (1993, p. 216), entende que “quando ocorre um tipo de relação incestuosa devemos considerar que as funções familiares são alteradas: o pai passa a ser marido, a mulher aceita perder a função de esposa e de mãe, e a filha deve também exercer a função de esposa e de mãe de suas irmãs”. Isso cria, ainda para Cohen (1993, p. 212), problemas quanto ao parentesco cultural, pois é nele que:

[...] a proibição do incesto possui um efeito estruturante, pois permite o convívio familiar, tornando possível ao filho diferenciar simbolicamente o pai. É a função de pai que permitirá ao indivíduo sair do mundo de fantasias

onde tudo é possível, podendo entrar no mundo factual, onde existem limites e proibições.

Essa diferenciação, entretanto, não parece simples, considerando o discurso da potencialidade biológica da prática do incesto e de certas ambiguidades humanas, como, por exemplo, a simbologia de algumas expressões linguísticas, como a do termo “amor”, porque, como afirma Freud (1927-1931, p. 65):

As pessoas dão o nome de “amor” para o relacionamento entre um homem e uma mulher cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família, mas também dão o nome de “amor” aos sentimentos positivos entre pais e filhos, e entre irmãos e irmãs de uma família, embora sejamos obrigados a descrever isso como amor inibido quanto à meta, ou afeição. O amor inibido quanto à meta era, de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda é assim no inconsciente do homem.

Freud (1916-1917, p. 59) propagou, com sua teoria edípica, que:

Dizemos que a mãe é o primeiro objeto de amor. Pois falamos em amor quando trazemos para o primeiro plano o lado mental das tendências sexuais e quando queremos repelir as exigências instintuais ‘sensuais’ ou físicas subjacentes, ou esquecê-las no momento. Na época em que a mãe se torna o objeto de amor da criança, nesta o trabalho psíquico da repressão já começou, trabalho que consiste em uma parte dos fins sexuais subtrair-se ao conhecimento consciente. A essa escolha que a criança faz, ao tornar sua mãe o primeiro objeto de seu amor, vincula-se tudo aquilo que, sob o nome de ‘complexo de Édipo’, veio a ter tanta importância na explicação psicanalítica das neuroses e tem tido uma parte não menor, talvez, na resistência à psicanálise.

Para a psicanálise, todas as famílias vivenciam tramas edípicas e precisam organizar formas de estruturar certas situações, como o discurso da interdição do incesto. Esses processos de estruturação, chamados de “resolução edípica”, são, para Freud (1916-1917), fundamentos da saúde mental e da manutenção desse equilíbrio de bem-estar. A teoria freudiana (FREUD, 1916-1917, p. 64) explica que o complexo de Édipo é considerado o centro de muitos problemas psíquicos, porque:

[...] na puberdade, quando os instintos sexuais, pela primeira vez, fazem suas exigências com toda a sua força, os velhos objetos incestuosos familiares são retomados mais uma vez e novamente catequizados com a libido. A escolha objetual infantil era apenas uma escolha débil, mas já era um começo que indicava a direção para a escolha objetual na puberdade. Nesse ponto, desenrolam-se, assim, processos emocionais muito intensos que seguem a direção do complexo de Édipo ou reagem contra ele, processos que,

entretanto, de vez que suas premissas se tornaram intoleráveis, devem, em larga escala, permanecer apartados da consciência. Dessa época em diante, o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais e, enquanto essa tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar membro da comunidade social. Para o filho, essa tarefa consiste em desligar seus desejos libidinais de sua mãe e empregá-los na escolha de um objeto amoroso real externo e em reconciliar-se com o pai, se permaneceu em oposição a este, ou em liberar-se da pressão deste, se, como reação à sua rebeldia infantil, tornou-se subserviente a ele. Essas tarefas são propostas a todas as pessoas; e é de causar espécie quão raramente as pessoas enfrentam tais tarefas de maneira ideal - isto é, de maneira tal que seja correta, tanto psicológica como socialmente.

Sobre o complexo de Édipo, Lacan (1977) explica que a teoria freudiana considera esse componente psicológico o constituinte específico da família humana, subordinando a ele todas as formas sociais. Para Freud (1950), duas teses sobre a instauração do discurso sobre o interdito do incesto podem ser aceitas: uma relacionada às exigências para manutenção do grupo totêmico² e outra que confirma o fundamento do desejo humano pela consumação da prática sexual entre familiares.

A primeira tese freudiana (FREUD, 1950) sobre o impedimento discursivo sobre o incesto refere-se à ideia de que, quando consumada, a prática sexual entre parentes deve ser prontamente rechaçada, para que não desperte ciúmes ou inveja nos demais membros da comunidade organizada em torno do mesmo totem. A segunda (que, de certa forma, se filia à primeira), remete à constituição tabuísta do discurso sobre o incesto, isto é, esse impedimento existe para frear uma tendência que pulsa no ser humano e é, inegavelmente, desejado.

Para explicar a interdição discursiva sobre o incesto e sua ambiguidade (a latência do desejo incestuoso), Freud (1950) se apropria do mito darwiniano da horda primitiva. Assim, na origem dos tempos, um primata-pai se apoderou de todas as fêmeas da espécie e despertou inveja e ciúme nos demais machos do grupo, que se uniram e, por desejarem ser como o mais forte sem conseguirem, resolveram matá-lo. Após a morte, os filhos dividiram as partes do pai e o comeram, sobrevivendo um sentimento de luto.

Ocorre que, como explica Freud (1950, p. 103):

Embora os irmãos se tivessem reunido em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um queria, como o pai, ter todas as mulheres para si. A nova organização terminaria numa luta de todos contra todos, pois nenhum deles tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos - talvez somente

² Tratado no item 1.2 desta dissertação.

depois de terem passado por muitas crises perigosas -, do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai.

Assim, para a teoria freudiana, funda-se o discurso sobre os principais tabus sociais: os impedimentos do incesto e do homicídio. Razon (2007, p. 24) explica que, embora qualquer reflexão sobre a origem da proibição do incesto seja hipotética, “[...] emana de todas as concepções: incesto e morte aparecem como sinônimos, e isto em vários níveis: degenerescência da espécie humana [...]; luta pela apropriação das mulheres [...]; exclusão da sociedade e da vida [...]; caos social e confusão individual [...]”.

Alguns estudiosos, como Karpman (1974), consideram que o discurso incestuoso e a prática do incesto estejam relacionados às “parafilias” (do grego *παρά*, *para*, “fora de”, e *φιλία*, *philia*, “amor”). Entendidas por Galvão e Abuchaim (2010, s/p.) como comportamentos sexuais diversos dos comumente permitidos, os indivíduos parafilicos “não têm atividade sexual normal, ou seja, a sua preferência sexual ‘desviada’ se torna exclusiva. Tais atitudes (exceto a pedofilia) podem estar presentes em pessoas com vida sexual normal [...]”.

Sem discriminarem especificamente o incesto como um fenômeno parafilico, continuam os estudiosos (GALVÃO; ABUCHAIM, 2010, s/p.) a apontarem, entretanto, que a pedofilia, que “envolve pensamentos e fantasias eróticas repetitivas ou atividade sexual com crianças menores de 13 anos de idade. Está muito comumente associada a casos de incesto, ou seja, a maioria dos casos de pedofilia envolve pessoas da mesma família (pais/padrastos com os filhos e filhas)”.

Esclarece-se que este estudo não pretende, como já informado, abordar a problemática da violência sexual consumada sob a forma de abuso (real ou presumido) e, portanto, o conteúdo de seu *corpus* não será tratado como discurso de perversão sexual. Assim, como é sabido que certas manifestações do sexo (como a homossexualidade e a masturbação) já foram consideradas parafilias, embora sejam aceitáveis atualmente, passa-se da questão parafilica ao entendimento do discurso jurídico pátrio e estrangeiro sobre o incesto.

2.5 O Discurso sobre o Incesto no Discurso do Direito

Freud (1910) garante que as determinações proibitivas do discurso sobre os tabus não têm fundamento nem origem conhecida, embora sejam tratadas como situações naturais. Para o fundador da psicanálise, acreditava-se, no início dos tempos, que, sendo violados, os

próprios tabus se responsabilizavam pela punição aos violadores. Com uma origem mais remota que deuses e religiões, sabe-se que as abstinências propostas pelos discursos dos interditos correspondem ao mais antigo código de leis da humanidade.

Tratando da imposição do discurso das leis tabuístas, Lévi-Strauss (2011, p. 45) sustenta que “em toda parte onde manifesta uma regra podemos ter certeza de estar numa etapa de cultura”. Dessa forma, a submissão dos seres aos interditos, por meio da linguagem, promoveu o estágio cultural, e especificamente o discurso sobre o tabu da proibição do incesto “constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual, mas sobretudo no qual se realiza a passagem da natureza à cultura” (LÉVI-STRAUSS, 2011, p. 62).

Sabe-se que cada sociedade estabelece os limites discursivos quanto ao entendido por incesto (recorda-se que, por exemplo, enquanto entre algumas comunidades indígenas a mãe é a iniciante sexual do filho, outras não autorizam sequer o casamento entre pessoas que, embora não sejam consanguíneos, tenham o mesmo nome). Da mesma forma, cada sociedade impõe, em seu código discursivo jurídico, aquilo que entende como necessário à manutenção da ordem cominada pelos grupos dominantes.

Como explica Renshaw (1984, p. 12), “a pena de morte por incesto através da forca ou apedrejamento era costumeira na Europa até o fim do século XVIII. [...]”. Atualmente, o discurso do direito penal britânico prevê uma pena de até dois anos de prisão a quem praticar relações sexuais consentidas com parentes. Conta Palma (2011, s/p.) que, em 2011:

No Reino Unido, pai e filha, Andrew Butler, de 46 anos, e Nicola Yates, de 26, foram denunciados por familiares e detidos pelo crime de incesto. Só se conheceram quando a filha já tinha 20 anos e são acusados de manter, desde então, uma relação sexual às escondidas. [...] Pai e filha não estavam em erro, [...] mas eram estranhos um ao outro. Além disso, a filha não é considerada vítima de um crime, mas sim autora, tal como o pai. A incriminação não defende pois a liberdade sexual, mas antes uma concepção dominante de moral sexual.

Em 2010, após dois séculos de descriminalização do incesto consensual, a França voltou a proibi-lo. Na Alemanha, a lei que proíbe o incesto é de 1871 e prevê até três anos de prisão. Na Bélgica, a pena pode chegar a oito anos de reclusão pela prática de sexo consentido entre parentes. Nos Estados Unidos, informa Renshaw (1984, p. 12), “[...] não há uniformidade entre os estados com relação aos graus de parentesco das relações proibidas ou sobre a idade de consentimento legal para a participação sexual”.

Cristaldo (2008, s/p.) afirma que o incesto, “na Holanda, também é legal. As leis que o proibiam foram abolidas após 1800. Na Bélgica, *idem*. No Japão, o incesto é considerado

imoral. Mas é legal desde 1881. Em Israel também, e não poderia ser diferente, já que o Livro encara o incesto com muita leniência”. O crime de incesto não aparece tipificado no código penal guineense e, assim como a portuguesa (desde as Ordenações do Reino e Códigos do século XIX até a atualidade), a legislação brasileira não o prevê como figura penal autônoma.

Conforme explica Palma (2011, s/p.), no Brasil, “relações sexuais consentidas entre adultos não são criminalizadas, mesmo que entre eles haja uma relação de estreito parentesco”. A proximidade familiar aparece apenas como agravante de pena nos crimes, especificados no Título VI do Código Penal brasileiro (BRASIL, 1940), que tipificam os delitos que ferem a dignidade sexual (seja por aviltamento à liberdade sexual de plenamente capazes³, seja pelo cometimento de crimes sexuais contra vulneráveis⁴, seja por rapto⁵).

Assim, no inc. II do art. 226 do Código Penal (BRASIL, 1940, s/p.), há a previsão de que a pena para os crimes contra a dignidade sexual será aumentada “[...] de metade, se o agente é ascendente, padrasto ou madrasta, tio, irmão, [...] tutor, curador, preceptor ou empregador da vítima ou por qualquer outro título tem autoridade sobre ela [...]”. Essa redação mostra a proteção contra o incesto consanguíneo, afim ou simbólico, interessado na violência sexual (real ou presumida), mas é silente quanto ao consentimento de capazes.

Sobre esse silêncio discursivo da lei brasileira sobre o incesto como tipo penal autônomo, Dias (s/d., p. 01) diz que:

Todos reconhecem que é o crime mais hediondo que existe, pois se origina de uma relação afetiva e leva à morte afetiva da vítima. É tal o grau de rejeição que, paradoxalmente, sequer dispõe de expressa previsão no sistema legal. Nem a Constituição Federal nem a legislação infraconstitucional condenam o incesto. A lei penal prevê como simples agravante dos delitos contra a liberdade sexual o fato de o réu ter ascendência sobre a vítima em decorrência do grau de parentesco.

Obviamente, Dias (s/d.) fala de violência, sem considerar as relações consensuais entre familiares capazes, ou seja, entre pessoas definidas pela lei brasileira como detentoras de autonomia para consentirem sobre sexo. Apesar de ser conhecido certo relativismo de jurisprudência, são impedidos do consentimento sexual, no Brasil: os menores de quatorze anos; os que, por limitações físicas ou psíquicas, não manifestem vontade ou resistência; e, de qualquer tipo de consentimento à exposição sexual, os menores de dezoito anos.

³ Estupro, atentado violento ao pudor, violação sexual mediante fraude, atentado ao pudor mediante fraude e assédio sexual.

⁴ Sedução, estupro de vulnerável, satisfação de lascívia mediante de presença de criança ou adolescente e favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual de vulnerável.

⁵ Rapto violento ou mediante fraude e rapto consensual.

Esse entendimento é determinado pelo discurso de previsão legislativa em desfavor de crimes sexuais contra vulneráveis, trazido pelo Código Penal (BRASIL, 1940), e pelos arts. 240, 241, 241-A, 241-B, 241-C, 241-D e 241-e do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Especificamente quanto à produção, reprodução, direção, fotografia, filmagem ou registro de cena de sexo envolvendo criança ou adolescente, ressalta esse Estatuto (BRASIL, 1990, s/p.) que:

[...] Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) se o agente comete o crime: [...] prevalecendo-se de relações de parentesco consanguíneo o afim até o terceiro grau, ou por adoção, de tutor, curador, preceptor, empregador da vítima ou de quem, a qualquer outro título, tenha autoridade sobre ela, ou com seu consentimento.

Ressalta-se que os jovens de 14 a 18 anos incompletos, apesar de terem capacidade para o consentimento sexual, são considerados, para Brasil (1990, s/p.), ainda “[...] pessoas humanas em processo de desenvolvimento [...]”. Como a Constituição Republicana garante, no inc. IV do art. 227, que “a lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual de crianças e adolescentes”, considera-se que todas as questões discursivas ou práticas que envolvam o consentimento de menores de 18 anos ao incesto devem ser rechaçadas.

Embora o Código Penal seja silente quanto ao incesto como elemento autônomo, o Código Civil brasileiro (BRASIL, 2002) é taxativo ao determinar discursivamente aqueles que não podem se casar. Assim, prescreve o art. 1521 que não podem se unir por casamento formal:

I - os ascendentes com os descendentes, seja o parentesco natural ou civil;
 II - os afins em linha reta;
 III - o adotante com quem foi cônjuge do adotado e o adotado com quem o foi do adotante;
 IV - os irmãos, unilaterais ou bilaterais, e demais colaterais, até o terceiro grau inclusive;
 V - o adotado com o filho do adotante; [...]

Para tornar inequívoco o discurso sobre o interesse social da proibição desses entes contrariem, entre si, o matrimônio, prescreve o seguinte art. 1522 e seu único parágrafo que “os impedimentos podem ser opostos, até o momento da celebração do casamento, por qualquer pessoa capaz” e “se o juiz, ou o oficial de registro, tiver conhecimento da existência de algum impedimento, será obrigado a declará-lo” (BRASIL, 2002, s/p.). Ocorre que, como explica Furlani (2009, p. 109):

É interessante o raciocínio de considerarmos que, se não houver qualquer conhecimento claro de parentesco, qualquer pessoa, desde que apresente as características correspondentes à nossa preferência sexual (beleza física e estética, temperamento, afinidades...), poderá ser objeto de atração e desejo. Refiro-me, aqui, aos relacionamentos adultos, caracterizados pelo consentimento mútuo.

Como a Constituição Republicana de 1988 (BRASIL, 1988, s/p.) determina, em seu art. 5º, inc. II, que “ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei”, percebe-se que a prática sexual entre parentes adultos e manifestadamente dotados de autonomia não constitui, no Brasil, qualquer tipo de impedimento legal. Assim, passa-se à sequência deste trabalho, para que se discorra acerca da fundamentação teórica de “sentido” e “sem-sentido” na delimitação do discurso sobre o incesto consentido.

Espera-se que a apresentação das bases teóricas da Análise do Discurso sobre a questão simbólica, ou seja, sobre a forma como as coisas simbolizam, ou não, aos sujeitos, possam auxiliar as análises vindouras sobre o incesto. Dessa forma, apresentam-se considerações sobre a construção e a circulação dos significados, seguindo-se da tentativa de delimitação desse assunto linguístico na tratativa discursiva de manifestação do incesto consensual em narrativas eróticas.

CAPÍTULO III

SENTIDO, SEM-SENTIDO E O DISCURSO SOBRE O INCESTO CONSENTIDO

A única maneira de teres sensações novas é
construíres-te uma alma nova. [...] Porque as coisas
são como nós as sentimos [...] e o único modo de
haver coisas novas, de sentir coisas novas é haver
novidade no senti-las.
(PESSOA, 1990, p. 94)

Sabe-se que qualquer tentativa de definição da causa primeira do impedimento da ocorrência de relações sexuais entre membros de um mesmo grupo familiar é infrutífera, pois não se pode tentar compreender as sociedades primitivas da mesma forma como são tratadas as organizações sociais contemporâneas. Entende-se somente que o discurso sobre o interdito do incesto sempre esteve relacionado à morte, pois dele se advém empecilhos à manutenção da espécie, seja na observação da coletividade ou na esfera individual.

Entretanto, assim como outros tabus humanos, considera-se que o discurso sobre o incesto também pode ter sido ressignificado, conforme os meios de produção foram se diversificando e se atualizando. Há muito, por exemplo, a biologia já explicou que o sexo não tem apenas a função de reproduzir as espécies (WILSON, 1981) e o próprio conceito de “família” reconstruiu-se no decorrer dos tempos (BARBOSA, 2013). Dessa maneira, justifica-se o interesse pelo significado discursivo do incesto, em circunstâncias de não violência.

Para tanto, faz-se necessário que se estabeleçam as bases teóricas da Análise do Discurso sobre a questão simbólica, ou seja, sobre como as informações significam, ou não, aos sujeitos. Assim, neste capítulo, apresentam-se considerações sobre a construção e a circulação dos sentidos, seguindo-se da tentativa de delimitação desse assunto linguístico na tratativa do discurso que manifesta o incesto consensual em narrativas eróticas coletadas em sítios digitais de Língua Portuguesa.

3.1 A Análise do Discurso e a Produção de Significados

Como se apreende pelo já tratado nesta produção, em épocas primitivas, ao se apropriar da linguagem, a sociedade impôs leis (muitas assumidas sob a forma de discursos

tabuístas), estabelecendo condutas e certos impedimentos que, assim como todas as manifestações humanas, foram ideologicamente construídos e legitimados. Isso porque, como ensina Orlandi (1998, p. 17), “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc.”.

A afluência entre sujeitos e interesses remonta à questão dos sentidos, pois, para Orlandi (2012-a, p. 21), “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos”. Logo, os indivíduos assujeitados, por se constituírem historicamente, legam significados aos elementos que os rodeiam conforme impressões ideologicamente postas, que não são diáfanas.

Orlandi (2012-d, pp. 21-22) explica que a Análise do Discurso, efetivamente, “interroga a interpretação”, trabalhando com “a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique”. Como também explica Orlandi (2012-d, p. 23), “o objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicitar como um texto produz sentido”.

Entende-se, dessa maneira, como já explicado no primeiro capítulo que, afetados pela ideologia, os indivíduos assujeitados disseminam e captam significados, em todas as interações sociais a que se submetem, desde o nascimento, pois não há sujeito que não esteja inserido em um contexto histórico e político, mesmo que não seja consciente dessa situação. Assim, conforme a posição social que ocupa, os sujeitos promovem sentidos, que, para Orlandi (2012-a, p. 39):

resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados, ou possíveis.

Por outro lado, segundo o mecanismo da antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se, assim, a seu interlocutor, quanto ao sentido que suas palavras produzem.

Explica ainda Orlandi (2012-a, p. 39) que “esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte”. Para a pesquisadora (ORLANDI, 2012-a, p. 39), “este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro

extremo, ele prevê como adversário absoluto. Dessa maneira, esse mecanismo dirige o processo de argumentação visando seus efeitos sobre o interlocutor”.

O trabalho orlandiano (ORLANDI, 2012-a, p. 42-43) destaca, também, que, “os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. [...] Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua”, ou seja, sentido, “na realidade é um efeito ideológico”. Assim, pode-se entender que, para a Análise do Discurso, sentido é aquilo que, ao se imiscuir à condição simbólica, imputa significado ao alardear a ideologia e os interesses que prevalecem nos sujeitos.

Para Pêcheux (2010, pp. 146-147), “as palavras, expressões etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições”. Essas posições que transformam os significados podem ser percebidas também à análise temporal, pois o sujeito e as representações do ambiente que o rodeia são modificados conforme se alteram as condições de produção.

A exposição desses assuntos evoca a conceituação e a discussão sobre formações ideológicas e discursivas, a fim de que seja assegurada uma melhor tratativa dos sentidos do discurso sobre o incesto consentido. Dessa forma, a seguir, apresentam-se considerações sobre as “regras” que determinam as possibilidades e as inviabilidades discursivas, ou seja, aquilo que, conforme ensinam Pêcheux e Fuchs (2010), indicam tudo o que pode ou deve ser manifestado em determinado tempo e lugar.

3.2 Formação Discursiva e Formação Ideológica: o Discurso em Ação

Para Rodrigues (2011, p. 22), “a manifestação da linguagem não se dá em um vazio atemporal, ‘aespacia’ e ‘a-histórico’, ela é constitutiva dos espaços sociais em que se manifesta”. Dessa maneira, para se observar os sentidos, é necessário que se compreenda que, como garante Pêcheux (2012, p. 156) “[...] o discursivo é uma materialidade histórica sempre já dada, na qual os sujeitos são interpelados e produzidos como ‘produtores livre’ de seus discursos cotidianos, literários, ideológicos, políticos, científicos etc. [...]”.

Essa materialidade histórica implica em condições que Orlandi (2012-b, p. 112) garante corresponderem ao “contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto de discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos etc.”.

Tais considerações desencadeiam a necessidade de serem pontuados os conceitos de formação discursiva e formação ideológica.

Para Pêcheux e Fuchs (2010), formação ideológica corresponde a um marco da luta de classes no interior dos aparelhos ideológicos, isto é, compreende a força motriz que gerencia as posições políticas e ideológicas que se contrapõem. Sabe-se que cada formação ideológica comporta uma ou mais formações discursivas que se interligam e que “determinam o que pode e o que deve ser dito” em cada específica atuação no discurso (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 164).

Como “toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 164), percebe-se que essas condições são identificáveis a partir de uma determinada posição numa conjuntura específica. Logo, pode-se concluir, como fazem Pêcheux e Fuchs (2010) ao considerarem a teoria althusseriana - que afirma que “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” - que a interpelação material dos sujeitos ocorre por meio das formações ideológicas.

Dessa maneira, compreende-se a essência do termo “formação ideológica” pela análise que Pêcheux e Fuchs (2010, pp. 164-165), introduzindo também a questão da formação discursiva, fazem acerca da formação ideológica religiosa, que:

[...] constitui, no modo de produção feudal, a forma da ideologia dominante; ela realiza “a interpelação dos indivíduos em sujeitos” através do Aparelho Ideológico do Estado religioso “especializado” nas relações de Deus com os homens, sujeitos de Deus, na forma específica das cerimônias (ofícios, batismos, casamentos e enterros etc...) que, sob a figura da religião, intervêm em realidade, nas relações jurídicas e na produção econômica, portanto, no próprio interior das relações de produção feudais. Na realização dessas relações ideológicas de classes, diversas formações discursivas intervêm enquanto componentes, combinadas cada vez em formas específicas [...].

Pêcheux e Fuchs (2010, p. 164) explicam que as formações discursivas “determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”. Assim, tem-se que os sentidos são determinados pelas condições de produção dos discursos, em uma relação direta com a memória (gerada pelo interdiscurso) e com a formação discursiva com a qual se filiam.

A inscrição dos sujeitos em determinadas formações discursivas alicerçam o surgimento do que se entende por paráfrase, um mecanismo fundamental para a constituição dos sentidos. Como ensinam Pêcheux e Fuchs (2010) uma família parafrástica discursiva

representa uma matriz de sentido. Dessa forma, como mostra Pêcheux (2002), por meio da paráfrase, um mesmo enunciado, ressignificando, pode tornar-se outro, por repetição ou derivação de significados.

Orlandi (2012-a, p. 36) lega à paráfrase a mesma importância da polissemia, garantindo que:

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam.

Para Orlandi (2012-d, p. 111) “o movimento contínuo entre paráfrase e polissemia permite-nos observar a repetição e os deslizamentos de sentidos, pelos efeitos metafóricos, transferências de sentidos [...]”. Expõe ainda o trabalho orlandiano (ORLANDI,2012-d, p. 111), que é possível serem identificados “a. a política do dizer – pela função-autor abrindo, fechando, excluindo, incluindo sujeitos e sentidos – regida pelas suas ‘qualidades’, seus ‘defeitos’ e b. o imaginário da língua regido pelo ‘bom uso’, a ‘boa medida’.

Pêcheux (2012, p. 165) mostra que “o ‘sentido’ de um texto, de uma frase, e, no limite, de uma palavra, só existe em referência a outros textos, frases, ou palavras que constituem seu ‘contexto’”. Baseando-se nisso, Fernandes (2008, p. 20) garante que o conceito de “sentido”, como tratada pela Análise do Discurso, está relacionado a “efeito de sentido entre interlocutores”, negando, com esse entendimento, a ideia de “mensagem encerrada em si” e obtemperando “a imanência de significado”.

Orlandi (2012-a, pp. 43-44) completa que:

[...] os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isso não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. [...] As palavras falam com outras palavras. [...] As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

Ainda como explica Orlandi (2012-a), é somente pela formação discursiva que se consegue apreender a diferenciação de sentidos, considerando que sintagmas idênticos podem representar diferenças de significado conforme se aliam a específicas formações discursivas. Tem-se que “os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas [...] constituídas pela contradição [...]” (ORLANDI, 2012-a, p. 44).

Fundamentando-se novamente na teoria orlandiana (ORLANDI, 2012-d), explica-se que, para a Análise do Discurso, o sem-sentido é o resultado de uma exaustão por meio da qual as coisas deixam de fazer sentido, diferente do que se entende por não sentido, que tem relação com a memória discursiva, sendo, portanto, aquilo que não consegue ser realizado, mas que pode vir a ser. Assim, o sem-sentido corresponde, grosso modo, a um esvaziamento de acepção por esgotamento de seu significado histórico-ideológico.

Essas explicações permitem a conclusão de que, nos discursos do senso comum, o incesto como modalidade sexual inscreve-se como uma formação discursiva específica, enquadrada na formação ideológica tabuísta, marcada por um “outrem” que “defende” a histórica proibição das práticas sexuais entre familiares. Esse discurso determina um caráter proibitivo à prática sexual entre, por exemplos, pai e filha/filho, mãe e filho/filha, irmãos, netos e avós, tio e sobrinho/sobrinha, padrasto/madrasta e enteados etc.

Tem-se, portanto, que o discurso sobre o incesto somente se realiza por que remete aos sentidos históricos do discurso tabuísta sobre o incesto, não importando, nesse processo, se tratar de prática sexual consentida ou manifestada sob a forma abusiva. Isso exposto, passa-se, então, à abordagem da memória no evento discursivo, considerando-se que, para que os sujeitos neguem o discurso de uma prática, faz-se mister que se relacionem interdiscursivamente com o que é negado.

3.3 O Discurso sobre o Incesto Consentido: Efeitos de (Sem-) Sentido, Silêncio e Memória

A fim de mostrar as principais características do “fenômeno humano” e de justificar a inviabilidade do incesto e, conseqüentemente, a naturalidade do discurso que o proíbe, Lévi-Strauss (2012, p. 12) afirma que:

Tão longe quanto se procuram exemplos no tempo e no espaço, a vida e a atividade do homem inscrevem-se em quadros que oferecem caracteres comuns. Sempre e em todo lugar, o homem é um ser dotado da linguagem articulada. Ele vive em sociedade. A reprodução da espécie não está abandonada ao acaso, mas está sujeita a regras que excluem um certo número de uniões biologicamente viáveis.

O discurso sobre o respeito à proibição do incesto por essa viabilidade biológica de uniões ou por outros empecilhos moral-religioso ou jurídico parece constituir-se naturalmente nos sujeitos. Entretanto, Althusser (1985, p. 90) explica que não existe naturalidade nas significações humanas, pois:

Um indivíduo crê em Deus, ou no Dever, ou na Justiça, etc. Esta crença provém (para todo mundo, isto é, para todos que vivem na representação ideológica da ideologia, que reduz a ideologia, por definição, às ideias dotadas da existência espiritual) das ideias do dito indivíduo enquanto sujeito possuidor de uma consciência na qual estão as ideias de sua crença. A partir disso, isto é, a partir do dispositivo “conceitual” perfeitamente ideológico assim estabelecido, (um sujeito dotado de uma consciência onde livremente ele formula as ideias em que crê), o comportamento material do dito indivíduo decorre naturalmente.

Para Althusser (1985, p. 90), nesse “comportamento natural”, o indivíduo “se conduz de tal ou qual maneira, adota tal ou qual comportamento prático, e, o que é mais, participa de certas práticas regulamentadas que são do aparelho ideológico do qual ‘dependem’ as ideias que ele livremente escolheu com plena consciência, enquanto sujeito”. Logo, conclui o filósofo (ALTHUSSER, 1985, p. 90) que, se esse sujeito:

[...] crê em Deus, ele vai à igreja assistir à missa, ele se ajoelha, reza, se confessa, faz penitência (outrora ela era material no sentido corrente do termo), e naturalmente se arrepende, e continua, etc. se ele crê no Dever, ele terá comportamentos correspondentes, inscritos nas práticas rituais, “segundo o bons costumes”. Se ele crê na Justiça, ele se submeterá sem discussão às regras do Direito, e poderá mesmo protestar quando elas são violadas, assinar petições, tomar parte em uma manifestação, etc. Em todo esse esquema, constatamos, portanto que a representação ideológica da ideologia é, ela mesma, forçada a reconhecer que todo “sujeito” dotado de uma “consciência” e crendo nas “ideias” que sua “consciência” lhe inspira, aceitando-as livremente, deve “agir segundo suas ideias”, imprimindo nos atos de sua prática material as suas próprias ideias enquanto sujeito livre. Se ele não o faz, “algo vai mal”.

Pode-se afirmar, antes de qualquer análise específica do discurso sobre o incesto consentido, que a negação ao proibitivo da prática sexual entre familiares parece como esse “algo vai mal” na crença dos sujeitos, mas que, factualmente, corresponde apenas a mais uma

possibilidade discursiva, igualmente construída de forma ideológica. Isso porque manifestar o discurso de uma prática negada também é comprometer-se ideologicamente, pois, como explica Althusser (1985, p. 91), as práticas:

[...] são reguladas por rituais nos quais estas práticas se inscrevem, no seio da existência material de um aparelho ideológico, mesmo que numa pequena parte deste aparelho: uma pequena massa numa pequena igreja, um enterro, um pequeno jogo num clube esportivo, um dia de aula numa escola, uma reunião ou um *meeting* de partido político etc.

No caso específico deste estudo, o discurso sobre o incesto consentido se inscreve no aparelho ideológico digital, ou seja, no ambiente da *internet*. Caracterizado, precipuamente, pela ampla acessibilidade, o mundo digital permite que práticas diversas sejam manifestadas, sem que o crivo das interferências moral-religiosa ou jurídica tenha repercussões no mundo não virtual, em razão da possibilidade do anonimato que, segundo Tafarello (2012, p. 55), produz um “efeito de liberdade” nos sujeitos.

Sobre esse efeito, ainda explica Tafarello (2012, pp. 56-57) que:

[...] produzido em alguma medida pela *internet*, convém considerá-lo enquanto suporte discursivo cuja especificidade, entre outras, é a de criar condições propícias para a circulação de discursos que não teriam condições de circular de forma livre em seu conteúdo ou amplitude (circulação). Enquanto suporte, a *internet* garante uma enunciação menos regrada que produz um efeito de anonimato aos sujeitos em sua função-autor, condição que lhe propiciaria enunciar a partir de um discurso que não depende das condições de produção específicas na formação discursiva do Estado ou ainda, a partir de um discurso cuja circulação sofra algum tipo de interdito em sua circulação regular. O efeito de liberdade não se refere apenas ao controle do Estado, mas também ao estado democrático de direitos sociais e políticos, nisso, há normas e regras de enunciação social. A *internet* permite, em certa medida, esquivar-se dessas regras e normas deixando o sujeito em sua função menos propício de ser identificado enquanto em sua individualidade em relação ao que enuncia. [...] Se em momentos de ditadura militar em que enunciar a partir de certos discursos implicava em restrições rigorosas de sujeitos, haja vista estes serem legitimados pelo estatuto do direito, na *internet*, o discurso pode circular e se ritualizar de forma diferenciada, em espaços menos restritos, legitimados pelo próprio estatuto discursivo do site onde são publicados. É nesse sentido que se refere ao efeito de liberdade como espaço de liberdade para os sujeitos enunciarem desde discursos inscritos na formação discursiva das regularidades sem restrição por parte do Estado até aos discursos restringidos pelo Estado.

Mesmo que a prática do incesto consentido e de seu discurso não correspondam a um problema penal, no Brasil, verifica-se que, devido à interferência moral-religiosa, ainda sobrevém a necessidade desse lócus libertário em que seja possível a manifestação discursiva

sem impedimentos. Esse espaço de liberdade pressupõe o papel da memória, pois, sem o discurso anterior dominante e “natural” da proibição do incesto, não soaria obrigatório o anonimato à elaboração discursiva de rompimento com o discurso tabuísta.

Sobre memória, define Pêcheux (2010, p. 50) que ela “deve ser entendida [...] nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Continua Pêcheux (2010, p. 50) a explicar que:

memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Ainda para Pêcheux (2010, p. 56):

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Orlandi (2012-c, p. 62) alega “que a memória discursiva é a exterioridade constitutiva”, ou seja, que os elementos produtores de significação dos discursos estão, factualmente, além dos discursos. Já Rodrigues (2000/2003, pp.86-87) resume a questão da memória alegando que:

O processo pelo qual a formação discursiva constrói sua memória ou pré-construído, chama-se memória discursiva, lugar onde o sujeito “escolhe” e “colhe” os discursos disponíveis no repertório social [...] pelo recurso de parafraseagem, substituição, sinonímias etc.. [...] Trata-se [...] de um tipo de memória que não se confunde com a memória psicológica, de um sujeito em particular.

Neste trabalho, essas considerações são importantes porque, para que se analisem os sentidos (ou se atribua o exaurimento de significados) ao discurso de manifestação do incesto consentido, é imprescindível que se disponibilize um sentido proibitivo a ser memorado. Assim, o “discurso sobre o incesto consentido” abordado por este estudo, somente é cabível pela existência de um anterior “discurso da proibição do incesto”, pois se assim não fosse, a prática sexual entre familiares não seria diferenciada das demais formas.

O sexo entre parentes ou afins somente significa pela existência dos laços familiares entre os envolvidos, estabelecidos pela memória discursiva. Sem essa elementar, não se constituem os (sem-) sentidos do incesto, pois, como propõe Orlandi (2008, pp. 129-130), há uma distinção “[...] entre o ‘não-sentido’ – que é o não-experimentado, o que ainda não significa, mas por uma necessidade histórica poderá vir a significar – e o ‘sem-sentido’, que é aquilo que já fez sentido e fica apenas em um imaginário imobilizado incapaz de significar”.

O “silêncio” também corresponde a um importante expediente discursivo, considerando ser ele uma forma de “não-dito” fundamental, que, para Orlandi (2012-a, p.83), se apresenta sob formas, sendo a inicial o:

[...] silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas, há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam. Desse modo distinguimos o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se dividem em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo, "sem medo" não digo "com coragem") e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba mas porque não se pode dizê-lo. As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras.

Para familiares que não silenciam o parentesco, o discurso sobre o incesto pode significar uma transgressão (materialmente manifestada – somente no discurso ou também na prática) ou se apresentar sem-sentido, pois não percebido como infracção, devido a formações discursivas que lhe justificam (discursos cultural e científico, por exemplo). Poder-se-ia tratar do não sentido discursivo sobre o incesto na hipótese de que sujeitos desconhecedores de seu parentesco se relacionassem sexualmente, vindo depois a abordarem o assunto.

No capítulo 5 deste trabalho, serão analisados recortes de contos eróticos que tematizam o discurso sobre o incesto consentido, buscando-se os (sem-) sentidos da manifestação da prática sexual entre familiares plenamente capazes. Antes, porém, apresentam-se considerações sobre a metodologia empregada na realização das análises, com exposição pormenorizada do objeto e delimitação do *corpus* do trabalho, além de informações específicas sobre as narrativas escolhidas para o estudo.

CAPÍTULO IV

UMA METODOLOGIA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O INCESTO CONSENTIDO

De que serve afligir-se em meio de terrores, se o homem vive à lei do acaso [...]! O mais acertado é abandonar-se ao destino. A ideia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos... O único meio de conseguir a tranquilidade de espírito consiste em não dar importância a tais temores.
(SÓFOCLES, s/d., p. 46)

As reflexões apresentadas neste estudo resultam de questionamentos interessados na procura de assuntos que propiciassem a observação de um discurso “transgressor” que “negasse” a consolidação de uma “única via” de pensamento e/ou de tratativa de uma temática. Assim, optou-se pela abordagem do discurso sobre o incesto, mas por sua modalidade consentida, considerando-se que tal prática não configura manifestação de violência, em virtude da capacidade de anuência das partes envolvidas.

Explica-se que a apresentação da metodologia foi configurada, neste trabalho, em capítulo específico, por preferência de organização textual. Dessa forma, expõem-se, na sequência, algumas reflexões metodológicas desencadeadas pela escolha do tema, tecem-se comentários acerca da importância de seleção de método à Análise do Discurso, além de ser identificado o *corpus* e de serem apresentados alguns aspectos dos discursos escolhidos para recorte, entre outros esclarecimentos oportunos.

4.1 O Método para a Análise do Discurso: Seleção do *Corpus* e Análise

Ao tratarem da problemática das questões sociais que exigem averiguação científica, Arruda et al. (2006, p. 05) afirmam que:

[...] as questões que se colocam na sociedade e se constituem objetos de investigação não são problemas, mas representam a forma mesma de se responder às necessidades sociais, a cada época; e se aparecem de uma determinada forma que se parece problemática, é porque a sociedade em si não consegue, ou não quer, respondê-las de outra forma. Cabe, então,

investigar, não problemas, mas quais necessidades impostas por determinada ordem social engendraram esta ou aquela situação.

Para a Análise do Discurso, as reflexões sobre a forma de se abordar a linguagem são fundamentais, a fim de serem evitados óbices específicos das práticas analíticas relativos ao trabalho do pesquisador, pois, como explica Orlandi (2012-a, p.61), o analista de discurso “não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições”.

Assim, mostra a teoria orlandiana (ORLANDI, 2012-a, pp.61-62) que:

Sem procurar eliminar os efeitos de evidência produzidos pela linguagem em seu funcionamento e sem pretender colocar-se fora da interpretação – fora da história, fora da língua - o analista produz seu dispositivo teórico de forma a não ser vítima desses efeitos, dessas ilusões, mas a tirar proveito delas. E o faz pela mediação teórica. Para que, no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, ele não reflita apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas reflita no sentido do pensar. Isto significa colocar em suspenso a interpretação. Contemplar. Que na sua origem grega, tem a ver com deus, com o momento em que o herói a pensa. Contempla antes da luta: ele encara sua tarefa. Ele a pensa. Em nosso caso, trata-se da teoria, no sentido de que não há análise sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem ambas, o processo de compreensão do analista. É assim que o analista de discurso “encara” a linguagem.

Essas considerações sobre a necessidade de se primar pela teoria, na prática da análise discursiva, mostram a importância da fundamentação ao estudo dos mecanismos do discurso. Orlandi (2012-a) ressalta, nessa passagem de seu trabalho, a essência da prática do pesquisador, tratando-o como o sujeito que reflete sobre sua tarefa, ou seja, como aquele que não se deixa influenciar pela superficialidade dos sentidos e que não desconsidera a presença incontestável da ideologia nas interlocuções humanas.

Ainda para Orlandi (2012-d, p. 23), “o analista de discurso deve mostrar os mecanismos dos processos de significação que presidem a textualização da discursividade”, culminando na interpretação do que se pretende analisar. Como indica Rodrigues (2007, p. 23) “a interpretação se constitui a partir de determinados procedimentos metodológicos, por mais elementares que sejam, como recortar um enunciado a ler e elaborar uma pergunta a seu respeito”.

Rodrigues (2007, p. 24) ainda esclarece que:

Talvez seja óbvio, mas analisar discurso coloca em questão o que analisar, primeiro passo metodológico, que se desdobra “automaticamente” em algumas perguntas a fazer, um objetivo a construir, algumas hipóteses, um objeto do discurso, um corpus a ser recortado ou construído e, desse recorte extrair somente o que for significativo e relevante para as questões elaboradas. Isso significa que em um dado corpus nem tudo vai ser analisado, porém não equivale a dizer que o que ficou de fora da análise não seja significativo ou relevante, mas apenas que são as perguntas, os objetivos, as hipóteses e o objeto do discurso que norteiam, em alguma instância, o recorte para análise.

No tratamento da função do pesquisador, Orlandi (2012-a, p. 45) constata que “o trabalho do analista: observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, ele deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido do que ali é dito”. Essa compreensão de sentidos inicia-se na seleção do *corpus*, considerando que os questionamentos, os objetivos e as hipóteses somente podem ser traçados após a escolha e recorte do objeto a ser analisado.

Para Orlandi (2012-a, p.63):

A construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas. Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a demonstração mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos.

O funcionamento discursivo, para a Análise do Discurso, como mostra Orlandi(2012-a, p. 77), é questão basilar, “levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos, lançando mão da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem um certo grau de operalização dos conceitos”. Neste trabalho, o que se pretende é exatamente analisar o discurso sobre o incesto consensual, observando a constituição dos sujeitos e dos (sem-) sentidos discursivos.

Para a Análise do Discurso, a seleção de um texto antecede a verificação do discurso ao qual ele está vinculado, observando-se a formação discursiva à qual faz referência, pois somente é possível averiguar o sentido considerando-se o “jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura” (ORLANDI, 2012-a, p. 63). Dessa forma, os textos são “monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leituras” que devem ser observados conforme suas condições de produção (ORLANDI, 2012-a, p. 65).

Essas condições de produção referem-se ao que Orlandi(2012-a, pp. 65-67)credita “à memória, onde intervém a ideologia, o inconsciente, o esquecimento, a falha, o equívoco”, pois “as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis”, fazendo com que a história se concretize na língua. Destarte, conclui o trabalho orlandiano (ORLANDI, 2012-a, p. 68) que:

Fatos vividos reclamam sentidos e os sujeitos se movem entre o real da língua e o da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação. De seu lado, o analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói [...] ele pode explicitar o modo de constituição dos sujeitos e de produção de sentidos. Passa da superfície linguística (corpus bruto, textos) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo. Isso resulta, para o analista com seu dispositivo, em mostrar o trabalho da ideologia. Em outras palavras, é trabalhando essas etapas da análise que ele observa os efeitos da língua na ideologia e na materialização desta na língua. Ou, o que, do ponto de vista do analista, é o mesmo: é assim que ele apreende a historicidade do texto. Destaca-se aí a textualização do político, entendido discursivamente: a simbolização das relações de poder presentes no texto.

Pretende-se, no próximo capítulo deste trabalho, analisar o discurso da manifestação da prática sexual entre familiares, mostrando “o trabalho da ideologia”, pois o analista deve compreender como o texto “produz sentidos, o que implica em saber tanto como ele pode ser lido, quanto como os sentidos estão nele” (ORLANDI, 2012-a, p. 72). Antes, porém, apresentam-se algumas informações quanto ao objeto e o recorte do *corpus* escolhido para análise.

4.2 Recorte do *Corpus*

Como explica Possenti (2001, p. 154):

[...] o *corpus* prioritário de uma análise do discurso deveria ser o discurso mais corriqueiro, familiar, porque nestes discursos menos ritualizados e menos propício a repetir protocolos de autoparáfrase, por pressão de doutrinas, poder-se-iam surpreender funcionando os mecanismos mais gerais do discurso.

Interessada nesse discurso “mais corriqueiro”, esta produção verteu-se, inicialmente, ao discurso de praticantes do incesto, para que fossem respondidos questionários específicos,

que corresponderiam ao *corpus* a ser analisado. Entretanto, constatou-se que, entre vítimas de violência incestuosa, há grande disposição à divulgação do assunto, fato que não acontece entre os praticantes de incesto consentido, que se mostraram pouco interessados na divulgação de suas experiências, mesmo com as devidas explicações sobre o sigilo nominal, na pesquisa.

A maioria desses sujeitos envolvidos em relacionamentos incestuosos que poderiam participar do trabalho foi “descoberta” durante as primeiras tratativas para o desenvolvimento do estudo. Explica-se, quanto a isso, que, assim que se iniciaram as “visitas” aos sítios digitais para conhecimento do assunto a ser tratado, criou-se um endereço eletrônico exclusivo para tentativa de acionamento de alguns sujeitos que oportunizavam alternativas para contato no ambiente virtual no qual expunham seus relatos incestuosos.

Essas tentativas de interlocução, entretanto, não foram profícuas, pois, das trinta e duas correspondências eletrônicas encaminhadas (que apresentavam a identificação da pesquisadora, o interesse do estudo e a garantia total de sigilo), apesar de ter havido vinte e uma respostas, obtiveram-se somente três devolutivas positivas, com interesse à participação. Esse grande número de “silêncios” às respostas e de negativas reafirmou a dificuldade para se abordar a problemática do incesto, inclusive o anuído.

Constatou-se que o discurso sobre o incesto consentido, mesmo que penalmente não impedido, mantém certa similaridade com outros discursos parafilicos, como o pedófilo, por exemplo. Destarte, tratado pelo senso comum e pela área médico-psiquiátrica mais conservadora como parafilia, a manifestação discursiva da concretude da prática sexual consentida entre parentes também reverbera na formação discursiva do Estado⁶, exatamente como ocorre com a pedofilia, tratada por Tafarello (2012, p. 39), que mostra que:

[...] esse discurso, ao romper os procedimentos de silenciamento/interdição e irromper na formação discursiva do Estado, parte de um movimento sem legitimidade e sentidos que lhe garantam a circulação e prática sem restrições deslocando-se, enquanto estratégia no embate político social, em busca de sentidos que os legitime.

Assim, buscou-se a internet como lócus propício para a circulação de “interdições” e elegeram-se, como objeto de estudo, contos eróticos dos sítios digitais de Língua Portuguesa “Acervo de Contos”⁷, “Casa dos Contos”⁸ e “Contos Eróticos *OnLine*”⁹. A escolha dos sítios

⁶Para exemplificar a influência do Estado nas consequências do incesto consentido, cita-se o empecilho jurídico de filhos de consanguíneos serem registrados com os nomes de ambos os pais.

⁷ Disponível em: <http://www.acervodecontos.com/>.

⁸ Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br>.

⁹ Disponível em: <http://www.contosonline.com.br/contos-eroticos>.

virtuais foi aleatória, por meio de aplicativo de busca gratuito (Google), utilizando-se como filtro de pesquisa a expressão “contos eróticos de incesto”. Após consultas preliminares, definiu-se que seriam escolhidos cinco contos de cada sítio digital pré-determinado.

Inicialmente foram feitas algumas leituras dos relatos eróticos para que se pudesse garantir que os contos não retratassem nenhum tipo de abuso sexual, prevalecendo o interesse da pesquisa em abordar o incesto consentido. Posteriormente a essa delimitação prévia, buscou-se a coleta da maior variedade possível de laços parentais dos sujeitos apresentados nas narrativas, ou seja, dos vínculos consanguíneos ou afins estabelecidos nos contos, interessando-se na diversidade da amostragem.

Os contos escolhidos foram categorizados, conforme o grau de parentesco dos envolvidos nas narrativas. Na sequência do trabalho, os relatos foram fragmentados, sem a preocupação de serem eliminadas as expressões de calão que, mormente, se relacionam às descrições pormenorizadas dos atos sexuais. Então, os fragmentos foram enumerados, considerando-se a prática sexual entre familiares. Finalmente, os discursos foram analisados, buscando-se os (sem-) sentidos da manifestação discursiva sobre o incesto consentido.

A fim de não suprimir dos enunciados os elementos linguísticos de identificação familiar no incesto, eles são apresentados, na parte analítica deste trabalho, na completude em que foram selecionados, em cada conto. Assim, como um mesmo enunciado pôde servir a mais de uma análise, optou-se pelo recurso de se sublinharem as construções linguísticas a serem sopesadas, em cada subitem do capítulo 5, destacando o fragmento considerado para o levantamento das hipóteses de apreciação discursiva.

Por exemplo, o fragmento selecionado do conto 11, “minha tia sempre foi gostosa. Desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem. [...] O sonho de todo moleque”, aparece analisado em mais de uma seção e, conforme a hipótese de análise aventada, podem aparecer destacadas, por sublinhas, diferentes partes do enunciado. Explica-se que tal escolha foi feita a fim de que o discurso sobre o incesto consentido ficasse mais bem destacado, evidenciando o objeto do estudo.

4.3 Identificação dos autores/personagens-sujeitos

Como estabelece Orlandi (2012-a, p. 76), “o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz

etc.” Considerando tal ensinamento, optou-se pela escolha de “narradores” dos contos eróticos que obedecessem à maior diversificação possível, conforme a categorização do grau de parentesco dos envolvidos no discurso sobre o incesto.

O Quadro 1 mostra essa diversificação do parentesco entre os envolvidos nos relatos eróticos escolhidos para a realização deste trabalho e foi elaborado para que o discurso sobre o incesto consensual ficasse evidenciado, na ocasião vindoura de levantamento das hipóteses analíticas. Assim, na primeira coluna estão identificados, por números, os contos escolhidos para recorte e, nas duas outras, os sujeitos autor e personagem, conforme descrição de parentesco apontada nos relatos eróticos:

Quadro 1: Mostra o grau de parentesco dos sujeitos envolvidos na prática incestuosa relatada nos enunciados escolhidos

Conto Erótico	Autor-Sujeito	Personagem-Sujeito
1	irmã	irmão
2	irmã-cunhada	cunhado / irmã
3	filho	mãe
4	irmã	irmã
5	cunhada	cunhado
6	pai	filha
7	sobrinha	tio / tia
8	neta	avô
9	mãe	filho
10	sobrinho	tia
11	genro	sogra
12	enteada	padrasto
13	filha	pai
14	primo	prima
15	irmão	irmã

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2013.

Esclarece-se que o grau de parentesco entre os envolvidos no incesto mormente aparece, na construção discursiva, de forma linguisticamente operada, considerando que o sentido da familiaridade age de maneira dêitica. Assim, por exemplo, ao se referirem à irmã ou ao pai, os sujeitos apresentam a si mesmos conforme o discurso familiar (determinado por um dos aparelhos ideológicos do Estado) e se definem, automaticamente, como irmão/irmã ou filho/filha, sem que precisem assim se identificar.

Após a apreciação dos contos e a verificação desses graus de parentesco, procurou-se a observação de possíveis identificações dos sujeitos-autores e sujeitos-personagens apresentados nos discursos. Essa procura resultou nas informações trazidas a seguir, que mostram a nominalização dos autores-sujeitos, a classificação etária, a descrição física e

outras descrições coletadas. Explica-se, ainda, que, a marcação com “x” corresponde à ausência de menção sobre o aspecto verificado.

Pelas informações apresentadas no Quadro 2, pode-se afirmar que os sujeitos envolvidos nos relatos correspondem à potencialidade de consentimento, reafirmando o interesse desta pesquisa ao enfoque o discurso sobre o incesto plenamente anuído:

Quadro 2: Mostra a nominalização dos autores-sujeitos, classificação etária, descrição física e outras descrições coletadas nos enunciados

Conto Erótico	Autor-Sujeito		Personagem-Sujeito	
	1	Nome: Luisa	Idade: 40 anos	Nome: irmão
Características: Advogada, sem filhos, divorciada, morena relativamente bonita, tem três irmãos.		Características: Caçula, surdo e mudo, estudou até o ensino médio, trabalha como peão de fazenda.		
2	Nome: Lia	Idade: 18 anos	Nomes: cunhado e irmã	Idades: 30 e 29 anos
	Características: Problemática.		Características: Empresários.	
3	Nome: Pedro	Idade: x	Nome: Mãe	Idade: 40 anos
	Características: Safado, mas respeitador com as mulheres da família.		Características: Recém-divorciada, magra e “bem feita”.	
4	Nome: Ayala	Idade: x	Nome: Laura	Idade: x
	Características: Estatura mediana, seios fartos e durinhos, bumbum grande e corpo escultural; faz academia 3 vezes na semana e maníaca pelo corpo, tem trabalho estressante.		Características: Irmã gêmea idêntica.	
5	Nome: x	Idade: x	Nome: cunhado	Idade: dezoito anos mais velho
	Características: “[...] nem sempre respeitada, mal compreendida”, mestranda.		Características: “Bonito, inteligente, educado, sensível”, professor universitário.	
6	Nome: x	Idade: x	Nome: Mariana	Idade: x
	Características: Escritor de contos eróticos.		Características: Filha caçula, virgem.	
7	Nome: Lyana	Idade: 18 anos	Nome: tia e Thiago	Idade: x e 45 anos
	Características: Tem cabelo preto, olhos verdes, baixa e magra, com seios médios e “bumbum empinado”.		Características: Baixa, olhos azuis, “cabelo preto cortado no ombro e um corpo de dar inveja em muita menininha com metade da idade dela”; “alto, forte, loiro de olhos verdes, um sorriso encantador e um corpo musculoso”.	
8	Nome: x	Idade: x	Nome: Euclides	Idade: x
	Características: Estudante.		Características: Bastante ativo sexualmente, viúvo.	
9	Nome: Michele	Idade: 33 anos	Nome: filho	Idade: 19 anos
	Características: Profissional da área médica, praticante de nudismo.		Características: Ciumento.	
10	Nome: x	Idade: x	Nome: tia	Idade: x
	Características: Não gosta de Natal.		Características: Tem seios fartos.	
11	Nome: x	Idade: 26 anos	Nome: sogra	Idade: 48 anos
	Características: Moreno, 1,80 de altura, 74 kg, praticante de academia, “charmoso e bem visto”. Gosta de mulheres mais velhas.		Características: Tem “pele desgastada pelo sol forte do interior, mulher que sempre trabalhou muito na roça, porém tem os seus charmes”.	
12	Nome: Clarice	Idade: 19 anos	Nome: Gilberto	Idade: 45 anos
	Características: Foi traída pela mãe e pelo namorado.		Características: Bonito, moreno, 1,80 m e uns 85 kg.	
13	Nome: Tereza	Idade: x	Nome: x	Idade: 60 anos
	Características: Recém-separada do marido infiel, sem recursos financeiros próprios.		Características: Militar reformado, mora no interior, tem corpo privilegiado, vive solitário.	
14	Nome: x	Idade: 23 anos	Nome: Kelly	Idade: 19 anos
	Características: Tem 1,84 m e 70 kg.		Características: É branca, tem 1,74 m, olhos verdes e “corpinho de avião”.	
15	Nome: x	Idade: x	Nome: Vania	Idade: x
	Características: Foi ameaçado pela irmã.		Características: Já havia praticado incesto com outro irmão e com primo.	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2013.

Em oposição ao discurso proibitório da prática incestuosa, almeja-se analisar, no próximo capítulo, a manifestação discursiva sobre o incesto consensual, que também se utiliza de mecanismos ideológicos para a formação de seus (sem-) sentidos. Assim, na sequência deste trabalho, discorrer-se-á sobre as conclusões do processo analítico do discurso sobre o incesto praticado por familiares plenamente capazes, por meio das contribuições da teoria da Análise do Discurso.

CAPÍTULO V

OS (SEM-) SENTIDOS DO INCESTO CONSENTIDO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Que coisa mais impiedosa, de resto, que estragar a vida de duas innocentes e adoráveis creaturas, atirando-lhes á face uma prova de incesto!... Mas, a esta idéa de incesto, todas as consequencias d'esse silencio lhe appareceram, como coisas vivas e pavorosas, flammejando no escuro diante dos seus olhos. Poderia ele tranquillamente testemunhar a vida dos dois - desde que a sabia incestuosa?
(QUEIRÓS, 1888, p. 250)

Neste capítulo, pretende-se uma análise dos enunciados coletados nos contos eróticos escolhidos, fundamentando-se, para tanto, na Análise do Discurso pecheutiana/orlandiana, como anteriormente explicado. Os pressupostos teóricos dessa linha de análise embasarão as considerações acerca do(s) (sem-) sentidos do discurso sobre o incesto consentido, possibilitando, destarte, a verificação do discurso tabuísta de proibição da prática sexual entre familiares consanguíneos ou afins.

Percebe-se que uma das estratégias utilizadas pelos sujeitos/autores dos contos que abordam o discurso sobre o incesto consentido é o anonimato, que poderia desencadear uma suposta totalidade de despreocupação quanto ao julgo da formação ideológica religioso-moral. Além disso, o próprio ambiente virtual de divulgação erótica deveria possibilitar uma liberdade discursiva à propagação de qualquer temática, mesmo a que relata o discurso de um dos mais secretos tabus humanos.

Entretanto, o que se percebe é que, mesmo com tais potencialidades, os discursos de manifestação do incesto consentido repercutem a essência tabuísta do mesmo discurso que o proíbe, constituindo, discursivamente, uma única formação ideológica observável. Assim, para melhor apresentação da análise, optou-se pela divisão dos enunciados em cinco categorias, de acordo com possíveis (sem-) sentidos de formações discursivas em que se enquadram, como se verá, na sequência.

Antes, porém, de serem iniciadas as análises, emerge a necessidade de que se esclareça que, assim como faz Freud (1925-1926, pp. 56-57), este trabalho não se utiliza de qualquer

diferenciação entre pulsão sexual ou afeto, ou seja, entre os sentidos evocados pela libido, que:

[...] é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra ‘amor’. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso - que, em qualquer caso, tem sua parte no nome ‘amor’ -, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa reside no fato de que a pesquisa psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências constituem expressão dos mesmos impulsos instintuais; nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo, embora sempre conservem o bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade (como em características tais como o anseio de proximidade e o auto sacrifício).

Freud (1925-1926, p. 57) explica que a linguagem unificou as emoções ao criar a palavra “amor” com inúmeras possibilidades de uso e que “não podemos fazer nada melhor senão tomá-la também como base de nossas discussões e exposições científicas. Por chegar a essa decisão, a psicanálise desencadeou uma tormenta de indignação, como se fosse culpada de um ato de ultrajante inovação”. Entretanto, afirma o psicanalista (FREUD, 1925-1926) que até Platão e o apóstolo Paulo se utilizaram da palavra “amor” em seu sentido amplo.

Continua Freud (1925-1926, p. 57) esclarecendo que:

A psicanálise, portanto, dá a esses instintos amorosos o nome de instintos sexuais, a priori e em razão de sua origem. A maioria das pessoas ‘instruídas’ encarou essa nomenclatura como um insulto e fez sua vingança retribuindo à psicanálise a pecha de ‘pansexualismo’. Qualquer pessoa que considere o sexo como algo mortificante e humilhante para a natureza humana está livre para empregar as expressões mais polidas ‘Eros’ e ‘erótico’. Eu poderia ter procedido assim desde o começo e me teria poupado muita oposição. Mas não quis fazê-lo, porque me apraz evitar fazer concessões à pusilanimidade. Nunca se pode dizer até onde esse caminho nos levará; cede-se primeiro em palavras e depois, pouco a pouco, em substância também. Não posso ver mérito algum em se ter vergonha do sexo; a palavra grega ‘Eros’, destinada a suavizar a afronta, ao final nada mais é do que tradução de nossa palavra alemã Liebe [amor], e finalmente, aquele que sabe esperar não precisa de fazer concessões.

Dessa maneira, ressalta-se que os (sem-) sentidos das análises não devem ser considerados sob qualquer crivo, pois o interesse deste estudo não se debruça sobre nenhum viés moralizante. Assim, mostra-se a simbologia da/na linguagem até mesmo nas questões humanas mais elementares, reafirmando a importância dos estudos linguísticos, especialmente daqueles que destacam a problemática da opacidade da língua e suas repercussões na dinâmica interacional dos sujeitos.

5.1 Os (Sem-) Sentidos da Submissão no Discurso sobre o Incesto Consentido

(1) [...] me tornei o brinquedo favorito do meu cunhado e da minha irmã. [...] nós transamos sempre, sou o brinquedinho deles, e acho isso muito sexy, fazem comigo oq querem, e eu adoro agradecer meus donos. (conto 2)

(2) Minha tia sempre foi gostosa. Desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem. [...] O sonho de todo moleque. (conto 11)

Em alguns contos analisados, foi possível perceber que os sujeitos legam, a seus discursos, a tentativa de demonstrarem que são submissos à situação incestuosa, como se não pudessem (ou não quisessem) controlar o contexto sexual intrafamiliar. Os recortes (1) e (2) mostram essas características discursivas, na medida em que parecem reivindicar do interlocutor certa compreensão pelo ato transgressor que apresentam, pois a submissão parece determinante.

Quanto ao tema, (1) e (2) são paráfrases (PÊCHEUX, 2002; ORLANDI, 2012-d), pois se constituem a partir dos mesmos sentidos: manifestam o discurso sobre o incesto, apontando seus sujeitos-autores como “submissos” à situação experienciada. Assim, alega-se, no discurso, a constatação da não responsabilidade dos sujeitos-autores pelo que praticam, pois são “movidos” por condições externas que determinam seus comportamentos incestuosos, impelindo-os à prática sexual com parentes.

Essa hipótese remete à condição de assujeitamento dos indivíduos (ALTHUSSER, 1985), afirmando a interpelação ideológica como ferramenta irresistível, mas conhecida pelo sujeito-autor e por ele considerada aceitável, nos recortes (1) e (2). Tal ajuizamento parece funcionar como uma “cortina” discursiva, pois permite que a formação ideológica seja articulada exatamente como funciona: faz com que os sujeitos acreditem serem suas as ideias e os sentimentos e comportamentos delas advindos.

Como explica Rodrigues (2007, p. 131):

O sujeito, no jogo das relações de poder (ou não) e pelo efeito delas sobre o sujeito, pode ser afetado pelo mecanismo de interpelação ou sentido de outras formações discursivas em disputas, situação que pode acarretar não somente a mudança de posição-sujeito, de formação discursiva e até de formação ideológica, mas, sobretudo, um “abandono” das questões de que sua formação discursiva “originária” “dada” ou de sua especificidade.

Assim, em (1), “me tornei o brinquedo favorito do meu cunhado e da minha irmã”, tem-se a descrição do grau de parentesco envolvido no incesto e, especificamente, a expressão “brinquedo favorito” descreve a condição “usável” do sujeito, pois o objeto de brincadeira preferido costuma ser o mais manuseado dentre todos. O emprego do termo “sou o brinquedinho deles” reafirma, pelo uso do diminutivo, a mesma condição de proximidade da palavra “favorito”, intensificada pela afetuosidade característica da desinência de grau.

Entretanto, ao mesmo tempo em que pode significar afeição, o uso do diminutivo tende a estabelecer uma relação de domínio, ressaltada, no discurso, pelo conseqüente “eu quero agradar meus donos”. Nesse contexto, as manifestações discursivas do sadomasoquismo (outra forma de parafilia) e da propriedade entrecruzam o discurso sobre o incesto, e a utilização da expressão “meus donos” ressalta a condição de “bem manuseável”, de objeto sexual dos anteriores “brinquedo favorito” e “brinquedinho”.

Em (2), a afirmação de que “desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem” também pode significar o servilismo do sujeito-autor a um elemento dominante (“minha tia”). A expressão idiomática “desde que me entendo por gente” remete a um sentido de continuidade temporal, reiteração, permanência, e o verbo “seguem” funciona como um indicativo de “vitimização”, mostrando uma “dissimulada impossibilidade dissimulada” de resistência, que faz com que o sujeito sucumba ao incesto.

Os enunciados, ao manifestarem o discurso sobre o incesto consentido, fundam-se na ideologia do tabuísmo da proibição de sexo entre familiares, pois os sujeitos, apesar de “autorizarem” a atividade, fazem uso de mecanismos discursivos que ressaltam uma condição de desnivelamento entre os envolvidos. Esse argumento da “impropriedade” sexual por submissão de uma das partes, que nos recortes tem aparência de “escolhas dos sujeitos”, pertence, factualmente, à formação discursiva proibitiva que se deveria repudiar.

5.2 Os (Sem-) Sentidos da Discrição Concupiscente no Discurso sobre o Incesto Consentido

(3) [...] um dia chegando em casa de surpresa peguei minha filha caçula tomando banho [...] dei uma risadinha e sai. [...] na janta ela ficou meio calada, mas fingi que nada tinha acontecido. mastava louco de tezaio, sentia uma vontade enorme de ve-la nua de novo. (conto 6)

(4) [...] Comecei a relatar minha vida a dois com meu filho. Passamos a viver como se realmente fossemos casados [...] claro que nosso comportamento era bem discreto, afinal temos uma boa diferença de idade. [...] Mas ele além de ter muito ciúme de mim, diz que sou sua mulher, namorada, amante, tudo que um homem deseja de uma femea. (conto 9)

Outra singularidade observada, nos contos analisados, foi a tentativa de atenuar a satisfação pela ocorrência do incesto consensual, buscando, de certa forma, evitar a banalização do fato transgressor. Assim, percebe-se uma discrição na tratativa do interesse sexual intrafamiliar (que tenta fazer com que o interlocutor não refute o discurso apresentado), mostrando, pelo que não diz, o conhecimento da especificidade transgressora do cometimento do incesto.

Os enunciados (3) e (4) também estabelecem, discursivamente, o interesse de ruptura com a ideologia dominante de proibição à prática do incesto, pois, ao materializarem a problemática, a tornam factível. Em (3) e (4), os vínculos familiares observados são entre ascendente e descendente (“peguei minha filha caçula tomando banho” e “minha vida a dois com meu filho”). O consentimento, nesses casos, aparece de maneira tácita, em (3), e objetiva, em (4).

Em (3), o enunciado “chegando em casa de surpresa peguei minha filha caçula tomando banho” permite que a expressão “de surpresa”, pela ausência de pontuação, possa significar tanto a chegada à residência (chegar foi de surpresa), quanto indicar o sentido de surpreender a filha caçula a se banhar (de surpresa, viu o banho da filha). Uma hipótese a essa ambiguidade do discurso pode ser a manifestação do desejo sexual inconsciente e anterior do progenitor pela descendente.

Observar a nudez da filha de forma lasciva pode não indicar, de fato, um evento de “surpresa”, mas algo pretendido anterior e inconscientemente e apenas não manifestado. O emprego da palavra “peguei” também reforça essa possibilidade de análise, pois o verbo “pegar”, em seu sentido primeiro, indica “tomar nas mãos, segurar, agarrar” (BORBA, 2011, p. 1047). Assim, o uso desse verbo provoca um efeito de sentido (ORLANDI, 2012-a) sinestésico, que imiscui a “volatilidade” da visão com a “historicidade” do tato.

Essa sinestesia evocada pode representar a tensão entre o discurso tabuísta e o interesse pela prática do cometimento de relações sexuais entre familiares, ou seja, o sujeito observa a nudez da filha, mas, na verdade, o que deseja é tocá-la, sucumbindo à concretização de seu anseio “proibido”. A sequência do enunciado “dei uma risadinha e sai” reforça a hipótese de concupiscência sinestésica do discurso, pois o ato de “pegar por meio do olhar” é completado pela articulação labial quase silente provocada pelo riso diminuto.

A expressão “ela ficou meio calada” aventa, no discurso do sujeito-autor, um consentimento autorizado pelo silêncio (ORLANDI, 2012-a), pois é possível significar que, ideologicamente interpelada pelo discurso proibitivo, a filha, se não consente com o desejo incestuoso, deve se manifestar discursivamente contrária ao interesse sexual de seu progenitor. Entretanto, a condição taciturna da observada também pode indicar a censura característica da dificuldade de se enunciar sobre o incesto (BISCARO, 2003).

Em (4), “passamos a viver como se realmente fossemos casados”, o sujeito-autor, ao tentar validar o relacionamento incestuoso à condição de casamento convencional, nega o próprio interesse, pois, ao usar a oração subordinada adverbial, promove a significação de que não vivencia um matrimônio. Essa hipótese analítica é reafirmada, no enunciado, pelo emprego do marcador discursivo “realmente”, que emerge, no discurso, em uma tentativa de escalonar a condição matrimonial (solteiro > casado > realmente casado).

Ao enunciar a condição de “realmente casados”, o sujeito-autor enfoca, pelo não-dito, um silêncio fundador (ORLANDI, 2012-a) que autoriza o sentido de que existem sujeitos que não são “realmente casados” (são solteiros ou apenas casados). Essa “tática” discursiva parece buscar a aceitação do interlocutor ao discurso da manifestação do incesto consentido, como se afirmasse: somos familiares, mantemos relações sexuais incestuosas e, mesmo que a ideologia dominante não autorize tal prática, parecemos mais casados que muitos casais convencionais.

Em (4), o emprego do marcador “claro” na afirmação “claro que nosso comportamento era bem discreto” constitui um interessante expediente. Para o sujeito-autor, parece óbvia a necessidade de preocupação quanto à discrição do relacionamento incestuoso, mostrando que poderia parecer “não normal” a condição de “casados” anteriormente informada. Mostra-se, dessa forma, um conflito no discurso, pois, se os praticantes do incesto pareciam “realmente casados”, não haveria motivos para a imperatividade da descrição.

Ocorre que, ainda mais interessante que a tensão provocada pela divergência entre o enunciado da discrição e os efeitos de sentido evocados pelo comportamento discreto, é a justificativa que o sujeito-autor estabelece para a cautela comissiva. Ao discursar que “afinal temos uma boa diferença de idade”, apresenta-se um argumento à necessidade de discrição

que parece incoerente com a proposta discursiva de manifestação dos relacionamentos sexuais entre familiares.

A formação discursiva incestual consentida tem sua evidência diminuída e aciona-se o discurso sobre o preconceito da diferença de idade entre parceiros sexuais para justificar a discrição comportamental dos sujeitos, como se o incesto não significasse (ou significasse menos) perante a diferenciação etária. Esse expediente, ao exigir da memória discursiva (PÊCHEUX, 2010) uma retomada a outro interdiscurso (PÊCHEUX, 2010), tende a promover um desvio do foco ideológico proibitivo.

5.3 Os (Sem-) Sentidos da Fruição no Discurso sobre o Incesto Consentido

(5) [...] me tornei o brinquedo favorito do meu cunhado e da minha irmã. [...] nós transamos sempre, sou o brinquedinho deles, e acho isso muito sexy, fazem comigo oq querem, e eu adoro agradecer meus donos. (conto 2)

(6) [...] olhei meio espantada para minha tia [...] e senti um sorriso perverso vindo ao meu rosto, olhei para meu tio que olhava com uma cara de safado e disse: - pelo jeito essas vão ser férias bem divertidas! (conto 7)

(7) Um dia cheguei em casa do colégio e vi meu vô sentadinho no sofá da sala [...]. Nunca tinha cometido incesto antes... Mas foi uma delícia... [...]. (conto 8)

(8) Minha tia sempre foi gostosa. Desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem. [...] O sonho de todo moleque. (conto 11)

(9) [...] foi surpreendido, pela minha irmã Vania [...], perguntei [...] o que ela queria que eu fizesse, pra ela esquecer o que tinha visto, Vania [...] me fez uma oferta, eu deixo você me ver pelada [...], eu fiquei maravilhado [...]. Vania me deu um longo beijo na boca e me disse, mesmo depois que eu e você, nós casarmos eu quero continuar sendo sua amante. (conto 15)

Uma das maiores ocorrências dos enunciados escolhidos para análise refere-se a uma fruição discursiva apontada pelos sujeitos-autores quanto à manifestação de suas experiências incestuosas. O relacionamento sexual entre familiares é tratado, discursivamente, como um comportamento também (e predominantemente) apazível (BISCARO, 2003), “brotado” nos próprios sujeitos, e não como a manifestação de interdiscursos e de deslocamentos de sentidos (PÊCHEUX, 2010) da ideologia tabuísta.

Em (5), (6), (7), (8) e (9), o incesto consentido é discursivizado por meio da fruição: o sexo entre parentes (consanguíneos e afins) é divulgado como um elemento que excede o

“mero” prazer sexual. Os sujeitos-autores divulgam a condição familiar dos sujeitos-personagens, propagando a ideia de que o vínculo parental pode ser fator determinante do deleite exacerbado, culminando na significação de que, tão ou mais prazerosa que a experiência sexual, é a possibilidade de propagar discursivamente o incesto.

O enunciado (5) enfatiza (na palavra “sempre”) uma conduta sexual reiterada por meio do termo “nós transamos sempre” e, ao empregar o verbo “transar”, evita a significação meramente procriativa da sinonímia “copular” e atalha a afetividade exacerbada da expressão “fazer amor”. Esses mecanismos discursivos estabelecem um sentido de fruição à prática incestuosa, pelo distanciamento que evoca das finalidades de procriação da espécie e de estabelecimento de vínculos afetivos entre parceiros.

Em “eu adoro agradar”, ainda em (5), observa-se uma intrigante articulação de sentidos no emprego do período composto por subordinação. O uso de “adoro” enfatiza e realça o objeto “agradar”, promovendo uma mútua satisfação entre os sujeitos mencionados no discurso, porque enquanto um é agradado pelo comportamento do outro, esse outro também se beneficia da prática, considerando que seu prazer é proporcionado pelo prazer legado aos parceiros.

Esse discurso da “satisfação” também pode ser observado em “pelo jeito essas vão ser férias bem divertidas” (não somente “divertidas”: o emprego do advérbio intensificador “bem” ressalta a característica de diversão intuída pelo sujeito-autor). Assim, o discurso da prática incestuosa não se vincula ao prazer convencional do sexo, mas à sua intensificação exatamente pela ruptura da formação ideológica tabuísta e pelo deslocamento de seus sentidos.

Observa-se que, nesse enunciado, a prática sexual incestuosa é substituída pelo termo “férias”, pois, factualmente, o indivíduo assujeitado não credita diversão ao período de descanso por vir, mas ao que será sexualmente realizado nesse ínterim. Dessa forma, ao mesmo tempo em que enfatiza a fruição provocada pelo incesto, evita sua nominalização, possibilitando a hipótese analítica de comprometimento com a ideologia tabuísta linguística, que refuta a materialização de certas construções idiomáticas (RAZON, 2007).

Ao contrário dessa preferência ideológica de ocultação do elemento proibitivo, (7) nominaliza a prática sexual entre familiares e alardeia que “nunca tinha cometido incesto antes...”, “escolhendo” a terminologia em seu repertório interdiscursivo. O uso das reticências parece funcionar como um mecanismo discursivo de suspense, possibilitando o entendimento de que, conforme determina a ideologia dominante de proibição irrestrita à prática do incesto, o desencadear do discurso apontaria descontentamento pelo feito.

“Mas foi uma delícia...”, completa o sujeito-autor, deslocando o sentido original do discurso da proibição do incesto e imputando-lhe um significado de prazer expandido pelo uso do marcador adversativo “mas” que, canonicamente, coloca dois termos em oposição. Assim, se “foi uma delícia” corresponde à ideia de fruição e contentamento, “nunca tinha cometido incesto antes” é uma introdução oposta, que aponta certa lástima do sujeito perante a não ocorrência anterior do sexo entre parentes.

Essa contrariedade pela inexistência de anteriores relações incestuosas demonstra, pela observação do que não é dito, o interesse por vindouras ocorrências de relações sexuais intrafamiliares, que pode ser percebido, também, no emprego, novamente, de reticências ao término de “mas foi uma delícia...”. Pode-se considerar que essas aposiopeses, nesse contexto, desempenham uma função de desejo à reiteração da prática, pois são sinais gráficos que colocam em continuidade algo já manifestado.

Em (8), o sentido do prazer destaca-se, inicialmente, pela descrição “minha tia sempre foi gostosa”. O advérbio “sempre” temporaliza o qualificador “gostosa”, definindo “minha tia” como um elemento “consumível”, considerando que, para se constatar o gosto agradável de algo, é necessário que seja “provado”. Dessa maneira, o sentido do discurso de satisfação do sujeito-autor quanto à condição de provável agradabilidade sexual do sujeito-personagem é inexaurível e pontual (sempre foi e continua sendo).

Ao afirmar que essa tia que sempre foi significada como sexualmente agradável é “o sonho de todo moleque”, o sujeito retoma as conclusões do discurso da inafastabilidade do incesto do ambiente familiar (FREUD, 1916-1917), enquanto remonta à significação do prazer onírico. A palavra “sonho” identifica, no discurso, a manifestação do inconsciente (FREUD, 1900), ou seja, o sentido de “desejo” reprimido, apresentando o incesto como um interesse que recobre os humanos, desde crianças.

Finalmente, em (9), o “deslumbramento” pelo incesto consentido extrapola-se, pois o sujeito discursa, categoricamente: “eu fiquei maravilhado”, afirmando uma condição de “encantamento” pela transgressão ao proibitivo do incesto. Esse “maravilhamento” é produzido pelo sentido deslocado do discurso tabuísta, ou seja, ao invés de aceitar uma determinação discursiva, o sujeito a nega, também discursivamente, transgride a ordem e se apraz pela ruptura provocada.

5.4 Os (Sem-) Sentidos da Utilidade no Discurso sobre o Incesto Consentido

(10) Tenho três irmãos [...]. Fiquei observando meu o irmão, jovem bonito inteligente trabalhador mas com as limitações da surdez e da fala. [...] Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar.Estava decidida. [...] Viramos namorados, amantes, marido e mulher. (conto 1)

(11) Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. [...] tive a presença ilustre da minha mãe [...] Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. [...] e desde então ela se tornou minha amante (conto 3)

(12) Mas, só fui começar a arquitetar minha vingança quando vi meu padrasto com a porta do banheiro aberta fazendo a barba e só com uma toalha enrolada na cintura... [...] Resolvi fazer ele passar a me notar de qualquer maneira. (conto 12)

Os enunciados (10), (11) e (12) significam por apresentarem, nos discursos, (sem-) sentidos de utilidade/finalidade ao incesto consentido. Dessa forma, eles apresentam motivações ao cometimento da atividade sexual intrafamiliar, mostrando um possível exaurimento dos sentidos originais da proibição do incesto (RAZON, 2007) ou apontando novos significados à sua ocorrência. Assim, o discurso sobre o tabu do incesto firma-se a novos sentidos, como se pode verificar.

Em (10), “Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar.Estava decidida.”, a finalidade da investida do incesto cometido por irmãos é essencialmente sexual. O sujeito-autor “investe” sobre o irmão para a prática de sexo consensual (“iria seduzi-lo” e “estava decidida”), sopesando uma aparente exiguidade de parceiros disponíveis, situação em que o próprio discurso bíblico religioso-moral “autoriza” a prática do incesto.

Ao definir “que iria unir o útil ao agradável”, o sujeito se apropria do discurso biológico (WILSON, 1981) para afirmar a dupla finalidade do sexo à espécie humana: ser “útil” como atividade procriadora e “agradável” ao estabelecimento de vínculos afetivos entre parceiros potenciais. Tais utilidades acarretam o discurso sobre o comportamento assertivo (“estava decidida”), possibilitando, novamente, a observação da equivocada ideia de que são os sujeitos que decidem suas práticas e não a interpelação ideológica a que se submetem.

“Minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo”, o enunciado (11), também aponta o equívoco da “vontade” do sujeito, como se o interesse pela prática de sexo incestuoso tivesse “nascido” no próprio ser e não fosse uma representação ideológica historicamente construída. Além disso, esse discurso também aponta a finalidade do uso

(“usufruir daquele corpo”), por meio de uma construção metonímica: o sujeito discursa sobre seu interesse de “usar” a matéria corporal, mas nominaliza esse corpo (“minha mãe”).

Já em (12), o sujeito motiva a prática do incesto consentido por um interesse de retaliação: “só fui começar a arquitetar minha vingança quando vi meu padrasto [...] com uma toalha na cintura”. Nesse caso, parece ocorrer uma dissimulação do sentido da utilidade do incesto, por uma relação entre causa e consequência, considerando a possibilidade de se entender que a causa da articulação da vingança foi a visão da nudez parcial do padrasto e não o contrário, como a disposição do enunciado pressupõe.

A atividade analítica permite que se entenda que o sujeito justifica seu interesse pelo cometimento do incesto por meio do subterfúgio da necessidade de vingança, mas o discurso, entretanto, vivifica ser possível que a necessidade de vingança tenha sido a justificativa para a materialização discursiva da prática sexual entre parentes afins. Essa hipótese de análise confirma a ideia de opacidade da língua (ORLANDI, 2012-d), pois é no discurso que o simbólico se manifesta.

5.5 Os (Sem-) Sentidos da Valoração no Discurso sobre o Incesto Consentido

(13) Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. [...] tive a presença ilustre da minha mãe [...] Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. (conto 3)

(14) [...] eu encontrei minha irmã...eram meses sem nos ver... estava com tanta saudade,a abracei e dei um celinho, por que foi assim que aprendemos: damos celinho em vez de beijo no rosto e isso é normal; Até ai tudo bem. era tudo sem maldade nenhuma. (conto 4)

(15) Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. Até aí tudo normal e perfeito. [...] Depois de uns meses [...]. Resolvi seduzi-lo. [...] Desde então sou amante dele. (conto 5)

(16) Na hora de irmos dormir como havia dois quartos na casa minhas tias ficaram em um quarto para colocar os papos em dia eu e minha prima ficamos no outro quarto em camas separadas claro, mas naquela noite mau dormi pois só pensava na minha priminha [...]. (conto 14)

Nos enunciados escolhidos para análise, percebeu-se o sentido da valoração como possibilidade de se contrariar o discurso sobre o incesto consentido. Assim, (13), (14), (15) e

(16) categorizam o potencial de se atribuir valor ao discurso de aceitação do incesto consentido como modalidade sexual possível (pelo emprego de expressões que propagam o significado tabuísta do incesto) e reafirmar essa conduta como uma atividade anormal, descabida e que pode causar prejuízos sociais.

Em “eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha família..”, estabelece-se, inicialmente, uma relação metafórica entre o sujeito e o termo “galinha”. Essa palavra (“galinha”) pode sinonimizar, como substantivo e como adjetivo depreciativos, a “pessoa que não se satisfaz em ter apenas um parceiro amoroso [...]; muito namorado” (BORBA, 2011, p. 663), indicando a voluptuosidade do sujeito-autor, mas é importante que se observe o sentido determinado pelo anterior “eu sou considerado”.

Ao afirmar “eu sou”, o sujeito-autor pontua uma condição incontestada, ou seja, uma assertiva definida sobre o estado a ser manifestado, não possibilitando que se avertam outras perspectivas quanto ao que se pretende declarar. Entretanto, ao empregar a expressão “eu sou considerado”, expande-se a significação do termo subsequente “galinha”, pois o discurso alega que outrem (mesmo que esse outrem seja o próprio sujeito-autor) o considera uma pessoa de muita atividade sexual e de múltiplos parceiros.

Esse mecanismo de legar a terceiros a opinião sobre a lubricidade do sujeito é aplicado na tentativa de maior credibilidade ao elemento depreciativo que se enuncia: quem considera são os outros e o sujeito pode, em suas práticas, não ser. Entretanto, o uso subsequente de uma oração adversativa que não refuta a totalidade da principal promove a significação de que o sujeito-autor é “galinha”, pois, em “mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha família”, ele elimina apenas algumas mulheres (as de sua família) de seu interesse sexual.

O discurso moral-religioso de apresentação do sexo como uma atividade torpe pode ser observado nessa adversativa, considerando o emprego do verbo “respeitei” na exclusão das potenciais parceiras familiares. Ao garantir que “sempre respeitei muitos as mulheres da minha família”, o sujeito promove a significação de que desrespeita todas as demais pessoas do sexo feminino por meio de seu interesse sexual, difundindo um sentido desrespeitoso ao sexo e, portanto, de imoralidade, sem ainda nem se referir a incesto.

Também em (13), a alegação “naquela hora não sei o que me deu” aponta, novamente, o trabalho interpelativo da ideologia (ALTHUSSER, 1985), que promove a ideia de que os sujeitos agem conforme suas próprias vontades e escolhas. Nessa afirmação, o autor-sujeito mostra que pensa saber como deveria se comportar, mas que, por uma condição que desconhece, age de forma contrária, como se essa mesma ação não esperada não fosse, igualmente, uma articulação ideológica.

Tem-se, dessa forma, em (13), a valoração, pelo sujeito, de que o discurso sobre o incesto, mesmo consensual, declara uma atividade ideologicamente não autorizada, ou seja, apesar de manifestar o sexo incestuoso, a construção discursiva endossa a proibição tabuísta, mostrando que o sujeito-autor não age “segundo suas ideias” (ALTHUSSER, 1985, p. 91). Essa hipótese analítica reforça a ideia de ausência de autodeterminação sobre o que se pensa e acerca da maneira humana de agir.

O sujeito-autor, em (14), valora o incesto consentido sob a mensuração dos discursos maniqueístas da normalidade e da maldade, ao afirmar que “damos celinho em vez de beijo no rosto e isso é normal; Até ai tudo bem, era tudo sem maldade nenhuma”. Para o sujeito, é “normal” tocar mutuamente os lábios da irmã e esse comportamento é o delimitador entre o que pode ser considerado aceitável e aquilo que seria anormal (proibido, portanto) no relacionamento fraterno.

Percebe-se que a construção “até ai tudo bem, era tudo sem maldade nenhuma” aponta o toque entre lábios como o limite tolerável de contato físico entre os parentes envolvidos no relato, reforçando, pelo uso do “até ai tudo bem”, o alcance do que seria “normal”. O sentido da valoração é percebido a partir do acréscimo de “era tudo sem maldade nenhuma”, pois esse aditamento permite que se conclua que tudo o que será informado, daí em diante, constitui-se “maldade”.

O enunciado, em (14), desenvolve-se por meio de dicotomias (eu – minha irmã, encontrei – sem nos ver, saudade – abraço, beijo nos lábios – beijo no rosto, bem – maldade), evidenciando uma ideologia de maniqueísmos que é base do discurso positivista. Assim, a dualidade tabuísta (normal – anormal, bem – mal, certo – errado, pode – não pode) é ressaltada, apontando, no discurso, a prática do relacionamento sexual entre parentes como um comportamento anormal e maléfico, mesmo quando consentida.

O discurso da normalidade aparece também em (15), com a alegação do sujeito de que “até aí tudo normal e perfeito. [...] Depois de uns meses [...]. Resolvi seduzi-lo”. Percebe-se que o sujeito-autor lega ao incesto consentido, discursivamente, uma valoração de anormalidade e imperfeição, considerando a assertiva “até aí”, ou seja, a partir de então, o que se enuncia não é mais “normal e perfeito”. Novamente, tem-se que o discurso sobre o incesto, mesmo consensual, é materializado de maneira tabuísta.

Em (16), o sentido da valoração é percebido por meio da expressão “claro” em “eu e minha prima ficamos no outro quarto em camas separadas claro”. Ao empregar o termo “claro” como sinônimo do adverbial “evidentemente”, o sujeito reafirma a simbologia de “cama” no contexto sexual (“levar para a cama” no sentido de “fazer sexo”), reforçando que,

obviamente, não nutria volúpia pela prima, até aquele momento. Assim, o enunciado, por meio de uma única palavra, se discursiviza e anuncia a impregnação da ideologia interdita.

5.6 Os (Sem-) Sentidos da Negação, da Loucura e do Pecado no Discurso sobre o Incesto Consentido

(17) [...] minha sogra já tem seus 48 anos [...] porem tem os seus charmes. Eu mesmo nunca tinha imaginado que pudesse rolar algo entre mim e ela. [...] fiquei na cama deitado e fingia dormir, minha sogra entrava no quarto e ia até a varanda estender algumas peças de roupa, vendo aquilo dei uma de louco [...]. (conto 10)

(18) Era lógico que ele estava fantasiando uma relação sexual justamente comigo, que era sua filha... Fiquei por alguns segundos com minhas pernas trêmulas e procurei me afastar também tendo pensamentos pecaminosos [...]. (conto 13)

Em alguns contos, o incesto consentido é significado a partir da negação, da loucura e do pecado, ou seja, os sujeitos inicialmente negam seus interesses sexuais por familiares para, posteriormente, legarem suas condutas a desequilíbrios de sanidade e a impureza espiritual. Essas representações coadunam com um dos sentidos hipotéticos do discurso da proibição do incesto: o da confusão individual (RAZON, 2007), e mostram que, mesmo quando anuída, a manifestação discursiva da prática incestuosa repercute significações tabuístas.

No enunciado “minha sogra já tem seus 48 anos [...] porém tem os seus charmes”, o sujeito-autor revela um preconceito etário, por meio do emprego de uma assertiva biológica que implica valoração, pois o termo “já” utilizado exprime, no discurso, a ideia de “em momento considerado tardio” (BORBA, 2011, p. 805). Esse preconceito é intensificado pela sequente adversativa “porem tem os seus charmes”, parafraseando “apesar de ter 48 anos, ela tem atrativos”.

O (sem-) sentido da negação do discurso pode ser percebido em “eu mesmo nunca tinha imaginado que pudesse rolar algo entre mim e ela”. Nessa construção, o sujeito reforça a significação tabuísta proibitiva (“nunca tinha imaginado”), negando, discursivamente, até mesmo a imaginação sobre qualquer relacionamento sexual com a sogra. Ao negar que já tenha pensado no assunto, entretanto, o sujeito acaba por negar a negação, considerando que o sentido do incesto se confirma.

Assim, para garantir que “eu mesmo nunca tinha imaginado que pudesse rolar algo entre mim e ela”, faz-se necessário que o sujeito tenha imputado sentido a essa elaboração

discursiva, ponderando entre a possibilidade de seu cometimento ou não e, ao fazer isso, refuta a negação. O discurso também permite a identificação do processo ideológico de assujeitamento, porque mostra o mecanismo da abonação à autonomia discursiva e comissiva (ALTHUSSER, 1985), como se o sujeito fosse a própria gênese do que manifesta.

O sentido da loucura aparece no enunciado “vendo aquilo dei uma de louco”, pois o emprego da expressão “louco” credita o ato manifestado discursivamente a um comportamento insano, considerando que, de acordo com o que determina o discurso tabuísta, o incesto deve significar anormalidade. Dessa forma, a conduta do sujeito, por meio de seu discurso, parece amenizada (ou justificada), pois a linguagem é instrumentalizada de modo a garantir que aquela conduta somente existiu em virtude de um desequilíbrio mental.

Essa constituição discursiva de desequilíbrio também se percebe em (18), que apresenta, linguisticamente, o interesse sexual entre pai e filha (“era lógico que ele estava fantasiando uma relação sexual justamente comigo, que era sua filha”). Observa-se, nesse enunciado, que o emprego da palavra “lógico” seguida da expressão “fantasiando” delimita a significação do primeiro termo, pois busca uma tentativa de “racionalizar a imaginação” de outrem (no sentido de “saber o que se pensa”).

Na sequência, “procurei me afastar também tendo pensamentos pecaminosos” traz o discurso religioso à evidência, por meio das elucubrações do sentido do pecado. Inicialmente, o sujeito-autor (filha) assemelha seu comportamento, discursivamente, ao sujeito-personagem (pai), por meio do emprego da palavra “também”, significando “igualmente”. Depois, manifesta o caráter proibitivo do relacionamento sexual entre consanguíneos, atribuindo ao incesto uma condição pecaminosa, mesmo quando somente pensado e consentido.

5.7 Os (Sem-) Sentidos do Amor no Discurso sobre o Incesto Consentido

(19) Tenho três irmãos [...]. Fiquei observando meu o irmão, jovem bonito inteligente trabalhador mas com as limitações da surdez e da fala. [...] Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar. Estava decidida. [...] Viramos namorados, amantes, marido e mulher. (conto 1)

(20) Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. [...] tive a presença ilustre da minha mãe [...] Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. [...] e desde então ela se tornou minha amante. (conto 3)

(21) Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. Até aí tudo normal e perfeito. [...] Depois de uns meses [...]. Resolvi seduzi-lo. [...] Desde então sou amante dele. (conto 5)

(22) [...] Comecei a relatar minha vida a dois com meu filho. Passamos a viver como se realmente fossemos casados [...] claro que nosso comportamento era bem discreto, afinal temos uma boa diferença de idade. [...] Mas ele além de ter muito ciúme de mim, diz que sou sua mulher, namorada, amante. (conto 9)

(23) [...] foi surpreendido, pela minha irmã Vania [...], perguntei [...] o que ela queria que eu fizesse, pra ela esquecer o que tinha visto, Vania [...] me fez uma oferta, eu deixo você me ver pelada [...], eu fiquei maravilhado [...]. Vania me deu um longo beijo na boca e me disse, mesmo depois que eu e você, nós casarmos eu quero continuar sendo sua amante. (conto 15)

Para Freud (1927-1931, p. 65), apesar de a palavra “amor” mormente significar “afeição” no relacionamento entre familiares, ela “era, de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda é assim no inconsciente do homem”. No discurso sobre o incesto consentido, esse “retorno” ao “significado original” do termo pode ser percebido pelo emprego do vocábulo “amante” para designar uma condição adquirida e que se mantém por meio do convívio sexual entre parentes.

O “amante”, ou a “pessoa que ama” (BORBA, 2011, p. 58), é, no discurso de manifestação do incesto, a amalgamação da categoria parental com a classe de parceira sexual, considerando que o sujeito não se “satisfaz” em apenas enunciar sua experiência de sexo, mas “necessita” da divulgação de que esse sexo é praticado intrafamiliarmente. Nos recortes escolhidos para análise, essa exposição pode ser verificada por meio das hipóteses de aproximação ou pelo distanciamento do sujeito-autor.

Em (19), “vimos namorados, amantes, marido e mulher”, o emprego do verbo com a desinência de terceira pessoa do plural promove, no discurso, a reciprocidade entre sujeito-autor (irmã) e sujeito-personagem (irmão) quanto à condição de parentes que se relacionam sexualmente. A progressão “namorados, amantes, marido e mulher” tende a reafirmar essa aparência recíproca, como se o sujeito-autor não desejasse assumir, no discurso, o cometimento do incesto individualmente.

No enunciado (20), “e desde então ela se tornou minha amante”, o sujeito-autor (filho), ao empregar o pronome de terceira pessoa, enfoca, no discurso, o comportamento incestuoso do sujeito-personagem (mãe). Dessa forma, o elemento “que ama” é posicionado na condição de pertencer ao sujeito discursivo, promovendo significados por meio da

dominação (“o sujeito que ama é meu”) e do equívoco de autonomia comportamental das criaturas (“ela se tornou” e não “a formação ideológica a tornou”).

Em (21), uma das hipóteses de análise do uso da expressão “amante” em “desde então sou amante dele” refere-se à identificação do sujeito-autor como o elemento “que ama”, ou seja, discursivamente, o indivíduo assujeitado se coloca em uma situação de pertencimento (“sou amante dele”) em relação ao sujeito-personagem (cunhado). Essa configuração discursiva, de certa forma, parece “suavizar” a violação ao caráter proibitivo do incesto, significando uma irresistibilidade a outrem.

Finalmente, em (22) e (23), respectivamente “mas ele além de ter muito ciúme de mim, diz que sou sua mulher, namorada, amante” e “Vania [...] me disse, mesmo depois que eu e você, nós casarmos eu quero continuar sendo sua amante”, tem-se o emprego do discurso indireto para que os sujeitos-autores leguem a si próprios a condição de “amantes”. Assim, pela manifestação discursiva creditada a outros, os sujeitos atribuem-se a participação no cometimento do incesto, também parecendo se distanciarem do crivo tabuísta.

Como informado na introdução deste trabalho, esta pesquisa não pretende o exaurimento do estudo do discurso sobre o incesto consentido, precipuamente por que, como se pode perceber, os recortes definidos para as análises são complexos, bastante propícios à vastidão da análise discursiva. Logo, acredita-se que as considerações apontadas correspondam, factualmente, a apenas uma introdução à pesquisa do discurso sobre a manifestação da prática sexual entre parentes.

Dessa forma, conclui-se que, quando discursivizados, os relacionamentos sexuais entre familiares são tão intrigantes quanto a prática tabuísta do incesto, porque significam, em cada sujeito e em cada sociedade, conforme lhes determinam suas histórias. Constatou-se que, embora pareça haver um “afrouxamento” na discursivização sobre o incesto consentido, isso ainda é bastante superficial, pois o discurso tabuísta reflete o ser humano como um elemento que, embora biológico, se caracteriza por ser simbólico.

Essa condição simbólica que se sobrepõe à animal, nos sujeitos, evidenciou-se, na fase de coleta dos contos utilizados para análises. Explica-se que, nos sítios digitais que servem de suporte aos textos adultos escolhidos, mormente após os relatos eróticos, existem espaços destinados a comentários de interlocutores. Apesar de sabido que, ao acessarem os textos sobre incesto, essa seja a temática abordada, é comum os sujeitos se manifestarem, por meio de comentários, com repúdio às situações sexuais intrafamiliares apresentadas.

Essa particularidade discursiva mostra que, mesmo a quem se interessa, esse assunto tabuísta tem “limites”. Mas isso é matéria para outro estudo...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta produção, fundamentada por meio da teoria linguística da Análise do Discurso de linha pecheutiana/orlandiana, se propôs a apresentar uma introdução ao estudo dos (sem-) sentidos do discurso sobre o incesto consentido, identificando-o como a manifestação da prática, sem violência real ou presumida, de experiências sexuais entre familiares. Para tanto, ponderou, inicialmente, os fundamentos da linguagem, da Análise do Discurso e do discurso, apresentando considerações sobre ideologia, assujeitamento e sentido.

Por meio de aparato teórico, observou-se a influência da ideologia sobre os sentidos discursivos, considerando que as significações repercutem a condição de sujeito dos seres que não promovem, de fato, as simbolizações do mundo, mas que apenas as refletem. Constatou-se, assim, a aplicabilidade da Análise do Discurso de linha pecheutiana/orlandiana para o levantamento de hipóteses de análise do discurso tabuísta, entendido como aquele que pode repercutir condições sacras ou ímpias de elementos ou estados.

Nesse contexto de reflexões sobre interditos humanos, elegeu-se, como objeto de estudo, o discurso sobre o incesto, problematizado como a prática discursiva de manifestação do interesse sexual entre parentes consanguíneos ou familiares afins, veemente refutado pelo discurso tabuísta. Sem pretensão de tratativa da violência sexual incestuosa, buscaram-se, como elementos delimitadores do trabalho, abalizadores do incesto consensual, praticado por sujeitos física, intelectual e juridicamente capazes.

Com interesse de analisar o discurso da prática do incesto consentido, apresentaram-se informações antropológicas, biológicas, psicanalíticas e jurídicas que sustentam a manutenção social e histórica do discurso sobre os tabus e, especificamente, a construção discursiva do impedimento ao incesto. Apreendeu-se, entretanto, não ser possível determinar a origem da condição proibitiva de prática de sexo entre parentes, pelo entendimento de que as sociedades antigas não podem ser mensuradas pelos valores hodiernos.

Analisando fragmentos de contos eróticos de sítios digitais de Língua Portuguesa, foram apresentadas hipóteses de (sem-) sentidos ao discurso de manifestação de relacionamentos sexuais consentidos entre parentes. Tais análises interessaram-se pelo exame linguístico que permitisse a apreensão dos (sem-) sentidos do discurso incestuoso, considerando a manutenção dos significados impeditivos dos tabus ou sua possível resignificação, pelo exaurimento do sentido historicamente disseminado.

A pesquisa aventou, inicialmente, a possibilidade de que novos sentidos discursivos fossem atribuídos à prática do incesto consentido ou que fosse percebido o esgotamento de significados à proibição desse tabu humano, considerando a fundamentação da Análise do Discurso. Assim, originalmente, vislumbrava-se que os discursos que propagam a transgressão ao interdito do incesto correspondiam à negativa da ideologia do tabu da proibição, fundando novos significados.

As análises mostraram, entretanto, que o discurso sobre o incesto consentido significa a partir do discurso tabuísta proibitivo. Dessa forma, mesmo desobedecendo à ordem do tabu, o discurso sobre o incesto consentido promove a reafirmação do servilismo, a exigência da sexualidade silente, a mostra da possibilidade de fruição e o caráter de utilidade do sexo, o julgo da valoração, da negação, da loucura e do pecado. Além disso, remete o amor a um sentido sensual único, refutado pela formação discursiva do aparelho ideológico familiar.

Por meio do assujeitamento, perpetuam-se discursos e práticas como se os fenômenos simbolizassem por eles mesmos, mas, de fato, apenas tem-se uma repercussão de tudo o que é ideologicamente fomentado no contexto histórico-social. Percebe-se que os sujeitos, ao discursarem sobre suas experiências incestuosas, estão invariavelmente discursando acerca de um fato violador, pois a necessidade de afirmação não é vertida ao relacionamento sexual em si, mas à condição familiar do outro sujeito envolvido na relação.

O discurso sobre o incesto consentido pode indicar a submissão de uns parceiros sexuais sobre outros, aumentando essa sujeição por meio da ideia de que os sujeitos se autodeterminam e decidem seus comportamentos. Também exige da sexualidade que ela seja silente, por sua condição “delituosa” (ressaltada pelo sentido concupiscente e utilitário do sexo), demandando certa valoração aos discursos e aos comportamentos incestuosos que pode se relacionar com insanidade e culpa moral.

O exercício analítico-discursivo apresentado, neste estudo, permite que se constate que o provável original sentido de acabamento da relação sexual intrafamiliar - sustentado por Razon (2007, p. 24) ao afirmar que “[...] emana de todas as concepções: incesto e morte aparecem como sinônimos, e isto em vários níveis: degenerescência da espécie humana [...]; luta pela apropriação das mulheres [...]; exclusão da sociedade e da vida [...]; caos social e confusão individual [...]” - também pode ser percebido no discurso sobre o incesto consentido.

Destarte, pode-se assegurar que o sentido de “preocupação” quanto à degenerescência da espécie humana está diluído, no discurso sobre o incesto consentido, na significação utilitária do proibitivo, assim como a simbologia da luta pelas mulheres está representada pela submissão entre parceiros sexuais. Igualmente, o significado de exclusão e caos social pode

ser percebido nas considerações acerca da valoração, da negação, do pecado e da loucura do discurso da manifestação da prática sexual entre familiares.

Tem-se, com isso, a possibilidade de que, mesmo considerado de forma anuída, por sujeitos capazes, o incesto, como discurso, mantém-se em suas representações, pois sua manifestação somente significa a partir de seus próprios sentidos proibitivos. Constata-se, dessa forma, o mecanismo de dominação da ideologia tabuísta, que faz com que sujeitos desejem e expressem a violação de um interdito, embora esse desejo e essa expressão signifiquem a reafirmação do mesmo impeditivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S.S. **Femicídio: algemas invisíveis do público-privado**. São Paulo: Revinter, 1998.

ALTHUSSER, Louis. [1983] **Aparelhos ideológicos do estado: nota sobre os aparelhos ideológicos do estado**. 2. ed. Trad. W. J. Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ARRUDA, E.E.; SOUZA, A. A. S.; LIMA, M. F.E.M.; PEREIRA, S.M. Sobre(o)viver da criança e do adolescente em Campo Grande/MS. **Revista Trabalho Necessário**. Ano 4, V. 4. Campo Grande /MS, 2006.

AUGRAS, M. R. A. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

AZEVEDO, M. A. **Infância/adolescência e violência sexual: o escândalo dos profissionais agressores**. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/infanciaviolencia.htm>. Acesso em: 05 ago. 2013.

AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989.

_____. Incesto ordinário: a vitimização sexual doméstica da mulher-criança e suas consequências psicológicas. In: AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N. (Orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1993, pp. 195-208.

BARBOSA, I.L.P. **O conceito jurídico de família e sua constante transformação**. 2013. Monografia (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. 110. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997.

BISCARO, Regina Álvares. **Incesto: um fenômeno arquetípico**. São Paulo: Zouk, 2003.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BOUDAILLE, J.-Cl. *Les enfants issus de relationsincestueuses: étudesynthétiqueetappot de douzeobservations. Thèse de médecine*, Nancy I, 1974.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 05 ago. 2013.

_____. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código penal**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/De12848.htm. Acesso em: 05 ago. 2013.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 05 ago. 2013.

_____. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Código civil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm. Acesso em: 05 ago. 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COHEN, C. O incesto. In: AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N. (Orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1993, pp. 211-225.

CRISTALDO, Janer. **Psicanalista escreve grossa bobagem**. 2008. Disponível em: <http://www.baguete.com.br/colunistas/colunas/31/janer-cristaldo/08/09/2008/psicanalista-escreve-grossa-bobagem>. Acesso em: 03 jul. 2013.

CROMBERG, Renata Udler. **Cena incestuosa: abuso e violência sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DIAS, Maria Berenice. **Incesto e a síndrome da alienação parental**. Disponível em: http://www.mariaberenice.com.br/uploads/5_-_incesto_e_a_s%EDndrome_da_aliena%E7%E3o_parental.pdf. Acesso em: 05 ago. 2013.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Disponível em: <http://www.elivrosgratis.com/Down/2747/pdfNerdLoad.html>. Acesso em: 27 jul. 2013.

DURKHEIM, Émile. [1912] **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

EMMONS, Sherri Wood. **Precis e mentiras**. Trad. Ana Paula Corradini. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito, 2012.

ENGELS, Friedrich. [1884] **A origem da família, da propriedade privada e do Estado: trabalho relacionado às investigações de L.H Morgan**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FAULKNER, William. **O som e a fúria**. Trad. Ana Maria Chaves. Porto: Publicações Dom Quixote, 2002.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, M. [1976] **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. [1984] **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. [1984] **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FRAZER, J. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. 1900. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/A-interpretação-dos-sonhos>. Acesso em: 12 abr. 2013.

_____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. 1925-1926. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Além-do-princípio-do-prazer-psicologia-de-grupo-e-outros-trabalhos>. Acesso em: 12 abr. 2013.

_____. **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. 1910. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Cinco-licoes-de-psicanalise-Leonardo-da-Vinci-e-outros-trabalhos>. Acesso em: 12 abr. 2013.

_____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise: parte III**. 1916-1917. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Conferências-introdutórias-sobre-psicanálise>. Acesso em: 12 abr. 2013.

_____. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. 1913. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/O-caso-Schereber-artigos-sobre-técnica-e-outros-trabalhos>. Acesso em: 12 abr. 2013.

_____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. 1927-1931. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/O-futuro-de-uma-ilusão-o-mal-estar-na-civilização-e-outros-trabalhos>. Acesso em: 13 abr. 2013.

_____. **Totem e tabu e outros trabalhos**. 1950. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Totem-e-tabu-e-outros-trabalhos>. Acesso em: 12 abr. 2013.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALVÃO, Ana Luiza; ABUCHAIM, Cláudio Moojen. 2010. **Perversões sexuais ou parafilias**. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?325#ixzz2bJKwbJPu>. Acesso em: 26 jun. 2013.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

GOLDBERSON, R. M.; ANDERSON, K.M. **Dicionário de sexo**. São Paulo: Ática, 1989.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão: 3.0 [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KARPMAN, Benjamin. **Incesto y homosexualidad**. Buenos Aires: Paidós, 1974.

LACAN, J. [1978] **A família**. Buenos Aires: Homo Sapiens, 1977.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. [1949]. **As estruturas elementares do parentesco**. 6. ed. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1993.

MANN, Thomas. **O eleito**. 1. ed. São Paulo: Veja, 2010.

MARTINS, Vicente; MONTEIRO- PLANTIN, Rosemeire. **A presença de tabus linguísticos no romance Luzia-Homem, de Domingos Olímpio**. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Vicente%20Martins%20\(UFC\)%20e%20Rosemeire%20Monteiro%20Plantin%20\(UFC\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Vicente%20Martins%20(UFC)%20e%20Rosemeire%20Monteiro%20Plantin%20(UFC).pdf). Acesso em: 12 out. 2013.

MARX, Karl; FRIEDERICH, Engels. [1945-1946] **A ideologia alemã**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NIN, Anais. **A casa do incesto**. Trad. Isabel Hub Faria. São Paulo: Assírio & Alvim, s/d.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A leitura e os leitores possíveis. In : ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998, pp. 07-24.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012-a.

_____. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012-b.

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012-c.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012-d.

_____. Violência e processos de individualização dos sujeitos na contemporaneidade. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. do R. (Orgs.). **Análise do discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008, pp. 117-130.

PALMA, Fernanda. **O crime de incesto**. 2011. Disponível em: <http://acartaagarcia.blogspot.com.br/2011/07/crime-de-incesto-por-fernanda-palma.html>. Acesso em: 02 ago. 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**. Textos selecionados Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

_____. [1988] **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; et al. [1983] **Papel da memória**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: [1969] **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de MichelPêcheux**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, pp. 159-249.

PERRAULT, Charles. **Pele de asno**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Lisboa: Presença, 1990.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias**. 1. ed. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1888.

RACAMIER, P. C. **Los esquizofrenicos**. Madri, Espanha: Biblioteca Nueva, 2010.

RAZON, Laure. **Enigma do incesto: da fantasia à realidade**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

RENSHAW, Domeena C. **Incesto: compreensão e tratamento**. São Paulo: Roca, 1984.

ROCHA NETO, Eusvaldo. O discurso determinista no filme “O senhor das armas”. In: RODRIGUES, Marlon Leal (org.). **Análise do discurso na graduação: teoria e prática**. Dourados, MS: Nicanor Coelho Editor, 2011.

RODRIGUES, Marlon Leal. Estudo da ideologia que sustenta o MST. **Avepalavra: Revista de Letras, Câmpus de Alto Araguaia – UNEMAT- MT**, nº 2, 2000/2003, pp. 82-104.

_____. **MST - discurso de reforma agrária pela ocupação: acontecimento discursivo**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2007.

_____. Questões das cotas: uma questão de identidade (afirmação e/ou negação). In: RODRIGUES, M. L. (Org.). **Linguagem, identidade, gênero, história**. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2011, p. 49-63.

SAFFIOTI, H.I.B. No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In: MADEIRA, F.R. (Org.). **Quem mandou nascer mulher?**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 134-211.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2255. Acesso em: 01 ago. 2013.

TAFARELLO, Paulo Cesar. **Sentidos inter-ditos: entre as formas de dizer e as formas de negar**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2012.

WILSON, Edward Osborne. **Da natureza humana**. Trad. Geraldo Florsheim. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

ANEXO A – Os contos analisados

Conto 1: **Meu irmão, meu amante**

Disponível em: <http://www.acervodecontos.com/incesto/meu-irmao-meu-amante>. Acesso em: 24 jul. 2013.

[...] Meu nome é Luisa. Sou advogada, 40 anos, sem filhos, divorciada, morena relativamente bonita e muito taluda. Tenho três irmãos: dois são homens de leis, casados que moram em outros estados. O terceiro e mais novo é surdo e mudo. Estudou até o ensino médio com muita dificuldade. Há cerca de 7 anos atrás depois do natal minha mãe foi passar um mês com meus irmãos. Sem opção de férias, fui para a fazenda com meu pai e meu irmão. Meu pai gostou muito disso pois ninguém dá importância para suas fazendas, cavalos gado lavouras, só meu irmão mais moço trabalha nas fazendas, que cria cavalos de raça, gado de corte e planta lavouras de soja, milho e feijão. Fizemos uma festinha para comemorar o revellion com o pessoal da fazenda. A vida lá é rotineira e meu pai logo quis voltar para a cidade para jogar dominó, baralho e dançar com as idosas da terceira idade, é só o que ele fazia há muito tempo. Fiquei observando meu irmão, jovem bonito inteligente trabalhador mas com as limitações da surdez e da fala. Apaixonado por cavalos e muito trabalhador. À medida que os dias passavam fui ficando entediada pela falta do que fazer e com uma vontade louca de transar. Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar. Estava decidida. Por volta das duas da tarde num sol de matar, vesti um micro vestido sem sutiã, com uma micro calcinha e convidei-o para um passeio pelas matas e pelo riacho. Quando chegamos num poço muito lindo de águas claras não pensei duas vezes, pulei dentro d'água e nadei e é claro que o vestidinho subiu, molhou e colou no corpo. Ficou aquele tesão molhado. Saia da água pulava novamente e depois e fui buscá-lo para nadar comigo. Demorei a convencê-lo a entrar comigo e forcei para ele tirar a calça mas não quis. Tirei a camisa dele e puxei-o para a água. Dentro da água, pulei no pescoço, cruzei as pernas na cintura, montei nos ombros, abracei, dei mordidas leves, acariciei, mergulhei entre as pernas, toquei no pinto, esfreguei a xoxota nele, fiz tudo para excitá-lo. Com ar de inocência e fingindo a maior naturalidade do mundo forcei para tirar a calça dele e logo me livre do vestidinho também, tirando-os e jogando-os na prainha, nessas alturas estávamos enlouquecidos de tesão foi um esfrega-esfrega total. Nadamos muito. Pulei nele. Abracei-o muito, rocei a bunda nele. Saí da água, torci o vestido e calça dele vestimos e fomos embora. Já no final da tarde, preparei um delicioso jantar tomei banho e de novo outro vestidinho daqueles só que desta vez sem calcinha. Ele chegou da lida dele no curral e empurrei-o para o banho, fiz questão de ajudar a tirar a calça, a camisa e insinuei entrar com ele no banheiro. Jantamos num clima de tesão e namoro e lá pelas oito da noite joguei um colchão no chão e puxei-o para deitarmos e vermos televisão deitados. Ele de bermuda e eu com o tal vestidinho. Depois de uns minutos comecei a abraçá-lo e acariciá-lo inocentemente deitando em seu peito feito namorada. Num dado momento, passei a mão e percebi o volume do pinto sob a bermuda. Fui passando a mão, invadindo o espaço, acariciando tocando e lentamente enfiei a mão sob a bermuda. Havia meses que eu estava sem sexo e tenho certeza que ele também. Nessas alturas já estava enlouquecida molhadíssima, com um forte cheiro de xoxota no ar. Subi sobre ele e bem devagar olhei para ele com a cara mais safada do mundo tirei devagar a bermuda e comecei a chupar, lambendo mordiscar aquele pintão reto, grosso lindo com uma cabeça enorme. Tirei o vestido, começamos um pega daqueles; [...]. Muitas metidas depois e já de madrugada tomamos um delicioso banho e fomos dormir juntinhos grudados. Passamos a dormir juntos ?namorar? e começamos um relacionamento de marido e esposa. Depois de uns dias minha xoxota não aguentava mais de tanto pinto. Num sábado, levei-o à cidade dei aquele banho de loja, cabelo, barba, sobrancelhas, unhas, roupas, muitas roupas, sapatos, botas, cintos cuecas, meias, chapéus, terno, enfim uma reforma geral. Transformei-o no cowboy mais lindo e gostoso do Brasil. Viramos namorados, amantes, marido e mulher. Algum tempo depois dei a ele um belíssimo cavalo de raça e ele me retribuiu com um bela pickup. Infelizmente, alguns anos depois meu pai faleceu. Lembro-me muito bem de que curiosamente certa vez ele me disse: "seu irmão precisa de uma mulher legal. Esteja sempre por perto para ajudá-lo e protegê-lo e ver se não vai se enrolar com uma vigarista; cuide de seu irmão ele é um homem muito bom, honesto e até inocente com as maldades humanas, precisa de carinho e atenção pois tem uma vida limitada pela surdez". Temos uma vida linda apesar de não podermos declarar publicamente nosso amor e nossa condição. Viajamos muito como marido e mulher vamos a rodeios, exposições, leilões de gado e cavalos, praias. Pelo que percebo todo mundo já sabe mas ninguém toca no assunto e também não podemos assumir nosso caso porque minha mãe jamais admitiria mas na falta dela não tenho a menor dúvida vamos viver sob o mesmo teto. Nosso grande problema é o risco de uma gravidez mas tomo os devidos cuidados. Temos histórias lindas e tesudas para contar e oportunamente farei isso aqui.

Conto 2: Eu aprontei e fui punida

Disponível em: <http://www.acervodecontos.com/incesto/eu-aprontei-e-fui-punida>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Meu nome é Lia, tenho 18 anos, e eu vou relatar a vcs como me tornei o brinquedo favorito do meu cunhado e da minha irmã. Eu morava com os meus pais em Sorocaba, no interior de São Paulo, mas andei dando trabalho pra eles, rsrs, e eles já são de idade, então em uma reunião de família, estávamos: eu, meus pais, minha irmã e meu cunhado, e minha mãe começou a reclamar de mim, foi aí que minha irmã saiu com uma grande ideia: "Pq a senhora não deixa a Lia morar comigo e com o Miguel por uns meses?", eu quase pirei, eu sabia que com a minha irmã o buraco seria mais embaixo, eu já tinha 18, ela ia querer que eu fosse pra faculdade. Implorei pra minha mãe não deixar ela me levar, mas não teve jeito, fui quase que arrastada pra Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro. Minha irmã tem 29 anos e meu cunhado tem 30, ele é filho de um dono de uma empresa aí, então os dois trabalham na empresa. Assim que chegamos ao apartamento deles, minha irmã me pediu minha mala, ela abriu a mala e pegou meu cigarro e outras coisas, eu não entendi nada, e perguntei: - Oq é que vc tá fazendo? - Não pode usar essas coisas aqui Lia. Fiquei muito puta, mas não disse nada. Os dias foram passando, e eu até que estava me acostumando. Eu sempre visitava pelo meu notebook sites de vídeos pornô enquanto eles estavam trabalhando. Eu estava vendo um vídeo de uma mulher dando pra 2 caras, eles batiam nela e metiam aquelas picas gigantes na bunda e na bct dela, ela gemia alto, comecei a me tocar nuazinha, minha pele branquinha arrepiada, meus olhos azuis se contorcendo de tesão, com meu cabelo loiro e liso caído sobre meus seios nus, com meus delicados dedos tocando minha pequena bct. Quando caí em mim, vi minha irmã e meu cunhado parados na porta do quarto em que eu estava, um certo desespero tomou conta de mim, meu coração batia forte, Miguel disse: "Nossa Anallu, vc tem uma irmã no mínimo safadinha", isso me deixou envergonhada, eu corei e abaixei a cabeça, a Anallu riu e falou: "Oq eu vou fazer com vc hein maninha? Vc dá um belo trabalho", eles chegaram perto de mim e ela continuou: "Então vc gosta de brincar né? A gente vai brincar com vc", Miguel trancou a porta e eles começaram a tirar a roupa, eu não conseguia falar nada, a voz não saía, Anallu continuava: "Fica calma, a gente vai cuidar bem de vc", e Miguel completava: "Vc só tem que fazer tudo que a gente mandar", eu fiz que sim com a cabeça, eles sorriram, Miguel veio por cima de mim, colocando a pica na minha boca, eu estava com um pouco de nojo e medo, mas comecei a chupar a pica dele, enquanto minha irmã se tocava olhando pra gente, ele segurava a minha cabeça e puxava com força contra a pica dele, eu sentia ela crescer na minha boca, então ele tirou da minha boca e disse: "Fica de 4", obedeci de imediato, ele meteu tudo sem dó na minha bct, soltei um gemido alto, minha irmã se deitou na minha frente deixando sua bct no meu rosto, não esperei ela mandar, caí de boca, estava molhadinha, Miguel me dava tapas na bunda, eu comecei a rebolar, Anallu se contorcia na cama com minha língua na sua bct, ela me dizia: "Chupa a minha bct, sua vadiazinha, chupa gostoso", eu chupava com tesão, agr estava adorando ser a vadiazinha deles, Miguel tirou a pica da minha bct e começou a enfiar devagarzinho na minha bunda, senti um desconforto, minha irmã puxou minhas mãos e as colocou nos seus seios, me deixando sem apoio, Miguel metia forte e estava doendo um pouco, minha irmã gemia alto e gozou na minha boca, lambe-la todinha me encheu de tesão, gozei tbm, rebolando na pica do meu cunhado, ele tirou a pica da minha bunda, me puxou e disse: "Quero gozar na tua boca", então forçou minha cabeça pra baixo, abocanquei aquela pica que agr estava enorme, engolindo tudo, senti ele estremecer e encher minha boca de porra. Deitamos todos na cama e nos recompomos, minha irmã então começou a chupá-lo, e Miguel me puxou pelos calcanhares e começou a me chupar, que tesão, minha irmã subiu em cima dele, cavalgando na sua pica, e ele me chupava, não aguentei muito e gozei, logo depois Miguel e minha irmã gozaram juntos. Depois desse dia nós transamos sempre, sou o brinquedinho deles, e acho isso muito sexy, fazem comigo oq querem, e eu adoro agradar meus donos.

Conto 3: Mamãe gostosa

Disponível em: <http://www.acervodecontos.com/incesto/mamae-gostosa/>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Olá me chamo Pedro, este conto aconteceu a três meses atrás quando fui visitar a minha mãe. Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. quando viajei pro interior de São Paulo pra visitar meus pais não imaginava que tal acontecimento iria mudar minha vida. Ao chegar buzinando desesperadamente na casa dos meus pais tive a presença ilustre da minha mãe que por sua cara estava animadissima afinal faziam meses que não nos viamos só que ela estava mudada, estava mais magra e bem mais feita o que me deixou louco naquela mesma hora. Saí do carro e fui logo em sua direção me deparando com aquele mulherão dei um abraço na mesma e um beijo e ela com os braços entrelaçados em minha cintura ali ficou. Perguntei onde meu pai se encontrava e ela falou que ele tinha ido morar com outra mulher nesse momento entrei furioso em casa e não conseguia aceitar tal acontecimentos, ela não demorou muito e veio conversar comigo falando que o casamento já não era o mesmo e que ja sabia que aquilo iria acontecer. Cheguei perto e com a mão em seu rosto falei que iria cuidar dela e se fosse preciso voltaria a morar com a mesma, ela na mesma hora disse que não que queria viver sozinha e sim se surpreender com cada visita minha. Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. Fui deixar as malas no quarto onde eu costumava dormir e logo desci me deparando com a mesma preparando um lanche para nós e perguntei se ela ja havia se envolvido com algum homem depois de meu pai e ela disse que não que estava bem daquele jeito e não queria se desapontar novamente. Fomos para sala e ficamos lá um bom tempo ate escurecer, ao escurecer ela sobe para o seu quarto e aproveito para mudar o canal deixando em um de sexo explicito começo ali uma gostosa punheta, vou dando gemidos abafados para ela não escutar..so que passado algum tempo escuto um barulho e tento desvendar de onde teria saído ao passar pela porta do banheiro vejo pela brecha minha mae deitada no chão desfalecida pois tinha acabado de se masturbar e sim ela estava gozando.. ela olha pro lado e me ver e com a cara de espanto tenta cobrir sua xota que estava inxadinha, falo pra ela nao se preocupar e peço desculpas por atrapalhar, volto pra sala correndo logo seguido por ela e ela diz: não se preocupe eu lhe vi batendo punheta e aquele gesto me deixou completamente excitada não pude conter. Aquilo me deixou perplexo pois percebi que ela tinha ficado interessa, passado alguns minutos fomos para o quarto e eu não conseguia dormir com aquela imagem em minha mente, entao me levantei e fui ate o seu quarto minha mãe estava deitada de barriga pra cima e as pernas abertas com a xota a mostra, sim ela não estava de calcinha, vi aquela imagem e me aproximei subi na cama com delicadeza e levantando sua camisola aproximei meu rosto deu seu sexo e comeci a cheirar a passar a lingua, abri seus labios com meus dedos e encontrei o clitoris que estava durinho e comeci a pincelar, então ela começa a falar: vai Pedro, me come, tiro rapidamente o rosto dali e vejo que ela continua dormindo só que sonhando, saio do quarto correndo como se não tivesse acontecido nada. De manhã fui tomar banho mais o banheiro ja estava ocupado ao sair da porta me surpreendo. Pedro entra aqui, vem tomar banho com a mamãe, atendi seu pedido e fui..tiro a roupa e entro no boxe e foi ali que percebi que era a hora de atacar, peguei a esponja e fui passando em seu corpo deixando meu pau as vezes sarrar em sua bundinha gostosa ao deixar a esponja de lado fui passando a mao pelo seu corpo e ela sem negar apenas calada me deixava cada vez mais louco, passei o polegar pelo seu rego e ela virou pra mim neste exato momento, eu sem pestanejar peguei sua mao e coloquei sobre meu pau fazendo os movimentos vai e vem logo soltando e ela foi me obedecendo, ela bateu uma punheta pra mim ali ate eu gozar, ergui minha cabeça pra frente abaixando um pouco e comeci a mamar naqueles seios médios, fui chupando, mordiscando, pincelando seu biquinho, ela me empurra e agacha segurando meu membro e abocanhando o mesmo e começa uma deliciosa chupeta já não aguentando solto um jato de esperma em sua boca e engole tudo. Ao ver a mesma levantar pergunto se ela quer sair dali e ela imediatamente sai em disparate, ao ir atras a vejo deitada em sua cama: Vem Pedro mata essa minha vontade obedecendo a mesma vou por cima dela encaixando meu pau em sua xota molhada, vou socando durante uns tempos ate encher aquela buceta de porra, ao deixar ela toda molhada ela se vira ficando de quatro, passo bastante cuspe em seu rego e estocando meus dedos em seu cu, quando menos espero ela fala: mete logo esse pau, quero te sentir, obedecendo novamente vou sarrando a cabeça do meu pau no seu rego e vou enfiando lentamente ao perceber que nao fala nada enfio de uma vez deixando ela quieta e calada por um tempo, vou socando cada vez mais rapido enquanto ouço ela gemer alto, então eu gozo em seu cuzinho.. viro ela novamente de frente deixando suas pernas bem abertas e vou agradecer pela manhã, começo a chupar aquela buceta como se fosse uma boca vou metendo varias linguadas ate fazer ela gozar em minha boca provando aquele delicioso mel e desde então ela se tornou minha amante.. ahahaha espero que tenham gostado

Conto 4: Transei com minha irmã gêmea

Disponível em: <http://www.acervodecontos.com/incesto/transei-com-minha-irma-gemea>. Acesso em 24 jul. 2013.

Olá, como não vou divulgar meu nome verdadeiro, pode me chamar de Ayala. Sou independente, moro sozinha em um apartamento bem pequeno, mas que é meu. Possuo atributos físicos que, acredite ou não, me excitam muito; tenho 1.65 de altura, seios fartos e durinhos, bubum grande e corpo escultural; faço academia 3 vezes na semana e sou maníaca pelo meu corpo. Quero estar cada vez mais gostosa. hehehe Bom, meu trabalho é muito estressante e por isso, sempre que chego em casa vou para o banheiro e tomo um bom banho, depois vou direto para a internet e entro neste site, adoro os contos, todos...principalmente os de incestos. Um dia, tive uma experiência do tipo e por isso escolhi compartilhá-la. Tenho uma irmã gêmea idêntica a mim, em tudo mesmo, até no corpinho. Seu nome fictício é Laura. A Laura nunca escondeu sua opção sexual, desde nova já deixava bem claro que não era heterossexual. Eu lembro que, as vezes, quando saíamos juntas eu ia com um namoradinho e ela com alguma ficante, mas eu nunca tive vergonha da minha irmã, nunca. Sempre incentivei e apoiei, a final de contas é a opção dela. Sempre dormimos no mesmo quarto e nunca houve nada de errado entre nós, muito pelo contrário sempre houve respeito. Quando fomos para a faculdade eu me mudei para o campus e ela decidiu permanecer em casa mesmo. Na universidade fiz novas experiências, várias... certa vez em uma festa, eu fiquei tão bêbada que deixei uma garota me beijar de língua e demos uns amassos, dia seguinte não conseguia acreditar no que havia acontecido e fiquei com muita vergonha. Mas, foi aí que comecei a reparar nas mulheres e entender o porque minha irmã gostava delas. Comecei a ter sonhos eróticos com mulheres e ficava muito excitada quando assistia um filme pornô lésbico. Mas nunca tive coragem de cometer o ato. Até que um dia, eu conheci o site acervo e me deliciava com os contos contados aqui e me masturbava muito, com meu travesseiro, com urso de pelúcia...com minha coxa...eu gozava sozinha, hehehe, sempre preciso acariciar meus seios e chupá-los...isso me deixa mais excitada ainda, hehehe Foi quando comecei a ler os contos de incestos lésbicos...achei um horror no começo e ficava com nojo...afinal de contas, irmã com irmã, mãe com filha...não dá né? Pelo menos era o que eu pensava no começo... mas aos poucos fui me excitando com todos os que eu lia... mas principalmente quando o conto era sexo entre irmãs...não sei por que mas, se tornaram meus contos favoritos. Quando fui passar as férias na casa da minha mãe, eu encontrei minha irmã...eram meses sem nos ver... estava com tanta saudade, a abracei e dei um celinho, por que foi assim que aprendemos: damos celinho em vez de beijo no rosto e isso é normal; Até ai tudo bem, era tudo sem maldade nenhuma. Eu fui para nosso quarto, tomei um banho e me troquei, fui ficar com minha família, colocamos a fofoca em dia, rrsrs, depois jantamos e meus pais foram dormir...eu fiquei na sala com a Laura, estávamos assistindo a um filme...era comédia romantica e eu adoro comédias romanticas...Depois disso fui para o quarto, estava cansada e queria dormir. Minutos depois a minha irmã entrou no quarto, tirou a roupa e deitou; ela sempre dormiu sem roupa, mas eu nunca vi nada demais nisso...é normal para algumas pessoas. Só que eu não consegui deixar de reparar no corpo dela...lindo; seios fartos e bubum grande... barriguinha lisa e durinha... na mesma hora um tesão descontrolável tomou conta do meu corpo e eu não conseguia mais dormir, só pensava no corpo da Laura... quando percebi que ela estava dormindo, não aguentei e coloquei as mãos dentro da minha camiseta apertando meus seios, acariciando meu corpo e me masturbei... só que ela se mexeu na cama e eu fiquei assustada, não queria que minha irmã me visse masturbando. [...]. A semana passou e todos os dias eu desejava cada vez mais transar com minha irmã. Até que no sábado, nossos pais saíram juntos, foram ao mercado, e só ficou eu e a Laura, ela ficou deitada em sua cama lendo um livro e eu estava quase pedindo para ela fazer sexo comigo. Fui ao nosso quarto e para a minha surpresa quando entrei... ela estava sem o shorts e se tocava... quando me viu ficou assustada e sem graça, eu disse que tudo bem...não tinha nada demais se masturbar e revelei que também fazia isso. Sentei perto dela e contei minhas experiências sexuais, percebi que ela estava ficando tesuda e apertei a coxa dela... Laura também queria, ela não tirava os olhos dos meus seios e enquanto nós trocávamos as nossas experiências sexuais, ela me deu beijo de língua e eu deixei...finalmente ia acontecer o que a dias eu queria...beijeiquei aqueles lábios carnudos e suculentos, ela chupou meu pescoço e tiramos nossas roupas, a Laura tomou atitude em tudo, começou chupando meus seios e fez sexo oral e mim, eu fui ao céu...gemi tanto... depois ela me virou de costas e chupou meu ânus, eu enpinava a bundinha e ela apertava com as mãos e enfiava a língua... eu delirei de tanto tesão... depois foi a minha vez, eu chupei os seios dela e fiz sexo oral, mas não chupei o ânus dela... a virei de costas e montei nela como se montasse em um homem, deitei em seu corpo que estava de bruço e pressionava a genitália no bumbum dela, como se estivesse transando com um homem, me deliciava de tanto prazer. Depois ela fez o mesmo e brincamos por duas horas, foi o sexo mais gostoso e tesudo da minha vida, enquanto durava eu não queria parar... quanto mais nós esfregávamos nossas genitálias uma na outra mais o tesão aumentava e mais intenso o prazer ficava...Até que gozamos juntas...Nesse mesmo dia transamos de novo, á noite. Quando eu fui de volta para a faculdade fiquei triste, sabia que só ia vê-la novamente nas próximas férias... e em todas as vezes que nos vimos o sexo era cada vez melhor... hoje não transamos mais, a namorada dela descobriu o que fazíamos e pediu para ela parar e blábláblá... ela me odeia, rrsrs Mas sempre que eu transo com uma mulher, pode ter certeza: Estou pensando na minha irmã gêmea.

Conto 5: Amante do cunhado

Disponível em: <http://www.acervodecontos.com/incesto/amante-do-cunhado>. Acesso em 24 jul. 2013.

Amante do cunhado Somos duas irmãs, ambas professoras, casadas com dois professores universitários. Minha única irmã é mais velha do que eu dezesseis anos, o marido dela meu cunhado mais velho que eu dezoito anos. É um marido bonito, culto, inteligente, educado e muito atraente. Diria que um homem que encanta qualquer mulher. Eles têm dois filhos que moram e trabalham em outra cidade. Nós temos um casal de filhos ainda menores. Somos como qualquer família que almoça na casa da mãe nos finais de semanas, sai para comer pizzas, viagens juntos quando dá certo. Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. Até aí tudo normal e perfeito. Na medida em que fui estudando e as dificuldades apareceram, iniciamos um procedimento de estudos e encontros duas ou três vezes por semana ora na casa deles ora em nossa casa. Propusemo-nos a um estudo de caso para uma publicação de artigo sobre o assunto em parceria. Veja a situação: um homem bonito, inteligente, educado, sensível junto com uma mulher nem sempre respeitada, mal compreendida, nem sempre bem comida e às vezes ofendida... tudo conspira para um clima de tesão e paixão. Depois de uns meses, eu já estava loucamente apaixonada por aquele homem de gestos simples e finos, cordial e másculo, extremamente atencioso com todos à sua volta. Pensava nele o tempo inteiro, transava com meu marido pensando nele, trabalhava, tomava banho, dormia, sonhava, passeava, tudo pensando nele. Resolvi seduzi-lo. Certo dia marcamos nossa reunião em minha casa para as treze horas. Estávamos sozinhos. Coloquei uma blusa larga, quase transparente, sem sutiã e um shortinho de malha sem calcinha que entrou tudo no rego. Começamos o trabalho e aproveitei para roçar os seios nele, virava deixando os seios à mostra, cruzava as pernas mostrando o volume de minha xoxotinha. Agi como se fosse sua namorada, esposa ou amante mesmo. No meio da tarde paramos para um café. Fiz perguntas, indiscretas, desconcertantes, insinuei, brinquei com as palavras e falei só dizer que estava apaixonada e com um tesão louco por ele. Surpreendentemente ele se levantou da cadeira na copa, deu a volta abraçou-me por trás. Apertou meu corpo contra o dele, senti um calafrio percorrer meu corpo. Passou a mão sobre o short, esfregou a xoxota, subiu pela barriga e tocou meus seios, massageou, apalpou, mordeu minha orelha, lambeu minha nuca, mordiscou meu pescoço. Estava enlouquecida e tesão, senti sua mão entrando no short e alisando minha xoxotinha que estava molhadíssima, latejante, ?mordendo?de tesão . Virou-me e beijou-me com carinho, com ternura, com paixão. Arrastou-me para a cama e foi tirando levemente minha roupa. Que carinho! Que gestos. Olhou-me como se visse um anjo. Huuummmm, meu coração estava à mil, minha respiração quase ofegante . Pegou minhas mãos, estendeu-as beijou ternamente as palmas das duas mãos. Nunca tinha visto aquilo, geralmente os homens quando beijam, beijam as costas das mãos. Me olhou atentamente e disse sussurrando: LINDA, MUITO LINDA, me senti a mais linda mulher do mundo e começou a me mamar, lambia tudo cada cantinho, cada curvinha, chegou na xoxota, cheirou demoradamente, beijou, olhou, lambeu, mordiscou. Lentamente me posicionou, aquele pinto muito duro, grosso, com um saco enorme, uma ferramenta linda e foi lentamente roçando na entrada até por fim enterrar tudo, começou movimentos lentos e firmes foi acelerando, alterando o ritmo enfiando tirando esfregando a cabeçona no grelhinho. Depois de um tempo me virou, lambeu meu cuzinho, passou a língua ao redor, nunca tinha sido lambida no cu por meu marido, geralmente eu peço para ele comer o cuzinho e só passa gel, posicionou e foi entrando, bem devagar, me acariciava, foi a dor mais deliciosa que já senti na vida, colocou a mão por baixo e foi coçando meu grelhinho estava em estado de êxtase, de sublimação, de tesão, fui sendo conduzida para um gozo espetacular, intenso a coisa mais sensacional que já senti. Meu cuzinho contraia, minha xoxotinha pulsava, meu corpo tremia e arrepiava, era o estado de sublimação total. Senti seu corpo arfar e tremer e apertei o cuzinho repetidas vezes para absorver aquele gozo delicioso. Ficamos assim por alguns minutos, ele desceu e começou a me acariciar, beijar, me agradar. Nunca tinha experimentado nada parecido, ser acariciada e tocada depois da transa, aquilo era algo novo, fora dos padrões. Me pegou pela mão e em profundo silêncio me levou para o banheiro, me ensaboou, me esfregou devagar, me beijou, me lambeu, diria que me amou de fato. Me enxugou toda, enrolou-me na toalha, banhou-se vestiu a roupa e foi sentar no sofá. Qdoretornei ele me abraçou, olhou-me nos olhos disse: LINDA e DELICIOSA. Me beijou, olhou demorada e profundamente nos meus olhos e saiu sem dizer nada. Com certeza fui ao outro lado da vida, do mundo, fui ao paraíso e voltei. Pude compreender porque minha irmã é tão alegre, tão feliz, tão alto-astrol, tão sempre disposta, porque sorri tanto. Gostaria de propor a minha irmã para sermos as duas mulheres dele, mas imagine a loucura disso. Desde então sou amante dele, sempre que podemos sem correr riscos, transamos loucamente. Nosso trabalho foi um sucesso, nosso artigo foi publicado e estamos trabalhando num livro que será lançado em breve. Não pretendia mais engravidar mas estou organizando um esquema para engravidar dele e ele achou ótima a ideia. Existe o homem perfeito.

Conto 6: Eu e minha filha caçula

Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br/texto/201310727>. Acesso em: 24 jul. 2013.

para quem leu meus contos ai vai o que prometi, demorei por que tava sem interesse, para quem ainda não leu um conto meu, recomendo que leia pelo menos o ultimo, eu o caseiro e nossas filhas, para entender melhor este. minha filha mariana havia arrumado um namorado firme, praticamente morava na casa do cara de modo que pra mim ja não rolava nada, um dia chegando em casa de surpresa peguei milha filha caçula tomando banho, como tavaso ela e a mãe em casa ela nem se virou quando enteei, fiquei contemplando aquela bundinha linda, empinadinha, que delicia, de repente ela se virou e tomou um susto enorme comigo ali, sua primeira reação foi levar as mãos nos seios, fiquei olhado meio abestalhado a bucinha dela alguns segundos, dei uma risadinha e sai.

na janta ela ficou meio calada, mas fingi que nada tinha acontecido. mastava louco de tezaio, sentia uma vontade enorme de ve-la nua de novo.imaginei comendo-a, seria fantástico, mas como, bolei então uma viagem pra capital num fim de semana, eu sabia que ela era louca pra ir na capital passear, ver shoppings,etc, convidei ela pra ir comigo, alegando que tinha que ver um negocio lá, topou na hora, eu podia ir de avião, pouco mais de uma hora de viagem, mas resolvi ir de ônibus que dava 14 hs de viagem, embarcamos numa sexta 4 da tarde, a mãe fez mile uma recomendacao, nao desgruda do seu pai, não sai só, leva um cartão do hotel no bolso, nao carrega carteira, e mais um monte.

fomos conversando normalmente, e como eu ja esperava ela foi se cansando da viagem umas sete e meia da noite ja estava meio nolenta, perguntei baixinho mais de repente, ficou xatiada aquele dia que vi sua xaninha? hunhun, balançou a cabeça, tava encostada no meu ombro, deixei a mão cair em cima dos seus seio, descansei um pouquinho e tirei, o ônibus tava completamente escuro, levei a a mão em sua coxas, ela tava de short jeans deixei algum tempo sem mexer, levei por cima do short mais ou menos em cima da testinha e apalpei, uma pressão moderada, ela não reclamou mas fechou as pernas, bem nesta hora o ônibus para para o jantar.

jantamos, tava bem frio, falei pra ela vai esfriar bem dentro do ônibus, poe uma calca comprida, mas eu sabia que a mãe dela tinha falado pra ela levar calca de agasalho, moletom, ela colocou o moletom, e a viagem continuou depois do jantar, eu sempre encostado nela brincando com seus cabelos, quando já era uma meia noite, eu tinha tocado sem querer querendo em seus seios varia vezes, levei a mão por baixo do moletom e apalpei a testa por cima da calcinha, ela fingiu dormir, dei algumas apalpadas e fui lentamente introduzindo a mão por baixo da calcinha, levei o dedo na rachinha tava melada. fiquei algum tempo brincando ali sentindo sua respiração, a bundinha dela se contorcia no sofá da poltrona, levei a amo dela por cima da minha calca e pressionei em cima do pau pra ela sentir. mas na próxima parada o ônibus lotou de gente, ficou o tempo todo de luz acesa e tive que parar.

chegamos no hotel seis e meia da manha, fomos dormir, não a importunei, almoçamos, e saímos para fazer compras pra ela.chegamos no hotel ja umas 7 da noite, jantamos e fomos a um teatro, eu tratava com se não tivesse acontecendo nada de normal, mas tava louco de vontade de comer ela. no teatro escuro desci a mão na xaninha, apalpei varia vezes mas por cima da roupa, voltamos já era uma onze da noite, no outro dia o ônibus partia as 12 hs, meio dia, tomei uma cerveja no frigobar enquanto ela tomava banho, eu sabia que ela também tava com tesão, mas não tinha certeza se ela toparia, afinal era bem tímida, ela deitou e fui tomar banho, al voltar, por cima dio lençol fino percebi que tinha tirado o shorte e colocado uma camisolinha, minha tezaio triplicou, demorei um tempo propositalmente, sabia que ela nao ia dormir, uma meai noite e meia deitei dol lado dela, comecei e massageando suas costa lentamente, no pescoço nas costas na nuca as veses descia nas coxas, toquei na bundinha, ela ficou quietinha, massageei por cima da calcinha, fui vagarosamente enfiando a mao por baixo, massageei-a em pelo direto nas nádegas, ela já não disfarçava a tezaio.

[...] era linda a cena, em algus instantes eu tava chamando no pau minha princesinha. primeiro fui devagar por cima, segurei por baixo sua bundinha e fui introduzindo mexendo pra um lado e pro outro pra entrar tranquilo sem muita dor, mesmo assim ela deu um gemido forte quando rompeu o hímen, fui beijando seu pescoço sua orelha e metendo devagar ate sentir que tava segura, ela mexia a bunda na cama me apertava, gostava de me chamar de coroa, raramente de pai, empurra mais de força coroa, falou baixiho quase nu sussuro, tirei o pau entao e pus ela de 4. que delicia a bucinha e o cuzinho virados pra mim, introduzi inteiro e comecei a cutucar dei tres cutucadas rapidas , ela pirou, meteeee coroa mete metemete, segurei-a nos quadris e estoquei com vontade, cada cutucada, ela ia pra frente e voltava, depois de cutucar eu segurava firme nos quadris e forcava naquela chamada final que toda mukher adora, como se tivesse querendo metero o saco ladnetro, cada cutucada ela pirava mais, aiiiiii paizinho, mete mais, mais coroa mais mais, e eu xamando a loirinha no pau cada cutucada meu saco parecia explodir na buceta dela ai eu segurava firme e puxava ela com toda forca no pau, que foda, ela teve um orgasmo incrível. eu gozei duas vezes, ficamos exausto na cama, olhei pra sua buceta, tava toda arregacada, os labios da xana pareciam roxos de tao forte que xamei, ai tomamos banho e conversmos um pouco antes de dormir, disse a ela um dia seu corroa vai por aqui e toquei na bundinha dela, ainda nao consegui, mas assim que conseguir eu narro aqui pra quem quiser ler

Conto 7: **Aventura de férias**

Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br/texto/2013091327>. Acesso em 24 jul. 2013.

olá, meu nome é Lyanna, mas todos me chamam de Lya, tenho um cabelo preto, olhou verdes, sou baixa e magra, com seios médios e bumbum empinado. quando tinha dez anos descobri que minha mãe tinha uma irmã com quem era brigada, e sempre quis conhece-la, um dia, em uma conversa por telefone, elas fizeram as pazes, minha tia havia se casado com o dono de uma rede de academias, coisa q eu gostei, talvez o titio até me desse algumas seções de presente...

nessa época tinha 16 anos, e minha mãe ainda relutava em me deixar visitar minha tia, mas quando completei 18 ela me deu essa viagem de presente. eu morava no interior do paraná e minha tia morava no Rio de Janeiro, ao chegar no aeroporto ela ja estava me esperando.

ela era mais parecida com a minha mãe do que eu imaginada, mais baixa que eu, olhos azuis, cabelo preto cortado no ombro e um corpo de dar inveja em muita menininha com metade da idade dela.

O marido dela estava junto, Thiago, um homem com uns 45 anos, alto, forte, loiro de olhos verdes, um sorriso encantador e um corpo musculoso.

Eles me receberam muito bem, tinham filhos de poucos meses, gêmeos, dois meninos loirinhos e de olhos azuis, pareciam dois anjinhos, chegando na casa me surpreendi, eles moravam em uma cobertura magnífica, com piscina no terraço e uma varanda gigantesca que dava vista para a praia; eu acostumada com minha casa simples no interior do paraná fiquei pasma com aquele apartamento incrível, eu nem sonhava que minha tia tinha uma vida tão boa!

Na minha primeira noite la conheci a filha mais velha do meu tio, Fernanda o nome dela, uma garota linda que se dava muito bem com minha tia e me chamava de priminha, ela tinha uma filha muito parecida com meu tio, a menina de quase um ano era simplesmente linda, e meu tio brincava com ela como se fosse um meninão.

eles me instalaram em uma suite de hospedes, enorme e luxuosa, com uma banheira de hidromassagem e tudo, me parecia que tudo ali era planejado para dar o maior conforto existente.

na manhã seguinte acordei com cheiro de café, me troquei rapidamente e fui até a sala de jantar, a mesa parecia aquelas de novela e meu tio estava sentado sozinho lendo jornal, me sentei ao seu lado dando bom dia e perguntei da minha tia, ele me disse que ela tinha levado os meninos ao pediatra e demoraria um pouco pois iria fazer compras depois, ele me olhava de um jeito estranho e disse:

- ela pensou em te chamar, mas você parecia cansada da viagem!

concordei sorrindo e enchi um copo com suco, tomei devagar um pouco constrangida, depois me levantei e fui até a varanda, observando o mar.

não demorou e senti meu tio se aproximando por tras de mim, encostando seu corpo por tras do meu e dizendo no meu ouvido:

- sabia que vc é uma garota linda?

me senti incomodada e envergonhada com a situação, fiquei vermelha e não respondi, senti ele segurando meu braço e me puxando pra dentro, na sala ele me encostou na parede e colou o corpo no meu, eu estava assustada e sem reação, senti sua mão levantando minha saia e senti vontade de sair correndo, mas ele estava me segurando, quando senti seu dedo encostando no meu grelhinho quase gritei, mas ele tapou minha boca e disse:

- isso pode ser do jeito facil ou do jeito dificil, vc escolhe!

eu não conseguia olha-lo, só fiquei quieta e de olhos fechado, e quando menos esperava senti ele abaixar a calça e encostar o pau na minha buceta depiladinha.

eu não era mais virgem, mas só tinha transado uma vez, e o pau do meu namorado não era nada perto daquele cacete enorme que estava sarrando na minha buceta.

e o pior é que estava gostoso, minha buceta babava cada vez mais e meu tio percebeu isso, aliviando um pouco mais minha prisão.

ele me puxou pro sofá e fez eu me deitar, veio por cima e começou a chupar minha buceta de um jeito delicioso, as vezes penetrando com a lingua e as vezes esfregando ela no meu grelhinho, eu curtia tudo gemendo baixinho e rebolando um pouco, e quando eu menos espero sinto meu tio ajeitando o pau na entrada da minha buceta, abri os olhos olhando pra ele e dizendo:

- vai devagar tio, nunca dei pra ninguem com o pau tão grande!

ele sorriu e disse:

- relaxa delicia, vou te matar de tesão.

então começou a penetrar devagar, era como se fosse minha primeira vez, aquele cacete enorme me arrombava por dentro, e depois de entrar tudo ele parou um pouco, dando uma mamada deliciosa no meu peito, depois de me deixar bem relaxada ele começou a me foder bem devagar, fazendo um vai e vem bem delicioso, foi aumentando o ritmo até começar a me comer feito um louco.

depois de um tempo ele parou, achei que tivesse acabado, mas só se sentou e me chamou pra sentar no seu colo, me levantei ficando de costas pra ele, sentindo aquelas mãos fortes segurando minha cintura e me guiando, quando senti aquele cacete todinho dentro de mim comecei a reboalar, ele gemia deliciosamente no meu ouvido,

então abri mais minhas pernas e apoiei minhas mãos no seu joelho, começando a mexer meu quadril pra cima e pra baixo, sentindo aquele cacete delicioso entrar e sair de dentro de mim.

nós dois gemíamos juntos, até eu começar a gemer mais, sentindo o gozo chegando.

depois de me fazer gozar no seu pau ele se levantou ficando na minha frente, me fazendo sentar no sofá e dizendo:

- chupa gostosa, quero ver vc beber todo meu leitinho!

não pensei duas vezes e abocanhei aquele puta cacete que estava na minha frente, eu chupava com gosto, não demorou até ele segurar meu cabelo com força e encher minha boca com a sua porra quente.

na hora minha vontade era vomitar, mas fui forte e engoli tudinho!

depois de me ver engolir tudo ele se abaixou e disse no meu ouvido:

- da proxima vez é o seu cuzinho que eu vou comer!

olhei pra ele um pouco envergonhada com toda a situação e corri pra minha suite ouvindo sua risada atras de mim.

ao chegar la fui tomar um banho e fiquei pensando na comida que ele me deu, e decidi que se ele queria mesmo comer o meu cu eu ia dar!

ouvi minha tia chegando e de repente me bateu um medo, quando ela veio me chamar para o jantar eu nem sabia onde enfiar minha cara, ela se aproximou e me deu um selinho rapido, me assustando um pouco, sorriu e disse que o jantar estava na mesa.

meu tio estava sentado na ponta, ela no centro da mesa e a cadeira lado dele estava vaga, de forma que eu fiquei entre os dois, me sentei ali e começamos a comer, quando senti uma mão subindo pela minha perna até alcançar minha calcinha por baixo da minha saia.

mas aquela mão não tinha vindo de onde eu esperava, olhei meio espantada para minha tia, seu olhar era um misto de perversão com diversão, senti sua mão roçar levemente minha buceta por cima da calcinha e senti um sorriso perverso vindo ao meu rosto, olhei para meu tio que olhava com uma cara de safado e disse:

- pelo jeito essas vão ser férias bem divertidas!

minha tia sorriu colocando a mão por dentro da minha calcinha e disse:

- vc nem imagina!

Conto 8: Fiquei com pena do meu avozinho...

Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br/texto/2013082101>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Desde que minha avó morreu que meu vô Euclides mora conosco. Me lembro de vovó confidenciar para a minha mãe (e eu ouvindo escondida atrás da escada) que vovô era muito safado e queria fazer sacanagem com ela toda noite mesmo já em idade avançada, e isso sem tomar viagra, pode ?

Um dia cheguei em casa do colégio e vi meu vô sentadinho no sofá da sala com os óclinhos na mão e uma carinha triiiiiiste, então me sentei do lado dele e perguntei o que havia.. Ele então me disse com os olhos rasos d'água, que tinha acabado de voltar do médico e este lhe havia dito que ele ia morrer...

Fiquei com muita peninha dele e perguntei o que que ele queria que eu fizesse para alegrar ele... Ele me perguntou se podia qualquer coisa e eu disse que sim.. Então para o meu espanto ele disse que como fazia muito tempo que não levava um boquete nem comia uma xoxotinha ele gostaria que eu fizesse isso pra ele.

Como já dizia o Chico Anísio, um copo d'água e um boquete não se nega a ninguém.. E a sentadinha de xota na pica também podia ir de brinde né... ? Ainda mais numa situação terminal como a do meu vô.

Carinhosamente baixei-lhe as calças, afaguei o pintinho dele que logo se manifestou crescendo e abocanhei a carinha dele, chupando do melhor jeito que eu tinha sido ensinada pelo inspetor do colégio que me comia na escola logo depois do recreio. Mamei que mamei aquela trolha até ficar do jeito que eu e ele queríamos..durinha.. Então me sentei devagarzinho com a racha da minha xotinha na chapeleta então roxa do caralho do vô e ele então me pegou pela cintura e me forçou de repente o corpo pra baixo, entrando com o pau até os ovos na minha buceta novinha...

Fudi que fudi aquele pau.. Mas cavaleguei tanto, mas tanto que acabei envernizando o caralho do meu próprio avô.. Nunca tinha cometido incesto antes... Mas foi uma delícia...

Então é que me lembrei de perguntar a ele, quanto tempo de vida o médico tinha dado pra ele, e sabe o que o saaaafaaaaado me respondeu ? - Uns 20 ou 25 anos ainda...

Conto 9: Mãe e filho – vida a dois

Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br/texto/2013081487>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Me chamo Michele, trabalho na área médica. Em meu conto “DESCOBRINDO MEU FILHO AMADO” - Comecei a relatar minha vida a dois com meu filho. Passamos a viver como se realmente fossemos casados, dormíamos na mesma cama, constantemente saímos as ruas para passeios e compras, sempre juntos – claro que nosso comportamento era bem discreto, afinal temos uma boa diferença de idade. Tenho 33 ele 19. Mas procuro me vestir conseguindo ter uma aparência mais jovem. Como temos o mesmo sobrenome, em viagens hospedamos juntos em hotéis. Somo praticante de nudismo, e sempre que podemos viajamos para praias e resorts destinados a sua pratica. Em casa usamos pouca roupa, ficando nus quando estamos a beira da piscina ou em alguns momentos mais relaxantes. Sempre digo a ele que deveria arrumar uma namorada, quem sabe um dia se casar, ter filhos. Mas ele além de ter muito ciúme de mim, diz que sou sua mulher, namorada, amante, tudo que um homem deseja de uma femea. Assim nossa vida vai se tocando. Meu trabalho é em forma de escala 12 X 36, revezando entre diurno e noturno, mas é raro o dia que a gente não dá um ou duas trepadas. Muitas vezes acordo ele com sua rola em minha boca. Adoro chupar aquele pau, sentir seu cheiro, o sabor de seu caldo. Minha grande luta com ele, é porque deseja demais comer meu cuzinho . Sei que tenho uma bela bunda, afinal sou autentica brasileira. Tenho negado a ele, pois sou virgem por ali. Mas o safado acostumou, quando me faz gozar com a boca enfia um dedo todinho no meu buraquinho, as vezes enfia até dois. Naquele momento do gozo, confesso que chego a ter um mais intenso. Ontem cheguei do hospital por volta de 18.30 hs, Ele já estava com queijos e frios preparados, aguardando minha chegada. Me deu umas rosas vermelhas, o que me emocionou. Recebeu-me com abraços e beijos bem apaixonados. Abriu uma champagne (bebida que mais consumimos em casa), encheu uma taça e veio dividi-la comigo. Logo eu disse vou tomar meu banho e rapidinho estarei com você. Subi para meu quarto, despindo-me toda entrei no chuveiro. Em segundos ele estava na porta todo pelado, com o pau duro, vindo ao meu encontro. Nos abraçamos, esfregando sabonete um no outro, logo ele me da a taça que havia levado, dividimos ela, beijávamos loucamente. Ele passando as mãos por todo meu corpo, chupava meus seios [...]. Me puxou para a cama, sempre me abraçando e beijando. [...] Nossa adorava o que ele fazia. Chupou meu cuzinho, e notei que deixava ele bastante molhado de saliva. Em determinado momento, enfiou um dedo nele, e começou o movimento de vai e vem. Em nenhum momento reclamei, pois o prazer que sentia era superior a qualquer coisa. Em seguida ele enfiou o segundo dedo, em nenhum momento ele parava de usar a boca e a língua. Logo ele enfiou o terceiro, nessa hora mesmo sem reclamar apertei meu cuzinho, como que dizendo assim não, mas ele chegou em minha nuca, beijando e chupando meu pescoço e minhas orelhas, falava, relaxa meu amor, logo você acostuma. Claro que ela estava já preparando para receber sua rola. Bem safadinho ele não é? Algo me fez relaxar e curtir aquele momento magico. Não vi de onde apareceu, mas pegou um tubo de creme ou coisa semelhante, derramou na minha bunda, molhando bastante meu reguinho e o cuzinho também. Isto fez com que os dedos deslizassem com muita facilidade no movimento de vai e vem. Deu uma socada firme com a mão, e por traz deu um brande beijo em minha boceta. Eu estava delirando de prazer, so senti ele se posicionar atrás de mim, puxando minha cintura, para eu ficar de quatro. Ele começou a pincelar todas área da boce até o cuzinho, de repente ele encosta a cabeça da rola bem na entrada do buraquinho e com um tranco, enfiou ate a metade fazendo com que eu assustasse e desse uma “acordada”. Confesso que não senti dor, pois estava muito excitada. Ele ficou parado, me segurando firme com as mãos para impedir com certeza que eu me afastasse, mas eu não o faria, pois estava adorando a experiência, enfim eu estava dando meu cuzinho pela primeira vez, e para meu homem – amado filho. Estava realmente curtindo aquela rola no cu, e ele movimentando cada vez mais forte, enfiou tudo para dentro. As vezes eu gemia forte, ele perguntava – ta doendo mamãe – eu respondia que não e pedia para socar mais forte. Ele o fazia com uma experiência que eu admirava. Em dado momento, deu um tapa na minha bunda, não é que gostei, disse a ele bata mais, mas bata com força. Ele com a rola toda dentro do meu cu, começou a dar tapas em minha bunda, me fazendo gemer cada vez querendo um gozo. Ele tirava a rola do meu cu deixando soa cabeça, dai dava um empurrão e enfiava tudo, com força. Enquanto isso batendo na minha bunda – fui sentindo ela ficar quente, até que não aguentei e gozei. [...] Ficamos deitados ele por cima de mim, me apertando abraçando e beijando. Virou para mim e disse: Mamãe hoje me tornei o homem mais realizado na vida e feliz. Sua bunda é coisa de outro mundo – deliciosa. Que bom que tenho você. Virei de frente para ele comecei a beija-lo – so dizia: tarado safado. Para contatos: docamsil@bol.com.br – Ficamos curtindo um ao outro, ate que levantamos e fomos comer alguma coisa. Já na cozinha ambos pelados, veio me abraçar por trás, fazendo com eu sentisse aquela rola dura novamente. Disse a ele, quero tira gosto, fiquei de joelhos e comecei a chupar e mamar aquele pau gostoso. Nada me faria abrir mão de engolir todo seu caldo. O que fiz em segundos. O tempo foi passando, e nossa relação cada dia melhor, realmente estávamos apaixonados um pelo outro. Depois de um ano e oito meses, por um descuido meu, descubro que fiquei gravida. Ai veio o dilema, pratico o aborto ou não. Cai na besteira de falar pra ele, em nenhuma hipótese admitiu um aborto teria que ter nosso filho. Meu medo era se fosse uma criança com problemas, inclusive com má formação. Mas incentivado por ele, tocamos o barco. Um coisa depois desse dia, ele literalmente virou o “padeiro” titular de minha “padaria”. Depois falamos mais...

Conto 10: Minha sogra, quem diria!

Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br/texto/201308403>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Demorei muito pra ter coragem de vim aqui e descrever tudo que aconteceu comigo. Sempre li muitos contos e nunca imaginei que tudo isso pudesse acontecer comigo. Não vou descrever nomes ou cidades por questão de segurança. Tudo aconteceu em Março de 2011 quando minha sogra foi passar o aniversário de minha esposa na cidade onde morávamos. Fui buscar ela na rodoviária e nesse mesmo dia minha esposa estava no trabalho. Levei minha sogra para minha casa, chegando lah lhe mostrei o apartamento onde morávamos, ela achou muito bonito pois não tinha costume de viver em apartamentos, pois mora em casa em um interior. SOu moreno, tenho 1,80 de altura, 74 kg bem divididos, sempre fiz academia, tenho 26 anos e siceramente me considero um homem charmoso e bem visto. Já minha sogra já tem seus 48 anos um pele desgastada pelo sol forte do interior, mulher que sempre trabalhou muito na roça, porem tem os seus charmes. Eu mesmo nunca tinha imaginado que pudesse rolar algo entre mim e ela. Após ter mostrado o apartamento pra ela, como era kitnet, só tinha lunico quarto, ela dormiria na sala no sofá cama. Mostrei o banheiro pra ela e perguntei se queria uma toalha, ela prontamente me falou que esperaria no banheiro, fui ao quarto e busquei um toalha de banho limpa, levei a ela e bati na porta do banheiro, ela colocou a mão para fora e pediu que eu entrega-se, passei a toalha e ela apertou de leve minha mão, senti uma pontada no pau nesse momento que até o momento não tinha sentido nada. Meu casamento já vinha um pouco desgastado, 4 anos de casados e o sexo vinha sendo uma coisa de semana em semana, eu sou muito fogoso pra sexo, se pudesse era toda hora, porem minha esposa dizia não gostar muito e minha sogra sabia disso e sempre aconselhava ela e tudo mais. O dia se passou e não aconteceu mais nada até um dia no sabado quando minha esposa saiu pra trabalhar, fiquei na cama deitado e fingia dormir, minha sogra entrava no quarto e ia até a varanda estender algumas peças de roupa, vendo aquilo dei uma de louco, coloquei o pau pra fora e cobri um pouco com o cobertor, observei ela passando e olhando, apertava os labios e mordiscava sua lingua, mais n teve coragem de encostar. Depois de um tempo levantei e fui tomar café, nesse dia não ia sair pro trabalho. Sentei na sala pra tomar meu café e ela estava sentada no sofá, do nada começou a puxar assunto me perguntando como a minha esposa estava indo com o sexo, se estava tudo bem e tal. Respondi a ela que estava tudo do mesmo jeito, que não estava aguentando mais, ela prontamente me falou que transava 3 vezes na semana até mesmo quando não tinha muita vontade pois o marido dela tinha que estar satisfeito e tudo mais. meu pau queria pular do pequeno short que eu vestia, coloquei o prato em cima e continuamos a conversa, ela me perguntava como estava conseguindo segurar, comecei a dizer que me masturbava de vez em quando e ela me disse que queria me ajudar e tudo mais, porem ainda não acreditava se era no mesmo sentido que eu imaginava. Até o momento que eu tive coragem de dizer: - TENho uma coisa pra te falar, mais não quero que conte a ninguem, ela disse que eu poderia me abrir com ela que não contaria pra outra pessoa. Eu disse assim: - Na verdade estou me masturbando muito pensando em você, na mesma hora ela sorriu e disse: - Tenho pensado muito em você também e hoje pela manhã vi o seu pau de fora e me deu um vontade louca de pular em cima de você. Nessa hora não deu outra, falei a ela que ela tinha que me ajudar, ela falou: - Pode ser na cama? Prontamente balancei a cabeça positivamente e ela foi para a cama já tirando a calcinha e levantando a saia. ela só queria que eu enfia-se nela, e foi isso que fiz, coloquei a rola pra fora passei cuspe e enfiei na buceta dela, fudi muito, ela eh ligada e mandou eu gozar tudo dentro dela, fudemos 2 vezes, tomamos banho e fudemos uma terceira vez. Ela não queria chupar, nem fazer outra coisa além de mandar eu enfiar nela bem forte. A coroa ficou louca e transamos até o dia em que ela foi embora.... Estou querendo trocar esperiencias e conhecer mulheres mais velhas, tenho um fetiche grande por mulheres acima dos 40, me mandem um email para conversarmos. kingdomssigo@hotmail.com Estarei esperando contatos. Contarei mais detalhes em outro conto.

Conto 11: **Minha tia foi o meu presente de natal**

Disponível em: <http://www.casadoscontos.com.br/texto/20130750>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Eu falava, falava e falava. Mas era como se eu não estivesse ali. Todos me ignoravam, era natal. Mandei tudo a merda, me tranquei no quarto e comecei uma bronha. Durante a ceia minha tia estava roçando suas pernas nas minhas. Não sei se aquilo foi o resultado de 5 latas de heineken, ou se realmente ela tava querendo algo. Minha família tava toda em casa como de costume em noites natalinas. Minha tia sempre foi gostosa. Desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem. Naquela noite ela estava vestindo um tomara que caia. E tomara que caísse mesmo, que peitões. Aqueles peitões iriam saltar pra fora a qualquer momento e eu sabia disso. Foram os peitões que me deixaram na fissura. Bom, no meu quarto o lance rolava. Gozei. Fui sorrateiramente até o banheiro pegar um pedaço de papel higiênico. Rapidamente abri a porta do meu quarto. Olho para um lado e para o outro, tipo como quem atravessa a Paulista. Tava limpo. Quando estou abrindo a porta do banheiro, eis que um sussurro sexy vai de encontro aos meus ouvidos.

- E aí garotão, precisa de ajuda?

Sim amigos(as) era ela. A minha tia. Com aqueles peitões super esmagados naquele tomara que caia. Eu não respondi, não esperava aquilo. Enquanto isso todos na sala comendo peru. E eu la, com a bermuda arriada até o joelho e o bagulho de fora. Meu bagulho tava todo melado. Ela me empurra pro banheiro e vem junto. "Isso!" - pensei. Eu e ela sozinhos no banheiro, ela chapada e eu sem calças. O palco estava formado.

Quando eu já ia arrancando um pedaço de papel ela põe a mão no meu pau (um pouco mole mas ganhando substância de novo). Ela põe a mão no meu caralho melado e diz:

- Deixa que eu limpo!

Deixei ela limpar. Ela limpou com a boca! Aqueles lábios macios e carnudos limpando todo o esperma do meu pau. O esperma do meu caralho parecia cola de sapateiro. Ela deixou limpinho, nenhuma gota.

- Olha só bebê. - ela me disse abrindo a boca e mostrando a minha porra velha em sua língua.

- Encolhe essa porra! - disse eu.

Ela engole e diz:

- Hum, tava gostoso.

Naquela altura meu pau já tava duro novamente. Tratei de arrancar aqueles peitões pra fora do tomara que caia. La estavam eles, belos, esplêndidos, espetaculares peitos. Seus peitões caíam suavemente sobre sua tomara que caia arriada. Fiquei la montado em cima daquelas tetas, saciando-me. Chupei muito, chupei muito mesmo. Chupei demais aquelas tetas de vaca puta. Acho que até hoje deve ter a marca dos meus lábios naquele peito. E os bicos então, nem se fala. Completamente ouriçados, puxei eles várias e várias vezes com meus dentes vorazes.

- Me come bebê, me come todinha - disse ela.

- Mas é claro que eu vou fazer isso!

Tirei por completo sua roupa. A puta tava sem calcinha! Cadela desgraçada. Meu tio se casou com uma vadia mesmo. Sentei aquela vaca na privada, privada tampada. Com ela ali sentada fiz um oral bem molhado naquela xota. Ela já tava toda molhada desde o início. Enquanto eu destruía aquela buceta com a minha boca, meu dedo ficava entrando e saindo de seu cuzinho. Que delícia! Só Deus sabe o quanto estava bom. Presumi que o pessoal continuava la na sala, comendo rabanada talvez. Eles ficavam ali, todo ano, odeio fins de ano. Todos aqueles malas na sua casa, é muito chato. Mas naquele ano eu tava me dando bem, aquela desgraçada tava ali sendo chupada por fim. Fiquei um tempão nessa e depois passei pro Dogstyle. Meti pra caralho na xota. Seu gemido era baixinho, acho que não queria dar sinais de que estava sendo estuprada no banheiro (e pelo próprio sobrinho).

- Filha da puta - eu disse.

- Isso me chama de puta. Sou a sua putinha!

Enquanto eu fodia aquela buceta dava tapas em sua cara. Ela gostava. Ela era uma puta. Eu tava ali comendo a minha tia puta. O sonho de todo moleque.

- Seguinte, fica de quatro. - eu disse.

Ela tipo uma vadia me obedeceu.

- Eu quero que você esculhambe esse cu! - ela disse.

- Tudo bem. Esse cu vai ficar do tamanho da lua sua puta!

Apenas sussurrávamos, não queríamos dar brecha.

Comi muito aquele cu. E que cu! Mó pressão. Aquele cu parecia uma xota. Um cu com sensação de xota. Tente imaginar. Estava sentindo que ia gozar. Era fato, não aguentaria mais tempo naquele cu gostoso.

- Tia, vou gozar!

- Tira o caralho do meu cu e trás aqui. - disse ela apontando pra boca.

Fiz o que ela disse.

- Ai eu vou gozar! - minha voz saiu contorcida.

Ela enfiou todo o meu caralho em sua boca. A porra escorreu. Escorreu bonito. Quando ela abriu a boca nem deu pra ver nada. Com o meu caralho todo em sua boca era difícil de respingar algo pra fora. Todo o conteúdo foi despejado goela baixo daquela cachorra.

- Cris, se eu soubesse que a sua porra fosse tão gostosa, já teria te dado faz tempo!

Eu estava acabado. Escutei socos na porta.

- Olha, acho que querem usar o banheiro.

- Vamos disfarçar, primeiro sai você, depois vou eu. - disse ela.

Quando eu estava preparando pra sair ela me puxa pelos cabelos e me joga em direção a privada.

- O que você quer? - eu disse.

- Vou te mostrar o que uma puta é capaz de fazer.

Sim minha gente. Era o grandfinale! A puta ainda tinha uma carta embaixo das mangas. Cristo. Ela arriou novamente minha bermuda e começou a fazer um oral digno de oscar. Ela me chupava e se masturbava. Aquele oral que ela fez em mim eu sei que nunca mais em toda a minha vida irei receber um oral daqueles. Nenhuma puta é capaz de fazer aquilo. Ela fez o meu caralho reviver. Chupou o meu caralho como se não houvesse amanhã. Chupou ele, deixou ele completamente exaurido.

- Porra! Vou gozar de novo.

Ela tirou a boca do meu pau e disse:

- Levanta rápido! Eu to com um tesão fodido! Encaixa ele agora na minha buceta.

Fiz o que ela disse. Ainda tentando me manter no lance, encaixei minha piroca naquela maravilhosa buceta.

- Mete ai e goza! É agora! Vai ser bom pra caralho.

Diabo! Encaixei ali e bombei. Umas 5 bombadas e la estava eu novamente gozando. As janelas do banheiro estavam abertas, dava pra ver a lua. Lua cheia. Ela começou a se contrair, suas feições estavam em frisson. Gozamos. Gozamos sob a luz do luar. Meu esperma inundou sua xota. Foi la dentro. Percorreu todo o seu corpo. O meu esperma inundou essa e suas outras vidas. Gozei pra caralho e ela também.

- Não tem problema eu ter gozado aí?

- Tudo ok. Não to no período fértil mesmo.

Sáimos do banheiro conforme o planejado. Nos limpamos. Voltamos a sala e comemos panetone.

Conto 12: Doce vingança... Traindo minha mãe.

Disponível em: <http://www.contosonline.com.br/conto-erotico/doce-vinganca-traindo-minha-mae>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Meu nome é Clarice e vou escrever como foi que resolvi me vingar da minha mãe. Com 19 anos namorava um belíssimo rapaz de 25 anos (Valdir), e foi com ele que aprendi praticamente tudo sobre sexo... Apaixonada, dei-lhe minha virgindade e por fazer tudo o que ele me pedia até no meu traseiro deixei ele enfiar. Mas o problema foi quando passamos; por exigência do meu padrasto, namorarmos em casa. Mas nunca poderia imaginar que minha mãe com seus 40 anos pudesse seduzir meu já quase noivo... Ela era um mulherão e não aparentava ter sua idade; éramos tão parecidas que muitos nos confundiam como irmãs... A diferença era que ela tinha tudo mais “ão” do que eu: bundão, peitão, coxão e bocão. Deixei Valdir em casa pra ir até a casa da minha colega e copiar algumas matérias que eu tinha perdido por faltar aulas. No meio do caminho é que fui me lembrar de um livro que precisava levar. Ao passar pela varanda tive a impressão de ouvir algo não muito normal... Janela aberta só com uma cortina tapando, fiquei do lado tentando ouvir:

- Mas dona Carla; pode ser perigoso chegar alguém!
- Ninguém vai aparecer Valdir, e a Clarice com certeza vai demorar algumas horas!
- Não faça isso dona Carla... A senhora sabe que eu gosto da sua filha!
- Eu sei; mas ela não precisa ficar sabendo do que vamos fazer!

Ainda ouvi Valdir resmungar que precisavam parar com aquilo, mas, parece que era minha mãe quem estava tomando toda iniciativa:

- Você está excitado Valdir... Você também está me desejando!
- É que a senhora é uma mulher bonita e muito gostosa!

Ai é que fui perceber que a vaca estava indo pro brejo, e não demorou pra começar ouvir alguns gemidos. Mesmo podendo ser descoberta, me abaixei na janela e com um dedo fui lentamente abrindo um vão na cortina... A puta da minha mãe segurava seu vestindo na cintura e estava cavalgando no pau do meu namorado que mamava nos seus peitões com sua blusa levantada. Minha cabeça começou a ferver de ódio e por pouco não denunciei minha presença... Percebendo que poderia provocar um escândalo de grandes proporções e depois de ver a puta da minha mãe gritando que estava gozando e que era pro Valdir encher sua buceta, me levantei e fui pra rua pra respirar melhor e colocar meus pensamentos em ordem. Voltei fazendo barulho e dando desculpa que minha amiga não estava em casa. Dispensei o Valdir dizendo que estava com um pouco de dor de cabeça e que precisava me deitar um pouco. Pensei muito e cheguei a conclusão de que podia ficar ainda por algum tempo namorando o Valdir. Como ele era o único homem com quem tive e mantinha relações sexuais, achei melhor continuar com nosso namoro até ter coragem pra arrumar outra opção pra fazer sexo; já que estava viciada numa pica dura. Aos poucos fui percebendo; pelos olhares, que minha mãe e Valdir continuavam a ter um caso. Mas, só fui começar a arquitetar minha vingança quando vi meu padrasto com a porta do banheiro aberta fazendo a barba e só com uma toalha enrolada na cintura... Ele tinha aquela mania quase todos os dias depois do seu banho, antes de sair pra trabalhar. Como minha mãe era enfermeira, de três em três semanas fazia plantão noturno no hospital... Comecei a bolar meu plano de vingança. Meu padrasto Gilberto (Gil) era um cara bonito: 45 anos, moreno, 1,80 mts, uns 85 kgs. Apesar de ultimamente ter notado seus olhares fixo no meu corpo, ele nunca tinha deixado transparecer algum desejo por mim... Resolvi fazer ele passar a me notar de qualquer maneira. Dias depois, fiquei na espreita até perceber que ele abriu a porta e começou a fazer a barba. Sai do meu quarto só de calcinha e sutiã e chegando na porta do banheiro:

- Preciso fazer xixi!

Ele ficou momentaneamente paralisado me olhando de cima em baixo e eu na maior cara de pau:

- Não se preocupe Gil; pode continuar fazendo a barba!

Não sei de onde tirei aquela coragem... Arriei minha calcinha e sentei no vaso deixando o xixi sair livremente. Gil ao invés de ficar de costas pra olhar pro espelho, virou e ficou me olhando fazer o xixi, levantar e passar o papel higiênico na xoxota:

- Porra Clarice... Gostei dessa sua liberdade comigo!
- Hehehehe! Só que minha mãe nunca vai poder saber disso; né?

Quando ele me segurou pelos braços notei sua toalha estufada pra frente... Mas ele só fez um comentário antes de voltar a fazer sua barba:

- Caramba; você está cada dia mais linda!

Como ele virou de costas pra mim, eu o abracei pela cintura e recostei meu rosto nas suas costas e procurei usar as mesmas palavras que minha mãe usou pra seduzir o Valdir:

- Você ficou excitado Gil? Está me desejando?

Ele parou de fazer a barba:

- Oh menina; você sabe que sim... Mas você é como minha filha!

Desci minha mão e soltei sua toalha deixando-a cair no chão:

- Eu sei Gil; é por isso que eu gosto muito de você!

- Pensa bem no que você está fazendo menina!

Segurei seu pau duro e acariciando:

- Já pensei muito Gil... Mas se você não me quiser; tudo bem!

Quando ele virou de frente pra mim é que pude ver seu lindo pênis duro. Ele levando a mão no meu sutiã puxando-o pra cima dos meus peitos e iniciando uma leve massagem:

- Qualquer homem desejaria uma menina como você. Só me preocupo com o escândalo se alguém viesse a descobrir um relacionamento entre nós dois!

Voltei a segurar seu pau e ele enfiando sua mão por dentro da minha calcinha e passando o dedo na minha xoxota:

- Ninguém vai descobrir nada Gil; é só tomarmos cuidado!

Ele foi descendo minha calcinha, e me colocando entre ele e a pia foi colocando seu pau entre minhas pernas:

- Abaixa só um pouquinho e abri mais suas pernas!

Ele foi enfiando seu pau na minha xoxota:

- Você já se previne contra gravidez?

- Oooooh!!!! Já sim Gil; tomo pílulas regularmente!

Era o segundo homem a meter na minha xoxota. Mas, talvez por ser algo mais proibido, comecei a gostar muito mais daquele pau fodendo minha buceta do que do meu namorado:

- Oh Gil! Hummmm! Hummm! Vai! Vai! Mais forte! Mete! Mete!

Meu padrasto me fodeu tão gostoso e tão forte que em menos de dois minutos eu estava tendo um delicioso orgasmo sentindo minhas pernas bambas... Ainda gemia quando senti soltando toda sua porra dentro da minha xoxota. Ele me beijando com cuidado por estar ainda com o rosto sujo de espuma:

- Não posso chegar atrasado; mas vou ficar ansioso pra chegar a noite e ficar sozinho com você!

- Eu também Gil!

Dez horas da noite minha mãe saiu para o hospital, e assim que o portão automático fechou após o carro sair da garagem fui me sentar ao lado do Gil que rapidamente procurou minha boca pra beijar enfiando a mão por baixo da minha camisola:

- Já está sem calcinha; é?

Também levei a mão no seu short esfregando onde estava seu pau que começava a ficar duro:

- Ela já está molhadinha desejando ser possuída!

Ele começou a tirar minha camisola:

- Vamos lá pro seu quarto Gil... Quero dar pra você no mesmo lugar que você transa com minha mãe!

Pelados na cama de casal, Gil me beijou; chupou meus peitinhos e novamente fodeu minha bucetinha que gritei de prazer por uns cinco minutos antes de ter meu orgasmo:

- Caralho, você é muito gostosa!

Em seguida ele procurou minha boca e fui sentindo os jatos de porra lá no fundo do meu útero. Uma hora depois, eu estava chupando a piroca do meu padrasto pra que ficasse novamente dura:

- Oooooh!!!! Como você chupa bem! Isso, lambe, passa a língua... Aaaahhhh! [...]

No sábado, quando Valdir chegou na minha casa, só esperei minha mãe chegar toda assanhada e sorrindo pro Valdir pra anunciar que queria terminar o namoro. Os dois espantados começaram a me questionar e não tive nenhum receio de contar que sabia que eles estavam transando... Foi um tal de querer tirar o corpo fora como se o que eu dizia era um absurdo. Quando falei o que tinha visto algumas semanas atrás e que tinha certeza de que eles passaram a se encontrar fora de casa; talvez pra irem a algum motel, de repente ficou tudo em silêncio. Mas, falei que não ia comentar aquilo com ninguém e que não me importava mais se eles quisessem continuar:

- Você promete não falar nada pro Gil?

Minha vontade foi falar ali naquela hora pra minha mãe, que não ia contar nada porque também estava transando com o seu homem. Acho que só não contei por me sentir apaixonada pelo Gil e não queria estragar nosso relacionamento. Valdir foi embora e minha mãe ainda envergonhada sumiu das minhas vistas durante o restante do dia.

Passei a ter uma semana inteira pra transar com meu padrasto enquanto minha mãe ia fazer seu turno a noite no hospital, e também quando ela saía muito cedo para o seu turno da manhã... Era quando Gil me fodia antes de sair pra trabalhar. Numa noite depois dele meter gostoso na minha xoxota dei um bom tempo pra começar a chupar seu pau e a provocar:

- Vou querer ele bem duro pra entrar na minha bundinha!

- É mesmo? Vai deixar comer sua bundinha?

[...]

A ideia inicial da minha vingança era transar com o marido da minha mãe e depois contar pra ela... Mas, acabei preferindo uma vingança silenciosa pra não perder aquele homem gostoso que era meu padrasto. Mesmo depois que minha mãe confessou que continuava se encontrando com Valdir, achei melhor manter tudo sem segredo.

Conto 13: Meu pai é o pai do meu filho

Disponível em: <http://www.contosonline.com.br/conto-erotico/meu-pai-e-o-pai-do-meu-filho>
 . Acesso em: 24 jul. 2013.

Com 25 anos e menos de 2 de casada é que fui descobrir que meu marido Jorge era um tremendo cafajeste. Jorge (40 anos), que era piloto em uma companhia aérea, me fez desconfiar de suas safadezas com aeromoças ao flagra-lo no estacionamento do aeroporto (quando me atrasei pra busca-lo); dentro do carro, no maior esfrega com uma delas. Investigando acabei descobrindo que ele muitas vezes até dormia no apartamento de outra aeromoça quando não vinha pra casa. Tivemos uma briga feia e acabei resolvendo abandoná-lo. Sem recursos próprios, fui parar na chácara do meu pai que é um militar reformado e fica numa cidade do interior; até resolver o rumo que ia dar pra minha vida. Meu pai, mesmo com seus quase 60 anos ainda mantinha aquela sua rotina de exercícios pesados todos os dias na parte da manhã e conservava um físico privilegiado; ninguém lhe dava mais do que uns 45 anos... Ele tinha uma mini-academia, num dos cômodos da casa. Acho que vivendo sozinho com apenas uma empregada já bem idosa, não se preocupava muito com sua privacidade... Com dois banheiros na casa, um era apenas pra tomar banho e tinha só uma cortina de plástico como porta. E era justamente na hora de tomar banho que eu ficava meio insegura em ter que ficar ali debaixo do chuveiro com meu pai passando pra lá e pra cá ao lado da porta... O plástico meio que transparente, dava pra ver seu vulto e com certeza ele também via o meu vulto pelada. Passei a ter coragem pra também olhar ele tomando banho; foi quando notei sua silhueta máscula e o vulto do seu pinto... Aquela visão me fez sentir falta de um homem no meio das minhas pernas. Num dia, logo que sai do meu banho, ele entrou e em seguida percebi seu vulto que era de um homem se masturbando... Me aproximei ficando ao lado da porta e ouvi seus sussurros: - “Que bunda gostosa!” – “Hummmm; que peitos maravilhosos!” – “Ohhhh que vontade de te foder Tereza”. Era lógico que ele estava fantasiando uma relação sexual justamente comigo, que era sua filha... Fiquei por alguns segundos com minhas pernas trêmulas e procurei me afastar também tendo pensamentos pecaminosos sentindo minha xota até se contraindo. Modéstia à parte sempre fui o que se pode chamar de mulherão: loira, 1,70 mts, 65 kgs, bundão empinado e seios médios pra grande. No dia seguinte, de propósito, deixei minha calcinha pendurada no banheiro e fiquei prestando a atenção quando ele entrou pro seu banho... Percebi quando ele ficou cheirando minha calcinha e depois ficou se masturbando com ela enrolada no seu pau. Raciocinando, a lógica era ele saber que eu podia estar vendo-o fazendo aquelas coisas dentro do banheiro, já que também ficava quase todos os dias olhando meu vulto tomando banho. Tinha passado apenas duas semanas que eu estava morando com meu pai na chácara e aconteceu o que veio a ser o estopim de tudo. Entrei no meu quarto depois do banho, e assim que me livrei do roupão pra ainda ir até a gaveta do armário pra pegar uma calcinha quando fiquei paralisada vendo meu pai entrando no quarto vindo se aproximando de mim... Me mostrou meu celular na sua mão:

- É o Jorge querendo falar com você!

- Fala pra ele que não quero falar com ele!

Meu pai repetiu minhas palavras e em seguida desligou o celular. Deu uma olhada de cima em baixo no meu corpo nú e sorriu:

- Daqui a pouco ele vai tornar a ligar!

O estranho é que fui relaxando e passei a não me importar de estar pelada na frente do meu pai:

- Se ver que é ele simplesmente não vou querer atender... Vou deixar tocar até desistir!

Meu pai continuou no meu quarto querendo saber se caso Jorge viesse a aparecer na chácara. Pegando uma calcinha fui vestindo e respondendo que não adiantaria que não mais voltaria pra ele; e:

- A não ser que você não me queira morando aqui com você!

Meu pai que sempre demonstrou ser um militar sério e correto, me puxou dando-me um abraço que fez meus peitos ainda soltos ficarem exprimidos no seu corpo:

- Você é a melhor companhia que eu podia ter... Por mim, pode ficar pra sempre comigo!

Ele encostando sua virilha logo acima da minha xoxota, senti nitidamente que ele estava com o pau duríssimo. Ele que nunca foi de demonstrar carinho, fazia carinho nas minhas costas e eu fiquei ali envolvendo sua cintura com meus braços... Olhei para seu rosto:

- Com você eu me senti protegida!

Ele me dando um beijo na testa:

- Tudo que você precisar é só me pedir; ok?

Acho que depois de quase vinte anos dei um beijo no seu rosto novamente... Sorria tendo quase certeza que ele depois daquilo tudo provavelmente ia se masturbar pensando em mim. Quando ele me largou virando as costas dizendo que ia pro seu quarto, não esperei nem dois minutos pra ir até lá; ainda só de calcinha, e pegar ele deitado, pelado alisando seu pau duro que mirava pro teto... Foi a vez dele ficar sem reação por alguns segundos enquanto eu ia me aproximando da sua cama, e como se ainda fosse uma criança toda dengosa:

- Posso deitar um pouco com você pai?

Acho que ele percebendo toda minha liberdade em apareceu no seu quarto só de calcinha, se ajeitou na cama sem procurar esconder sua nudez:

- Claro Tereza... Vem!!!!

Deitei e ele vindo me abraçar colocando parte do seu peito sobre os meus e seu pau duro encostando na minha coxa:

- O que foi Tereza, algum problema?

- Está tudo bem pai... Só queria ganhar mais um pouco do seu carinho!

Ele com uma mão num dos meus peitos me dando beijos no rosto:

- Oh filha... Acho que nunca fui um bom pai pra você; não é?

- Apesar de nunca ter sido muito carinhoso, foi um ótimo pai sim!!

Quando ele desceu a mão enfiando-a por dentro da minha calcinha, abri minhas pernas o suficiente pra ele alcançar minha xoxota... Quando ele passou o dedo na minha buceta já molhadíssima e fui enfiando, tateei minha mão até alcançar e segurar seu pau:

- Enfia ele em mim pai; enfia!

Ele foi tirando minha calcinha:

- Está sentindo falta do marido?

- Dele não... Só de sexo!

- Que bom filha... Assim posso retribuir todos esses anos que não lhe dei carinho!

O tesão que estava sentindo pelo meu pai já alguns dias, era muito maior do que alguma vergonha que eu podia sentir por ele... [...]

Minha buceta ficou tão inchada que tive que voltar pro meu quarto andando com as pernas abertas. No outro dia, estava no meu quarto deitada depois do almoço, e assim que a empregada terminou de arrumar a cozinha e foi embora, ele foi me procurar. Eu já esperava por aquilo:

- Entra pai... Vem me dar um abraço; vem!

Ele me abraçou, me beijou e foi tirando meu short. Enquanto ele foi tirando também suas roupas, terminei de ficar pelada. Mas o inacreditável foi ele ir pro meio das minhas pernas e começar a lambar minha buceta:

- Paaaiiiii???Oooohpaaaiiiii! Ai meu Deus! Ai meu Deus! Não vou aguentar pai! Não vou! Aaaaahhhh! Aaaaahhhh!

Sua língua foi me dando um prazer tão grande que eu espremia sua cabeça com minhas coxas num gozo alucinante; depois, ele tornou a atolar aquele pau duro na minha buceta e socou, socou, socou me fazendo ter outros orgasmos antes de encher minha buceta com sua porra. Depois de fazer uma higiene vaginal, deitei na minha cama peladinha e dormi por mais de 2 horas. Acordei com ele do meu lado, também ainda pelado, folheando uma revista. Passei minha cabeça do travesseiro para seu colo e fiquei brincando com seu pau que rapidamente começou a crescer:

- Dá um beijinho nele, dá!

Com certeza o pedido pra só dar beijinho, era que ele devia ter dúvida se eu tinha coragem pra chupar. Dei alguns beijinhos, passei bastante a língua cabeça avermelhada que era bem mais grossa do que o corpo, e com ele bastante duro envolvi a cabeça com meus lábios e fui descendo até a metade e subi sugando:

- Ooooh! Caralho! Assim você mata o papai!...

Meu pai não gozava tão fácil. Depois de chupar por vários minutos:

- Vira a bundinha pra mim filha, vira!

Naquele momento descobri o quanto eu era safada. De esposa sempre fiel e comportada, em apenas dois dias fazendo sexo com meu pai só faltava a bunda pra ser uma putinha por completo. Fiquei de quatro, e ele após botar sua boca no meu ânus e molhar bastante em volta do meu buraquinho atolou seu pau duro que gritei feito uma cadelinha sendo arrombada por um pastor alemão... Novamente foram vários minutos ele socando na minha bunda antes de gozar, que depois fiquei horas sem poder sentar direito. Apesar da idade, meu pai tinha uma virilidade tão grande que passou a me foder quase todos os dias... E eu adorava ser possuída por aquele homem viril que me comia com um apetite animal me fazendo ter vários orgasmos numa só trepada. Mas logo, fiquei apavorada quando descobri que estava grávida. Mesmo com muito medo, resolvemos que eu tinha que continuar esperando aquele bebê... Passei a ir regularmente ao médico. Dois meses; eu já de barriga, Jorge apareceu de surpresa na chácara e ficou todo bobo ao me ver grávida. Sem noção, ele achou que eu já devia estar grávida quando resolvi deixa-lo... Foi um alívio pra mim. Não aceitei voltar pra ele, mas concordei em deixa-lo registrar a criança quando nascesse. Jorge passou somente me ligar de vez em quando pra saber notícias da minha gravidez... Enquanto isso, mesmo grávida eu ia deixando meu pai me foder de ladinho, ou eu sentando no seu pau e também comer muito minha bundinha. Nasceu meu filho, registrado por mim e por Jorge como Fernando Neto de tal (mesmo nome do meu pai) e ainda passei a receber uma ótima grana de pensão oferecida por Jorge – “Hahahahaha... Ainda bem, que tudo terminou bem”.

Conto 14: **Minha prima é minha namorada**

Disponível em:<http://www.contosonline.com.br/conto-erotico/minha-prima-e-minha-namorada>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Oi tenho 23 anos ,1,84 de altura e 70kg,ano passado em minhas férias de verão viajei para passar um fim de semana na casa de praia de minha tia.

Eu acabei indo sózinho pois fui na sexta feira, minha família pai e mãe ficaram em casa, chegando lá por volta das 16:00h acabei encontrando minha outra tia que também iria passar as férias por lá mas o que mais me impressionou foi ver minha prima de 19 anos que se chama Kelly ela é branquinha 1,74 de altura olhos verdes corpinho de avião, eu não via a uns três anos ou mais, e o que mais me chama a atenção nela são seus lindos seios que por sinal são bem bicudinho Naquele dia cheguei e fui arrumar minha mala depois fiquei conversando com minhas tias, e minha prima ficou no quarto vendo TV, logo depois fui dar uma volta na praia de 18:00 so para relaxar (a praia fica a duas quadras) muito pertinho mesmo chagando na praia fiquei pensando na minha prima Kelly, ela muito bonita branquinha lindos cabelos seios pontudinhos pernas branquinhas, logo voltei para a casa já era horário de janta. jantamos e como bom reparador aqueles seios me deixavam louco!! tentei não fazer parecer ficava de olho nela direto, após o jantar minhas tias ficaram na cozinha arrumando tudo por, minha prima ficou na sala lendo uma revista no sofá então cheguei na sala e falei um “oi ela mim olhou e disse OI também, sentei no sofá e liguei a tv e fiquei vendo o jornal nacional, eu tentei puxar um papo com ela perguntei se ela estava gostando de passar o fim de semana aqui, ela olhou para mim com um ar de risos e respondeu ainda não fiz nada cheguei de 13:00h e so fiz dormir falou a Kelly para mim, logo minhas tias escutaram a conversa e foram sentando no sofá para ver a novela e disse vão dar uma volta meninos, minha outra tia a mãe de Kelly disse so assim vc não reclama que não fez nada, minha prima logo disse que não queria ir, então eu chamei para dar uma volta na praia ela mim olhou com vergonha e aceitou, saímos para dar essa volta e falamos sobre tudo trabalho, planos, estudos, família ate que chegou em namorados ela disse que so namorou uma vez e durou quatro meses e já fazia quase dois anos que estava so, eu falei de minhas esperiencias dei muitos conselhos para ela ela mim achou muito admiravel e disse que eu era muito legal, agradecei dando um beijo no seu rosto e ela mim olhou muito timidamente, eu fiz muitos elogios para ela também, nos levantamos da praia e ficamos aindando um pouco para mais longe, já estava deserto eu peguei na mão dela e ela aceitou, ficamos de mãos dadas andando um bom tempo e nos falando muito, estava tudo perfeito, ela pediu para voltarmos então fui quando chegamos pertinho de casa eu olhei para ela e perguntei se gostou o passeio ela disse que sim e mim fez a mesma pergunta eu disse mais ou menos ela perguntou por que? Eu disse faltou isso... e a beijei na esquina da casa ela teve um susto e tentou mim afastar mais logo aceitou o beijo, quando terminamos o beijo ela disse por que vc fez isso? Eu respondo porque vc é muito especial e chegamos na casa, entramos e minha prima não falou mais nada, eu tentei puxa conversa mais Kelly mal respondia, quando ela foi para a cozinha eu fui também e pedi desculpas a KELLY, ela disse quero ficar sozinha estou confusa e eu disse so fiz isso porque gosto de vc e sai da cozinha.

Na hora de irmos dormir como havia dois quartos na casa minhas tias ficaram em um quarto para colocar os papos em dia eu e minha prima ficamos no outro quarto em camas separadas claro, mas naquela noite mau dormi pois só pensava na minha priminha que com seus lindos seios e uma bela boca tentei falar com ela enquanto dormíamos mais ela disse que estava com dor de cabeça e que queria dormir respeitei ela e demorei muito a dormir so pensando nela. No dia seguinte acordei com um barulho! mal abri os olhos mas já pude perceber que era minha priminha indo ao banheiro era cedo mas ela já estava acesa! eu perdi o sono na mesma hora mas queria ficar ali fingindo estar dormindo ,ela acabara de sair do banheiro quando me deparo com ela só de biquine! E colocou uma roupa e foi a praia com a mãe dela, fiquei com minha tia na casa levantei tomei banho e café e fiquei ali no sofá vendo TV depois de um bom tempo quando chegaram da praia ela veio se aproximando e sentou-se no sofá de frente para mim ela era linda! nunca imaginara que ela fosse ficar tão gostosa ,ela me olhava e eu ali fingindo mas pensei :Ela está pensando em mim.

Já era sábado e eu estava apaixonado pela minha prima queria ficar com ela de verdade minhas tias foram fazer umas compras e fiquei com minha prima na casa, foi ai que eu falei para ela que estava gostando muito dela e Kelly disse que não dava certo isso pois éramos primos eu perguntei o que ela achava de mim e ela mim olhou nos olhos e disse eu estou muito carente faz tempo que não namoro e agora so penso em vc, fiquei muito feliz com isso cheguei perto dela e a beijei mas uma vez, eu disse que queria namorar com ela de verdade e não estava brincando, ficamos mais uma vez muito carinho e beijos apaixonadamente, não fiz nada de mais para não estragar o momento, quanto minhas tias chegaram ficamos tranqüilos para não levantar suspeita.

A tarde ficamos na praia eu kelly minhas tias o tudo tranqüilo brincamos na areia da praia depois na água ainda deu para dar uns beijinho na minha prima escondido de todos, depois de um tempo minha tia mim pediu para ir na casa pegar comida e bebidas, que tinha acabado, chamei minha prima para ir comigo e ela veio quando chegamos La comemos a nos beijar loucamente , eu mordida seu pescoço apertava a cintura, levei ela para a cama e beijávamos fortemente mordi a barriguinha dela e tentei descer mais com a língua mais ela não deixou

virei ela de costa e beijara toda suas costas uma maravilha foi tudo muito rápido para não levantar suspeitas e voltamos para a praia onde estava minhas tias ficamos por La ate as 15:00 mais ou menos,depois que chegamos na casa da minha tia jogamos domino no final da tarde e ficava olhando para minha prima e ela para mim tipo uma paquera mesma.

A noite do sábado, saímos para uma festa na praça que tinha ali perto ficamos de mão dadas na praça e abraçados como namorados mesmo, ficamos na praça ate umas 23:30h porque começou a chover bem leve e voltamos para casa, minhas tias já estavam dormindo, tomei banho fiz um lanche e minha prima fez o mesmo e fomos dormir,fiquei conversando com Kelly eu em uma cama e ela em outra cama, foi quando a chuva ficou mais forte e minha prima disse que estava com frio, eu chamei ela para vir para minha cama ela disse que não por que a mãe dela podia vir, foi quando eu mim levantei e fechei a porta de chave, e foi deitar na cama com minha prima muito cheirosa e linda, estava com um baibydoor tipo vestidinho sem sutiã e com uma calcinha branquinha, fiquei ali deitado com ela fazendo carinho no rosto dela, ela perguntou o que eu queria com ele e eu falei que queria namorar.

Me aproximei e ela tava quase dormindo toda cobertinha me ajoelhei perto da cama e comecei a passar a Mao nela por cima da coberta com ela não falou nada estando de bruços fui mais ousado coloquei a Mao por baixo da coberta e devagarzinho comecei alisar as coxas bem devagar ela mandou eu parar bem baixinho mais fui subindo a mao e cheguei na polpa de seu bundinha.. tava ficando louco quando passo a mao em sua bundinha percebo que não esta de shortinhos como antes e sim de camisola ergui ela e a pequena calcinha que delicia aquela bundinha lisinha.. deitei na cama com minha prima e fiquei feijando seu rosto.

Então afastei sua calcinha e comecei a passar a Mao onde eu tanto desejava sua bucinha alisei bem gostoso passei a mao puz um dedo ,ai eu com tanto tesao fiz uma loucura tirei a coberta dela e comecei a chupar aquela buceta todinha e já com o pau pra fora não pensei duas vezes e fui penetrando ela bem devagar ela disse que era virgem e que não queria fazer amor comigo porque éramos primos, mais eu falei que gostava muito dela e que queria ficar com ela para sempre, então ela mim beijou e disse que mim amava, ficamos fazendo sexo.Depois de tentar penetra na bucinha apertadinha virai ela de frente ergui mais sua camisola dava lambidas em sua barriguinha gostosa e cheguei em seu seios o delicia.. me fartei de tanto chupar..Logo voltei pra bucinha dela coloquei as pernas dela em meu ombro ,e voltei a penetra la fiquei horas penetrando ela ao mesmo tempo q eu comia ela beijava sua boca.. alisava seus peitinhos, depois ficamos abraçados ate dormir a noite toda bem carinhosamente, no dia seguinte ela so queria ficar perto de mim e eu pertinho dela como namorados mesmo, eu gosto muito dela e ate hoje estamos juntos e somos namorados apaixonados

Conto 15: Minha irmã é a mais gostosa irmã do mundo

Disponível em: <http://www.contosonline.com.br/conto-erotico/minha-irma-e-a-mais-gostosa-irma-do-mundo-continuacao>. Acesso em: 24 jul. 2013.

Depois que vi meu irmão comendo minha irmã Talita, decidi que deveria comer também, onde come um come dois, estava pronto para dar o bote, contar pra ela o que tinha visto e obrigar ela dar pra mim. Um dia eu estava espiando a Talita tomando banho, quando foi surpreendido, pela minha irmã Vania, que começou a me ameaçar, em contar pra todo mundo o que eu estava fazendo, fiquei morrendo de medo, foi obrigado a me rrebaixar, perguntei para a Vania o que ela queria que eu fizesse, pra ela esquecer o que tinha visto, Vania que estava com fome de sexo, me fez uma oferta, eu deixo você me ver pelada e você deixa eu pegar no seu cacete, eu fiquei maravilhado, era exatamente o que eu queria, sorrindo perguntei pra ela, como e onde vamos fazer isso?, Vania sorriu e disse, seu safado sem vergonha, pra ver mulher pelada, vocês fazem qualquer coisa né, homens são todos iguais mesmo, olhando pra mim ela disse, quando sairmos para ir a escola, a Talita vai junto com nós, até no ponto de onibus, ela pega o onibus e a gente volta pra casa e ficamos aqui sozinhos a tarde inteira, você topa?, eu disse é logico que topo.

Fizemos todo como o combinado, Talita pegou o onibus e nós voltamos tra casa, não via a hora de ver minha irmãzinha peladinha, quando entramos em casa, eu já estava de pau duro e já fui logo agarrando ela, Vania falou calma seu tarado, espera chegar no quarto, entramos no quarto e Vania falou, você tira a minha roupa e eu tiro a sua e assim fizemos, cada peça que eu tirava, meu cacete ficava mais duro, quando eu vi aquela boceta peludinha, fiquei louco, já queria cair de boca, Vania falava, calma tarado, essa bocetinha vai ser sua, toda vez que você quizer olhar pra ela, não quero ver você olhando pra quela biscate de novo, só vai olhar a minha, se não eu conto pra mamãe, depois que ela tirou minha roupa, ficou segurando meu cacete e olhando pra ele, até que fui empurrando em direção da boca dela, Vania estava cega de vontade de chupar meu cacete, quando encostei na sua boca, ela foi abrindo a boca e abocanhando, comecei a fazer movimentos, pra frente e para traz, Vania chupava com uma habilidade, que me deixou preocupado, depois me deitei na cama, e fizemos um sessenta e nove, com muito tesão, Vania rebolava e gemia, até que gozou, na minha boca, ela deitou se na cama e me falou, vem gostosão tarado, come a sua irmãzinha gostosa vem, fui pra cima dela, antes de socar o cacete na boceta dela, eu falei, não posso tirar sua virgindade, vou por só no cuzinho tá, Vania me falou, larga de ser bobo maninho, minha virgindade já era a muito tempo, eu perguntei, você já fez sexo com alguém?, para minha surpresa, Vania me disse, quando perguntei quem foi e ela me disse, foi seu irmão Everaldo, aquele cachorro sem vergonha, que agora ele só come a Talita, eu perguntei, como você sabe disso, Vania me disse, ele me falou e eu já vi muitas vezes, eles metendo lá no quintal a noite, nessa hora meu cacete estava mais duro ainda, comecei a socar na boceta da Vania, que rebolava e gemia, depois de gozar varias vezes, ela me falou, não vai gozar dentro da minha boceta em, se não posso me engravidar, goza no meu cuzinho que não corre rrisconennhum e é muito gostoso, antes de gozar, eu perguntei pra Vania, quem mais comeu essa bocetinha gostosa?, Vania perguntou, porque você quer saber?, eu disse, atoa só pra saber, vania me disse, você não conta pra ninguem? eu disse, claro que não, acha que vou depravar minha irmãzinha, pode falar pra mim, Vania me disse, foi só o primo Lucas e o primo Marcio e o seu irmão, agora você que vai ser pra sempre meu, eu disse pra sempre não né, você vai se casar um dia, ai tudo acaba, Vania me deu um longo beijo na boca e me disse, mesmo depois que eu e você, nós casarmos eu quero continuar sendo sua amante, meu gozo já estava chegando, rapidamente virei ela de quatro e soquei o cacete dentro do cuzinho dela, que já não estava tão apertada como nasceu, gozei dentro do seu cuzinho da Vania trez vezes, só naquela tarde, até hoje nós damos uma trepadinha, sempre que ficamos sozinhos, e ficou assim meu irmão come a Talita e eu como a Vania.

ANEXO B – Os recortes

(1) [...] me tornei o brinquedo favorito do meu cunhado e da minha irmã. [...] nós transamos sempre, sou o brinquedinho deles, e acho isso muito sexy, fazem comigo oq querem, e eu adoro agradecer meus donos. (conto 2)

(2) Minha tia sempre foi gostosa. Desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem. [...] O sonho de todo moleque. (conto 11)

(3) [...] um dia chegando em casa de surpresa peguei minha filha caçula tomando banho [...] dei uma risadinha e sai. [...] na janta ela ficou meio calada, mas fingi que nada tinha acontecido. mastava louco de tezaio, sentia uma vontade enorme de ve-la nua de novo. (conto 6)

(4) [...] Comecei a relatar minha vida a dois com meu filho. Passamos a viver como se realmente fossemos casados [...] claro que nosso comportamento era bem discreto, afinal temos uma boa diferença de idade. [...] Mas ele além de ter muito ciúme de mim, diz que sou sua mulher, namorada, amante, tudo que um homem deseja de uma femea. (conto 9)

(5) [...] me tornei o brinquedo favorito do meu cunhado e da minha irmã. [...] nós transamos sempre, sou o brinquedinho deles, e acho isso muito sexy, fazem comigo oq querem, e eu adoro agradecer meus donos. (conto 2)

(6) [...] olhei meio espantada para minha tia [...] e senti um sorriso perverso vindo ao meu rosto, olhei para meu tio que olhava com uma cara de safado e disse: - pelo jeito essas vão ser férias bem divertidas! (conto 7)

(7) Um dia cheguei em casa do colégio e vi meu vô sentadinho no sofá da sala [...]. Nunca tinha cometido incesto antes... Mas foi uma delícia... [...]. (conto 8)

(8) Minha tia sempre foi gostosa. Desde que me entendo por gente aqueles peitões me seguem. [...] O sonho de todo moleque. (conto 11)

(9) [...] foi surpreendido, pela minha irmã Vania [...], perguntei [...] o que ela queria que eu fizesse, pra ela esquecer o que tinha visto, Vania [...] me fez uma oferta, eu deixo você me ver pelada [...], eu fiquei maravilhado [...]. Vania me deu um longo beijo na boca e me disse, mesmo depois que eu e você, nós casarmos eu quero continuar sendo sua amante. (conto 15)

(10) Tenho três irmãos [...]. Fiquei observando meu o irmão, jovem bonito inteligente trabalhador mas com as limitações da surdez e da fala. [...] Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar. Estava decidida. [...] Viramos namorados, amantes, marido e mulher. (conto 1)

(11) Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. [...] tive a presença ilustre da minha mãe [...] Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. [...] e desde então ela se tornou minha amante (conto 3)

(12) Mas, só fui começar a arquitetar minha vingança quando vi meu padrasto com a porta do banheiro aberta fazendo a barba e só com uma toalha enrolada na cintura... [...] Resolvi fazer ele passar a me notar de qualquer maneira. (conto 12)

(13) Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. [...] tive a presença ilustre da minha mãe [...] Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. (conto 3)

(14) [...] eu encontrei minha irmã...eram meses sem nos ver... estava com tanta saudade,a abracei e dei um celinho, por que foi assim que aprendemos: damos celinho em vez de beijo no rosto e isso é normal; Até ai tudo bem, era tudo sem maldade nenhuma. (conto 4)

(15) Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. Até aí tudo normal e perfeito. [...] Depois de uns meses [...]. Resolvi seduzi-lo. [...] Desde então sou amante dele. (conto 5)

(16) Na hora de irmos dormir como havia dois quartos na casa minhas tias ficaram em um quarto para colocar os papos em dia eu e minha prima ficamos no outro quarto em camas separadas claro, mas naquela noite mau dormi pois só pensava na minha priminha [...]. (conto 14)

(17) [...] minha sogra já tem seus 48 anos [...] porem tem os seus charmes. Eu mesmo nunca tinha imaginado que pudesse rolar algo entre mim e ela. [...] fiquei na cama deitado e fingia dormir, minha sogra entrava no quarto e ia até a varanda estender algumas peças de roupa, viendo aquilo dei uma de louco [...]. (conto 10)

(18) Era lógico que ele estava fantasiando uma relação sexual justamente comigo, que era sua filha... Fiquei por alguns segundos com minhas pernas trêmulas e procurei me afastar também tendo pensamentos pecaminosos [...]. (conto 13)

(19) Tenho três irmãos [...]. Fiquei observando meu o irmão, jovem bonito inteligente trabalhador mas com as limitações da surdez e da fala. [...] Decidi que iria unir o útil ao agradável: meu irmão sem mulher, solteiro, eu divorciada sem homem, iria seduzí-lo para transar.Estava decidida. [...] Viramos namorados, amantes, marido e mulher. (conto 1)

(20) Eu sou considerado galinha e um cara muito safado mais sempre respeitei muitos as mulheres da minha familia.. [...] tive a presença ilustre da minha mãe [...] Naquela hora não sei o que me deu, mais minha vontade era agarrar a mesma e usufruir daquele corpo que com seus 40 anos surpreendia quem a olhava. [...] e desde então ela se tornou minha amante. (conto 3)

(21) Resolvi fazer mestrado e recebi apoio de todos especialmente desse meu cunhado, doutor muito estudioso que se propôs ser meu co-orientador. Até aí tudo normal e perfeito. [...] Depois de uns meses [...]. Resolvi seduzi-lo. [...] Desde então sou amante dele. (conto 5)

(22) [...] Comecei a relatar minha vida a dois com meu filho. Passamos a viver como se realmente fossemos casados [...] claro que nosso comportamento era bem discreto, afinal temos uma boa diferença de idade. [...] Mas ele além de ter muito ciúme de mim, diz que sou sua mulher, namorada, amante. (conto 9)

(23) [...] foi surpreendido, pela minha irmã Vania [...], perguntei [...] o que ela queria que eu fizesse, pra ela esquecer o que tinha visto, Vania [...] me fez uma oferta, eu deixo você me ver pelada [...], eu fiquei maravilhado [...].Vania me deu um longo beijo na boca e me disse, mesmo depois que eu e você, nós casarmos eu quero continuar sendo sua amante. (conto 15)